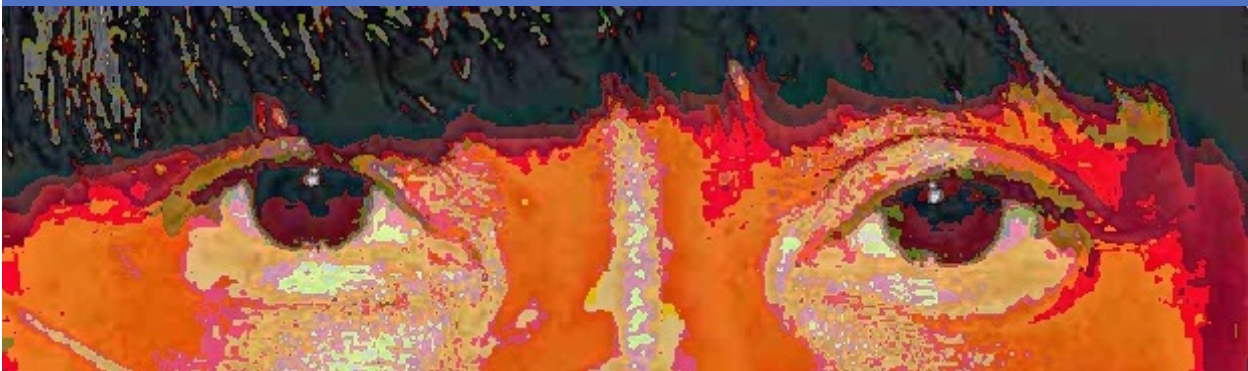


LEETRA INDÍGENA

REVISTA DO LABORATÓRIO DE LINGUAGENS LEETRA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Volume 02 - Nº 2 - 2013

ISSN: 2316-445X



Antologia dos Morõgetás: Olhares indígenas



LEETRA INDÍGENA
REVISTA DO LABORATÓRIO DE LINGUAGENS
LEETRA/UFSCAR

VOLUME 02 - Nº 2 - 2013

Universidade Federal de São Carlos

Reitor

Prof. Dr. Targino de Araújo Filho

Vice-Reitor

Prof. Dr. Manoel Galetti Junior

Universidade Federal de São Carlos - Campus São Carlos
Rod. Washington Luís, km. 235 - Departamento de Letras - Sala 07
CEP: 13.565-905 - São Carlos - SP
Telefone: (16) 3306-6510
www.leetra.ufscar.br | grupo.leetra@gmail.com

Tiragem desta edição: 1000 exemplares

LEETRA INDÍGENA. v. 2, n. 2, 2013 - São Carlos: SP: Universidade
Federal de São Carlos, Laboratório de Linguagens LEETRA.

Periodicidade semestral.

ISSN: 2316-445X

1. Literatura indígena 2. Literatura brasileira 3. Sociedades
indígenas brasileiras.

A revista aceita contribuições de estudos, resenhas e outras, dentro da sua especialidade.

ISSN 2316-445X
Volume 02 - Nº 2 - 2013

LEETRA INDÍGENA

Revista do Laboratório de Linguagens LEETRA
Universidade Federal de São Carlos

Rev. LEETRA Indígena	São Carlos-SP	v. 02	n.2	pp.1-110	2013
----------------------	---------------	-------	-----	----------	------

LEETRA Indígena

Revista do Laboratório de Linguagens LEETRA
Universidade Federal de São Carlos - SP - Brasil
Volume 02 - N. 2 - 2013 - ISSN 2316-445X

Conselho Editorial

Daniel Monteiro Costa (Munduruku)
Maria Sílvia Cintra Martins
Rosilene Pereira Fonseca - Rosi Waikhon (Piratapuia)

Editora

Maria Sílvia Cintra Martins

Projeto gráfico e Diagramação

Paula Ferraz Pacheco

Revisão

Maria Sílvia Cintra Martins
Paula Ferraz Pacheco

Imagens da capa

Daniel Munduruku

Imagens

Roni Wasiry Guará

Agradecimento

Agradecemos a especial colaboração do escritor Yaguarê Yamã
pela seleção dos textos desta antologia.

Endereço para correspondências

Universidade Federal de São Carlos | Laboratório de Linguagens LEETRA
Rod. Washington Luís, km. 235 - Departamento de Letras - Sala 07
CEP: 15.566-905 - São Carlos - SP | Telefone: (16) 3306-6510

Pedido de assinaturas e envio de artigos para

www.leetra.ufscar.br | grupo.leetra@gmail.com

Apoio

Grupo de Pesquisa LEETRA
Linguagens, Etnicidades e Estilos em Transição (CNPq)

CAPES/PAEP

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Auxílio a eventos

SUMÁRIO

Editorial	09
<i>Maria Sílvia Cintra Martins</i>	

Apresentação	11
<i>Daniel Munduruku</i>	

Olhares indígenas

Ademário Payayá	13
Ailton Krenak	17
Aurilene Tabajara	21
Caimi Waiassé Xavante	24
Cristino Wapichana	26
Daniel Munduruku	29
Edson Kayapó	31
Edson Krenak	36
Eliane Potiguara	41
Elias Yaguakãg	46
Jaime Diákara	48
Jerá Giselda	50
Lia Minapoty	55
Manoel Fernandes Moura	58
Naine Terena	60
Olivio Jekupé	62
Roni Wasiry Guará	67
Rosi Waikhon	73
Severιά Idoriê	74
Tiago Haki'y	78
Uziel Guaynê	83
Verônica Manauara	85
Yaguarê Yamã	87

Outros olhares

Antônio Fernandes Góes Neto	92
Raphael Crespo	97

Resenhas: um olhar crítico

Contos da Floresta	103
Um dia na aldeia	104
Tekoa, conhecendo uma aldeia indígena	105
Ipaty o curumim da selva	106

EDITORIAL

A revista LEETRA Indígena é uma publicação do Laboratório de Linguagens LEETRA sediado no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos/UFSCar.

Com periodicidade semestral, comporta resultados de pesquisa, de discussões e reflexões em andamento no Grupo de Pesquisa LEETRA (CNPq), que abriga, entre outras, a linha de pesquisa “Estudos em Literatura Ameríndia”. Vale notar que a presença, desde o ano de 2008, de graduandos indígenas na UFSCar tem sido um dos principais motivadores da existência dessa linha de pesquisa, ao lado de outras como “Tradução e Transcrição” e “Letramento e Comunicação Intercultural”.

A revista LEETRA Indígena busca, de resto, preencher o espaço hoje necessário do reconhecimento progressivo da importância e da validade da literatura que vem sendo produzida milenarmente por povos indígenas em território nacional, sem que ainda lhe tenha sido conferido o valor correspondente.

O primeiro número manteve o enfoque especial no evento “I Caxiri na Cuia”, também promovido pelo Grupo LEETRA, com a duração de dois dias, em 2012. Já este segundo número resulta, em parte, do evento «II Caxiri na Cuia», que se deu em maio de 2013, com mesas-redondas e saraus em torno da temática da Literatura Indígena, e estendeu-se por cinco dias, contando com a presença do escritor chileno Elicura Chihuailaf e a ampliação para um caráter regional. Devemos, no entanto, muito do que é apresentado ao leitor neste volume à contribuição de um grupo de escritores indígenas brasileiros que se juntou para a composição de uma coletânea especial, à qual deram o nome de «Antologia dos Morõgetás».

Agradecemos a todos que contribuíram com esta edição, seja na participação no evento “II Caxiri na Cuia”, seja pela submissão de trabalhos, na participação na Comissão Editorial, no Projeto Gráfico e na Diagramação, seja, ainda, na concessão das fotos e dos grafismos aqui presentes.

APRESENTAÇÃO

Daniel Munduruku

Nossa literatura está intrinsecamente ligada à nossa compreensão cosmológica. Ela não é redutível a conceitos ou definições capazes de fazer descrições sobre possibilidades de se encaixar aqui ou ali. Ela é um modo de se posicionar em um mundo em constante mutação. Não necessariamente ao mundo atual e às suas transformações. Nossa literatura é anterior ao quadradismo ocidental e à mesquinharia capitalista; ao endeusamento do indivíduo em detrimento do coletivo; ao encapsulamento dos conceitos promovidos pela escrita; ao esfacelamento do humano a favor da máquina. Nossa literatura está além das cosmologias étnicas trazidas pelas ciências humanas que deformaram as essências colocando em seu lugar aparências conceituais criadoras de divisão.

Nossa literatura não está limitada pela escrita. Ela é também silêncio. Ela também é meditação. Ela é sons de mata, de água, de bicho, de espíritos ancestrais, habitantes de um mundo sensível. Ela é feita de batidas rítmicas de pés no chão acolhedor; é feita de entoações de cantigas imemoriais; de corpos marcados por registros de histórias vivas; de adornos que embelezam os corpos e trazem a lembrança de que somos partes do todo.

Nossa literatura é um canto de resistência; é grito contra um sistema egoísta e individualista; é um choro desesperado de quem sabe que precisamos de todas as formas de vida e de que todas as formas de vida precisam de nós. É lamento contra a dor do preconceito; contra o preconceito de cor, de raça, de ritos. Ela é um instrumento que toca contra as injustiças cometidas contra os primeiros povos e contra os primeiros seres. Ela é um sonoro **sim** pela vida e um estrondoso **não** contra todas as formas de discriminações que ainda se vêem grassar por todos os recantos desse nosso lindo país.

Nossa literatura vai além dos ismos, vai além das logias, está acima das demagogias militantes. Ela é, enfim, nosso jeito de atualizar as lutas de nossos antepassados. É nosso pedido de solidariedade. É nossa forma de agradecer às gentes que bem antes de nós se sacrificaram para que pudéssemos viver o atual momento. É também nosso compromisso com o hoje, o agora que nos desafia a ser criativos para continuarmos não permitindo que a ganância destrua o que, na verdade, é patrimônio de todos nós: a natureza que faz desse país nosso lar.

Esta antologia que agora está em suas mãos num formato de revista traz tudo isso num único volume. Aceite-a como um apelo que fazemos para que conheça e pratique a herança cultural de nossos povos; pratique e amadureça seu espírito; amadureça e nunca mais abra mão de sua humanidade. Ela se constrói no encontro, pelo encontro e pela certeza do pertencimento à grande teia da vida.

ADEMÁRIO PAYAYÁ

Baiano de Miguel Calmon, filho de Alberto Severiano Ribeiro. Pela origem de sua mãe Amélia Souza Ribeiro, se autorreconhece Payayá. É pedagogo, escritor, poeta, teatrólogo, diretor teatral, educador ambiental, pesquisador dos povos indígenas, fundador das associações: ARUANÃ (socioambiental), Diroá-AssEARIn (Escritores e Artistas Indígenas), entre outras.

Blog: ademarioar.blogspot.com (Pensamentos e suas Fronteiras)



FOMOS E SOMOS

QUANDO o nosso coração de ÍNDIO era pássaro
Voávamos por céus e mares
com TEMBETÁ fulgurante.
A Terra não era de ninguém:
– ERA DE TODOS
E nos habilitávamos através dos Cantos Banhos
Danças Músicas Desenhos Ervas e Pajelaças!

FOMOS uma GENTE que
Através de Monangareté -
“Força Criadora” e seu Sopro Mágico,
– ganhávamos a VIDA!...
FOMOS uma GENTE que se originava
Num Lago Encantado
FOMOS uma GENTE que se originava
Numa Terra do Céu
FOMOS uma GENTE que se originava
Numa Pedra Grande
FOMOS uma GENTE que se originava
e ressuscitava dos “toros” sagrados do KWARUP!

FOMOS uma GENTE
Artesã - mítica – e - mística
Que coletava - caçava - plantava
E conhecia e CULTUAVA
Uma Sabedoria Milenar
E com as Marés Rios Astros Ervas Plantas
Uíaras Curupiras Heróis e Espíritos
Vivíamos em HARMONIA e
TUDO era CULTO de VIDA!

FOMOS milhões e milhões de irmãos
Distribuídos Nas Terras do Pau-Brasil
E puros dividíamos
Kará Mandioka Koyá e Kauim!

FOMOS belos e fortes e "DEUS" era
Maira Namandu Omamanì Karu-Sakaibê
Ninhò Ñhendevuruçu Iprere Kananciuê Mavutsinim
(nunca o azuado AUÊ do trovão "Tupã"!)

FOMOS mãos dadas pelas
ALDEIAS nas FESTAS
Para PLANTAR para COLHER e para DISTRIBUIR os FRUTOS
À Criança ao Moço à Moça ao Ancião
E nos enfeitávamos de PENAS FLORES MEL e PICUMÃ...

MAS, COBRA GRANDE
Se aliou a ANHANGÁ:
E haja caravelas cancos
Cruzes e arcabuzes!
Atarantaram as Tribos de Pindorama/Abiyala
Em nome dos "progressos" dos reis da Coroa Portuguesa:
(Violaram - saquearam - Mistérios e Sonhos Sagrados
Inventaram – instituíram vícios doenças e "pecados!")
Bandeirantes, bandoleiros históricos, roubaram e destruíram
O Império Mágico das ÁGUAS SÓIS TERRAS E ARES!
Estupraram as nossas FILHAS
Aterrorizaram as nossas CRIANÇAS
Esquartejaram os nossos MOÇOS
Humilharam os nossos AVÓS
Como nos FAROESTES!...

O LUCRO abriu estradas sem-fim
E nas margens de AMERÍNDIA pesadelavam ali-aqui
Seus FILHOS - (nossos) IRMÃOS
Embora sonhássemos Montezuma
Che Lampião Tupac Amaru
Sandino e Conselheiro...

De tanto explodirem nossas cabeças
Nas bocas dos canhões por tantas Tordesilhas e Capitánias
o Sol e a Lua – Irmãos gêmeos – partiram ARURU para os céus!

Serpente Civilizatória
Envenenou contra ÍNDIO:

Juiz Cachaça UDR FUNAI grileiro
Posseiro mineiro madeireiro seringueiro
E ainda Rouba o Mundo Novo inteiro!

SOMOS muitos os Ajuricaba
Maroaga Marçal Sepé
Zumbi Katari Ângelo Kretã e Pankararé
Nesses CINCO SÉCULOS de RESISTÊNCIAS e EMBOSCADAS
SOMOS muitos os dos Guetos Cárceres Canaviais Mocambos
Sertões Cidades Quilombos Favelas
Buscando em Saga e Vigília:
Yby Marã-e'yma: "Terra Sem Males!"
Por todos os já TOMBADOS e REDIVIVOS na VIDA
Dos que ESTÃO e dos que VIRÃO:
Abá am-iõ-te!

"Índio vai continuar de pé!"

AS COISAS COMO ELAS SÃO

Se aprende na escola
Que casa de índio é OCA
(isso se for para os Tupi)
e é que também cola
se for para os Wayãpy.
Aonde Yanomami se toca
É bom não confundir:
Ele chama de MALOCA
Mas para os Xavante é RI
Para os Pataxó é PÃHÃI
É SETHE para os Fulniô
Para os Karajá é HETÔ
Para os Munduruku é UKA...

E para os Yawalapiti?
E para os Txukahamãe?
E para os Kiriri?
E para os Krahô?
E para os Maxakali?
E para os Xakriabá?
E para os Kaaeté?
E para os Tuxá?
E para os Kantaruré?...

É bom não se confundir
Não é um FEBEAPÁ
E não se fica em pé
Quando seguro não está!!!

Muito que se resgatar
Para se prosseguir
Muito que se reutilizar
Para se garantir
Muito que se reciclar
Para se redistribuir
Muito que se preservar
Para se existir
Para se existir
As coisas como elas são
É preciso reaprender
Aprender a antiga e nova lição!



POVO PAYAYÁ

O povo Payayá falava a língua kiriri – tronco linguístico macro-jê - pertencia à grande nação dos Kiriri, vivia desde tempos imemoriais nos sertões da Bahia, mais adensadamente nos municípios que na atualidade conhecemos por Miguel Calmon, Jacobina, Utinga - no Piemonte da Chapada Diamantina, nessa região como um todo, contudo, relatos apontam para suas movimentações em diversas regiões desse estado. O povo Payayá resistiu aos projetos da colonização que tantas bandeiras enviou para exterminá-lo. Pela defesa dos seus territórios, esse povo como os demais de origem macro-jê, à época, foram chamados de “muralhas do sertão”.

Na atualidade, em busca de projetos autossustentáveis na regiões da Chapada Diamantina há movimentações de autodeclaração e de autoafirmação da identidade Payayá, com destaque nos municípios de Utinga (Cabeceira do Rio), Pojuca (Riacho das Pedras), Morro do Chapéu, Porto Seguro (Arraial da Ajuda) e em Salvador. População estimada em 500 pessoas.

Bure'du po'o! “Muito obrigado!”.

(Kiriri/português)

* Componentes da Poética Poranduba, Eco-Étnica, de Ademario Ribeiro, 2001, Salvador - Bahia, Edição do autor.

AILTON KRENAK



Escritor e ativista indígena pertencente à etnia Krenak, de Minas Gerais. Desde a década de oitenta, é um dos mais destacados líderes do movimento indígena. Ajudou a criar o UNI – União das Nações Indígenas. É apresentador de programas de vídeo e televisivo de temática indígena. É Comendador da Ordem do Mérito Cultural da Presidência da República.

Livro publicado: “O lugar onde a terra descansa” (memória/pesquisa) e muitos artigos e entrevistas ao longo de 30 anos de militância política e cultural

Sobre índios & Fronteiras: comentários e reflexões.

Os títulos «**História dos Índios no Brasil**» e «Os Povos Indígenas do Brasil e sua História», dizem obrigatoriamente coisas distintas.

No livro “História dos Índios no Brasil”, organizado pela Professora Dra. Manuela Carneiro da Cunha, a escolha do título foi intencionalmente marcada pelo «no», **indicativo de lugar**, ao invés de “do Brasil” que indicaria **pertencimento** ao Brasil.

Minha percepção da história dos povos indígenas vai neste sentido: estamos no Brasil. E em alguns casos até além de suas fronteiras geopolíticas ou geográficas. Além das fronteiras, em movimentos de ir e vir, cruzando de lá pra cá, o que aliás tem a proteção de uma Convenção Internacional, a denominada Convenção 169 - que trata do direito de povos indígenas no mundo atual, com suas fronteiras políticas, exatamente visando dar as garantias necessárias a membros ou grupos pertencentes a estas populações tribais nos Estados Nações onde vivem, assegurando o livre trânsito entre as fronteiras nacionais. Nós temos visto a questão transfronteiriça que envolve a nação Guarani, por exemplo, com suas várias famílias migratórias transitando nas bordas do Brasil, Argentina, Paraguai e Bolívia. Além de outros povos, como os Ticunas, na fronteira com Colômbia e os Tukanos, também na fronteira Colombiana, ou os Ianomâmis que têm a Venezuela e Brasil como seu grande território de perambulação. Isto aceito e reconhecido como legalmente protegidos por leis nacionais e internacionais. Esta Convenção 169 vem somar com a nossa Constituição de 1988 um conjunto de garantias formais aos povos indígenas no Brasil. Além de estabelecer a obrigatoriedade dos governos nacionais respeitarem os direitos originários destes povos, garantindo instrumentos de participação direta de seus representantes nos fóruns de decisão sobre assuntos de seus interesses, determinando o processo de **consulta prévia e informada** em todos os casos que afetam interesses de Povos Indígenas. Outra importante novidade que revoluciona a relação dos Estados Nacionais com os Povos Indígenas ou Tribais – é que não cabe mais a um agente público, o governo de um país ou seus funcionários DECIDIR ou declarar que um determinado grupo de pessoas seja ou não ÍNDIOS... Este passa a ser um ato de declaração própria ou AUTODECLARAÇÃO...

Então, qual o detalhe que estou focando com este, «no Brasil», ao invés de «do Brasil»...?!

Somos nós Povos Indígenas anteriores, no tempo, à configuração geopolítica que temos de nosso país, o Brasil. Pois não temos, obrigatoriamente, que termos nos originado ou surgido dentro deste mapa do Brasil para sermos reconhecidos como Povos Indígenas no Brasil.

Mesmo nas cartas régias, tratados e acordos pré-fundação do Brasil fomos aceitos e reconhecidos com um direito originário, de filhos da Terra.

Nativos portadores de um indigenato - direito natural de origem.

Ainda nos primórdios das conquistas das novas terras, as Américas que incluíam o norte e sul deste continente, como também toda a região da América Central, o Rei D. Henrique, de Portugal, já dava decisão real à questão sobre a quem pertenciam estas gentes naturais que viviam neste continente, alertando aos novos conquistadores que deviam respeitar a liberdade destes povos que eram, de certa maneira, portadores de um direito «primitivo» nestes lugares onde viviam, não podiam ser tomados como escravos e nem aniquilados como inimigos em guerra...

Somente no período colonial adiantado, com as disputas entre Portugal/Espanha e outros reinos europeus é que estes acordos foram rompidos e virou *pau na geral*, com bandeiras de todas as cores se abatendo sobre as terras e recursos destes povos nativos sem qualquer regulação, guerra de conquista, guerra de assalto contra os povos nativos das Américas. Isto foi o período colonial, de 1560/1860 aproximadamente.

Povos do litoral foram empurrados para o sertão mais distante, com a passagem de grupos Tupi do litoral indo parar no que é hoje a bacia do rio Xingu, nos corredores entre os rios Tocantins e o rio Araguaia...

Este movimento de sanfona, empurrando gente de um oceano ao outro fez muita gente que vivia nas bordas do Andes, Bolívia, Pantanal, Paraguai e mesmo lá embaixo na Argentina fazer movimentos migratórios inimagináveis para aquele tempo em que temos a sugestão de pensar que estava tudo quietinho no seu lugar...

Mesmo depois da colônia estes movimentos e deslocamentos de povos inteiros não parou, sendo que as motivações para *fazer descidas* de índios agora já eram outras, com o surgimento de novas atividades econômicas e necessidade de mão de obra, que para estes novos serviços era buscada também nas terras indígenas, mão de obra indígena escrava...

Isto, até a metade do século XX, outro dia mesmo! Famílias e grupos indígenas inteiros, eram transferidos de um lugar para outro somente para atender a necessidade de mão de obra de um empreendimento qualquer que algum aventureiro inventava, sendo que na maioria das vezes tinham os governos locais como sócios. Muitas vezes o próprio governo central... Quer dizer, o Brasil.

ÍNDIOS NO BRASIL

Creio que já justifiquei a escolha do título, «Índios no Brasil». Então, podemos começar a olhar como esta história mais recente dos povos indígenas no Brasil tem se desenhado, digamos, com alguma participação dos próprios índios.

Antes, gostaria de lembrar que esta palavra «povos» - que vem sendo aplicada para indicar “nação” ou grupo indígena, ou mesmo tribo - é produto de um movimento de *correção política* que veio dar na expressão «*politicamente correta*» de tratamento a

grupos humanos historicamente discriminados e dominados pelas potências, que só muito recentemente passam a ter este tratamento meio hipócrita, mas extremamente político de igualdade racial, igualdade de gênero e outras correções na linguagem, mas que nem sempre são acompanhadas de mudança de pensamento, ou das mesmas práticas discriminatórias. Verdade seja dita que nos sentimos melhor tratados, mesmo quando sabemos que adotam estes termos constrangidos pelas normas ou obrigados por lei, que pune com multa e cadeia a quem desafiar estas novas exigências no tratamento com pessoas ou grupos em desvantagem...

Indigenismo Brasileiro - Rondon e o SPI-Serviço de Proteção ao Índio

Assembleia Nacional Constituinte de 1988

Mesmo com a ação indigenista humanitária de Cândido Mariano Rondon e seus colegas de farda, a maioria deles oficiais do exército brasileiro, os povos indígenas entraram no século XX com perdas de seus direitos originários para os colonos das novas terras no Brasil.

Em 1911 com a criação deste Serviço de Proteção aos Índios, foi também estabelecido um serviço de Localização de Trabalhadores Nacionais - junto com o SPI - que tinha a missão de estabelecer as colônias, na sua maioria em territórios indígenas...

Com uma mão marcavam os novos limites das fronteiras nacionais, e com a outra arrebanhavam os índios em áreas controladas por agentes públicos, inspetores de índios, administradores, tutores que passavam a ter o poder de dispor das terras, alugar, arrendar e mesmo deslocar os índios de um lugar a outro dependendo das motivações que moviam os tais inspetores de índios. Cargo honorário no começo e mais tarde função remunerada para servidores do Estado. Com o tempo foi se constituindo carreira para os chamados indigenistas, sertanistas como os irmãos Villas Boas, por exemplo...

Até aqui, temos política indigenista, mas sem a participação dos povos indígenas. Como podem observar, os protagonistas são todos brancos ou quase brancos, pois Rondon seria filho de índia Bororo, com forte ligação com seus parentes do Mato Grosso, e interessado na sobrevivência dos povos indígenas com quem travou contato.

Para o professor Darci Ribeiro, grande mestre e pensador da questão indígena, Rondon foi o divisor no tempo da história das relações entre os índios e a administração do governo brasileiro. É do Rondon, quando ainda coronel, a frase que firma o lema dos encontros com as populações que viviam na selva, sem contato com os "brancos"... *Morrer se preciso for, matar nunca!*"

Mesmo que os índios que encontrassem pela frente estivessem prontos para o ataque ou defesa contra a intrusão da expedição de contato, Rondon alertava seus soldados que não reagissem, mesmo diante do risco de morte...

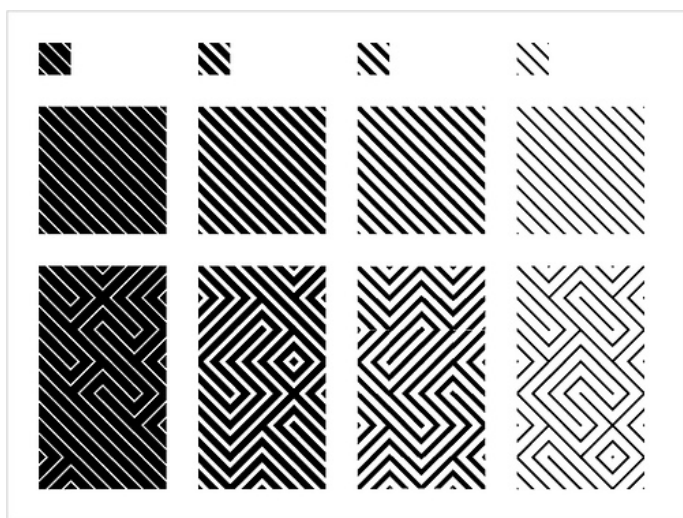
Esse indigenismo imperou nas relações de agentes do governo e os povos indígenas em contato e pacificação com vistas à integração dos índios, sua fixação em alguns locais, com a instalação de alguma estrutura administrativa, posto de vigilância em



fronteiras e controle sobre os grupos indígenas contatados.

Esta ideia de integrar os indígenas tinha embutida a intenção de liberar as terras por eles habitadas para a colonização, exploração de minério, madeira, recursos naturais nelas existentes. Integrar era o lema da ditadura militar desde o final dos anos 1960 até 1980, causando a reação indígena que pela primeira vez na história recente do país criou as condições para a formação de uma ampla mobilização social que permitiu que estas populações entrassem na história do Brasil, pela porta da Constituinte de 1988, onde cessa o discurso e a prática da integração ou emancipação que vinha desde Rondon, recolocando a questão da identidade. Povos indígenas, comunidades indígenas e mesmo o termo nações indígenas voltam a ter sentido no debate nacional, confrontando a visão dos militares e dos fazendeiros donos de terras, empresários da mineração e políticos representantes da classe dominante, que se viram ameaçados com a ideia dos Direitos dos Índios. Infelizmente a própria FUNAI que à época era dominada por coronéis e indigenistas corruptos, tendo como presidente no período decisivo da constituinte o atual senador por Roraima Romero Jucá Filho, jogou toda a sua força política contra o movimento de liberação dos povos indígenas, chegando a propor um substitutivo ao texto dos Direitos dos Índios que foi vitorioso na Constituinte de 1988, e teve a honra de defender em plenário com ampla aprovação daquela Assembléia Nacional Constituinte.

São estes Direitos que temos lutado para que sejam aplicados e respeitados com a necessária criação de legislação ordinária, regulando coisas como uso do subsolo, recursos hídricos e o novo Estatuto das Sociedades (Povos) Indígenas...



POVO KRENAK

Botocudos ou Krenak, sempre estará se referindo aos Burum - ou seres humanos, como é referido em toda a literatura do séc. XIX e XX. Povo indígena originário da região de serras e vales dos rios Doce e São Mateus nos atuais estados de MINAS GERAIS e ESPÍRITO SANTO que impediu a entrada dos colonizadores nesta região de florestas do rio Doce até o século XVIII. Com população estimada em aproximadamente mil pessoas, tem aldeias em Minas Gerais, São Paulo e Goiás.

AURILENE TABAJARA



Natural do Ceará, é tradicional do povo Tabajara-Calabaça de onde herdou seu amor à terra e à palavra. Aprendeu a escrever utilizando as trovas e o famoso cordel com o qual se comunica buscando alertar as pessoas sobre o respeito à terra e à identidade indígena. É professora e poeta. Já publicou vários livros em cordel e participou de antologias literárias.

UM TRISTONHO PASSARINHO

SOU UM SIMPLES PASSARINHO
VIVO SOMENTE A CHORAR
MEUS AMIGOS DA FLORESTA
SOFREM TAMBÉM SEM PARAR
PROCURO NAS NOITES MEU NINHO
NÃO ALEGRO MAIS O VIZINHO
NAS MADRUGADAS A CANTAR.

O HOMEM QUE TANTO AMO
MINHA ASINHA QUEBROU
COM O PRETO DA FUMAÇA
MEU PULMÃOZINHO QUEIMOU
MEU BIQUINHO ESTÁ SEM FORÇA
JÁ NÃO BEIJO MAIS A MOÇA
QUE PARA MIM SEMPRE OLHOU

MEU PENACHO JÁ NÃO BRILHA
O SOL ESQUENTOU DEMAIS
MINHA SEMENTE NÃO NASCE
NO MUNDO VEJO OS SINAIS
A TERRA SE DESMANCHANDO
OS PÁSSAROS SE ACABANDO
E O HOMEM NÃO VOLTA ATRÁS.

NOS RIOS NÃO VEJO MAIS
ÁGUA LIMPA PRÁ BEBER
LIXÃO NO MEIO DA RUA
QUE TODA HORA SE VÊ
EU PARA ME REFRESCAR
VÔO SOBRE O AZUL DO MAR
PRO CALOR NÃO ME VENCER.

SEM FLORESTA EU NÃO VIVO
EU NÃO VIVO COM DINHEIRO
NÃO VIVO EM AR POLUÍDO
NEM PRESO COM ALPISTEIRO
NASCI LIVRE PARA VOAR
PARA O MUNDO MULTIPLICAR
NÃO VIVER EM SUJO AGUACEIRO

QUERO DIZER PRAS CRIANÇAS
QUE NUNCA MALTRATEM NÃO
UM PASSARINHO COITADO
QUE NÃO PODE TOMAR DECISÃO
SOU SOMENTE UM PASSARINHO
QUE QUERO TER O MEU NINHO
NAS NOITES DE CHUVA E TROVÃO.

A resposta todos sabem

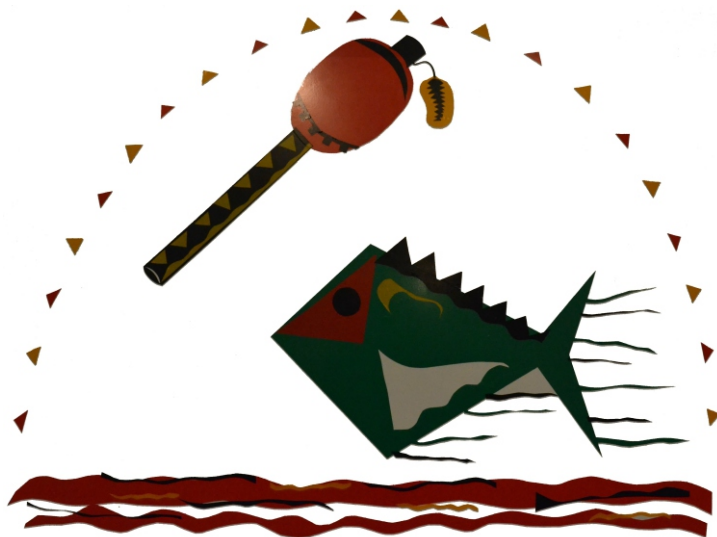
A terra está em perigo
Montanha está desabando
Em risco está nossa vida
O sol e a terra queimando
Rios descendo em mar de lama
Nossa floresta em chama
Tudo se desmoronando.

Quem será o responsável?
Ser humano ou natureza?
O Deus que manda a chuva
Que criou toda beleza?
Ou quem quis ser valentão
Construiu sem atenção
Numa terra sem firmeza?

Hoje o caminho das águas
Cheios de poluição
Sem vagas para passar
Causando destruição
Pessoas, tudo morrendo
Quem fica diz: estou sofrendo
Sozinho na imensidão

Assusta a indiferença

De quem diz: Não é comigo
Talvez seja o fim de mundo
Ou não sei, talvez castigo
Acorde você meu irmão
Caridade e compaixão
Mesmo dentro do perigo.



POVO TABAJARA

Os Tabajara possuem uma história de sucessivas migrações, devido a constantes conflitos de terras. Os Tabajara que vivem em Crateús são provenientes das serras vizinhas, principalmente a serra da Ibiapaba, e tiveram que migrar para a periferia da cidade, foragidos da opressão exercida pelos fazendeiros que invadiram suas terras. Dividem-se em sete comunidades. Recentemente, um grupo de 15 (quinze) famílias dos Lira migrou para a cidade de Quiterianópolis, onde encontraram melhores condições para viver, de acordo com seus costumes indígenas. Ficaram conhecidos como os Tabajara de Fidélis. Nesta mesma cidade encontram-se mais três comunidades Tabajara: Vila Nova, Croatá e Vila Alegre, todas na área rural.

Os tabajaras de Poranga residem na Aldeia Imburana, que fica próxima à cidade e também na Aldeia Cajueiro, distante 38 quilômetros de Imburana. Esta aldeia, de 4.400 hectares, foi fruto de uma retomada, sendo hoje habitada por nove famílias, entre Tabajara e Kalabaça, e igualmente aguardam a regularização da terra indígena.

Entre suas instituições, existem o Conselho Indígena dos Povos Tabajara e Kalabaça de Poranga - CIPO, importante instrumento de organização e luta; a Associação de Mulheres Indígenas Tabajara e Kalabaça (AMITK) e a Escola Diferenciada Indígena de Poranga.

CAIMI WAIASSÉ XAVANTE



Caimi Waiassé Xavante é indígena do povo A'UWÊ UPTABI (Xavante) da Aldeia Wede'rã, TI Pimentel Barbosa, estado do Mato Grosso. Tem se destacado como realizador indígena e produzido diversos filmes tendo como objeto seu próprio povo e sua milenar tradição.

Dapoto hawi romadö: Olhar através da lente

Os anciões falam que o uso da tecnologia veio para complementar como contar a história, pois os A'UWÊ UPTABI (Xavante) são tradicionalmente detentores da história oral.

Essas ferramentas tecnológicas que chegaram às aldeias de nosso povo são bem vindas, e sua importância os anciões já sacaram. Sabem que os jovens são atraídos com facilidade por essas ferramentas estranhas e ao mesmo tempo indispensáveis, mas que podem estar cheias de armadilhas, pois assim como podem ajudar a manter nossa cultura, podem contribuir para seu fim.

Cientes disso, nossos velhos querem deixar sua mensagem. E é nessa mensagem que os jovens devem estar atentos: Aproveitemos o momento, porém sejamos sábios.

A tecnologia moderna serve não só para preservar a tradição, mas, também, para que os estudiosos indígenas possam estudar as mudanças que vêm acontecendo tanto na parte física quanto cultural das aldeias. Os velhos sabem que a cultura é dinâmica, e sempre falam que a nova geração vai ter que lidar não só com as coisas que chegam, mas também com aquilo que nos limita, porque estamos cercados por fazendas e cidades. Já na época do Mário Juruna Xavante, com seu gravador, ele deixou bem claro que a máquina chegou para servir de aliado, para não desviar os relatos.

No Brasil, as pessoas falam num “índio” genérico e de um índio que, se existiu, já deixou de viver há tempos – uma ideia de índio que não mostra a realidade e só faz confundir a cabeça dos brasileiros ou o que é pior, mantém o preconceito e ideias estereotipadas sobre eles.

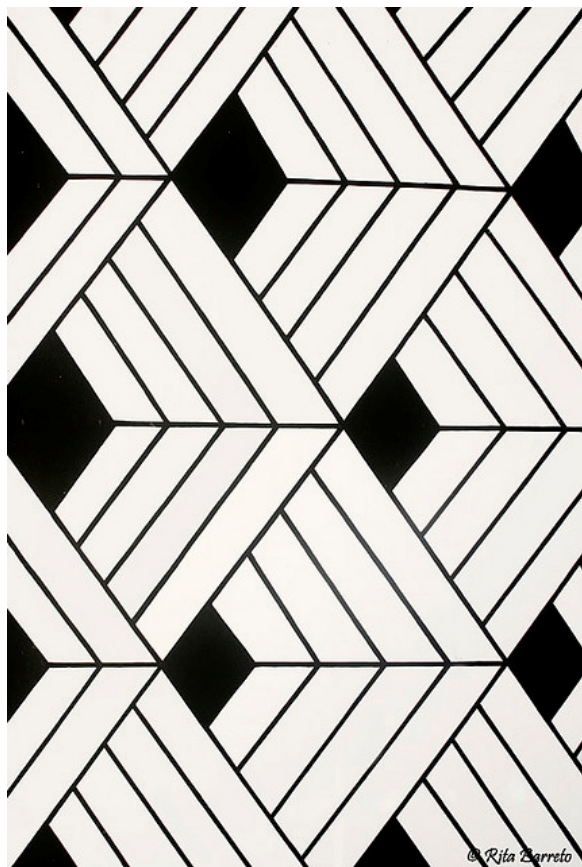
Quando o assunto é o índio, a mídia sempre esteve a serviço da ignorância ou de quem tem interesses duvidosos. Mas com o vídeo nas mãos do indígena, o negócio é outro, as pessoas passam a ver o indígena com mais respeito, nisso o universo expande. Por exemplo: Passam a distinguir o A'uwê uptabi (Xavante) - que é aquele que usa pauzinho na orelha - dos demais. Quem o vê na televisão, já reconhece, isso já é um grande avanço para um país que, apesar de já ter mais de quinhentos anos, sempre ignorou nossa diversidade.

Nos últimos vinte anos os *DAPOWA* (cineastas indígenas) têm feito trabalhos audiovisuais em várias regiões, divulgando quem somos e também onde estamos para poder mostrar através de vídeos os trabalhos produzidos por diferentes povos indígenas no Brasil.

Revendo as imagens de arquivo, aquelas imagens históricas do contato, e colocando essas imagens em contato com as imagens que produzimos agora, podemos

perceber as transformações muito claramente. Quando apresentamos um trabalho, as crianças perguntam muito se esses índios existem mesmo. Os livros didáticos nos mostram como a gente era antigamente, ou seja, nesses livros nós não existimos mais. O vídeo vem acabar com essa distorção, diminuindo o preconceito e a desinformação sobre a população indígena do Estado por meio da produção audiovisual indígena.

Nós existimos, estamos aqui, nossa terra existe e nós nunca vamos ser *Warazu* (brancos).



POVO XAVANTE

O povo xavante, autodenominado a'uwe ("gente") ou a'uwẽ uptabi ("gente verdadeira"), pertence linguisticamente à família linguística jê, a qual, por sua vez, pertence ao tronco linguístico macro-jê. Sua língua é chamada akwén. A população xavante soma, atualmente, cerca de 15.000 indivíduos distribuídos em 12 terras indígenas - todas localizadas no leste do estado de Mato Grosso, no Brasil, na Amazônia Legal.

Pintam-se com jenipapo, carvão e urucum, tiram as sobrancelhas e os cílios, usam cordinhas nos pulsos e pernas e a gravata cerimonial de algodão. O corte de cabelo e os adornos e pinturas são marcadores de diferença dos xavantes em relação aos outros, transmitida através dos cantos pelos ancestrais e partilhados com todo o povo da aldeia.

CRISTINO WAPICHANA

Cristino Wapichana é escritor, músico, cineasta com especialização em direção. Seu povo vive em Roraima. Desde 2009 mora no Rio de Janeiro, onde coordena o Núcleo de Escritores e Artistas Indígenas (Nearin).

Livro publicado: «A onça e o fogo» (contos); outros no prelo.



Brasil, mostra tua cara!

Éramos mais de 1.000 só neste território que hoje se chama Brasil. Andávamos, corríamos até cansar, guiados por nossa vontade. Podíamos realizar nossas grandes caçadas para alimentar nossas famílias e fazer nossas festas. Podíamos pescar, plantar, colher os melhores frutos e compartilhar o rico cardápio com nossos parentes. A vida era realmente vivida, sem o medo da morte, pois até ela era cúmplice da vida.

É bem verdade que nem tudo eram sombra e água fresca, mas vivíamos bem, embora houvesse algumas briguinhas internas com parentes de outros povos, às vezes por motivos amorosos, como quando um guerreiro “roubava” uma jovem indígena de uma aldeia ou de um outro povo, se fazia uma guerrinha para “celebrar” o acontecido que às vezes acabava na união de dois povos e a vida continuava a renovar e florescer...

Claro que em algumas situações a guerra era um pouco mais séria, causando destruição e captura de guerreiros que eram depois bem tratados, inclusive agraciados com uma esposa e às vezes tinham até filhos, embora não fosse o objetivo da captura, mas tanto o guerreiro quanto quem o capturou sabiam do ritual aplicado àquele guerreiro. Quem capturou falava: iremos te comer, pois seu povo comeu muitos dos nossos. O capturado respondia: meus parentes saberão disso e se vingarão. O fato é que é tudo cultural, o espírito do guerreiro servirá para fortalecer o espírito dos que irão se alimentar dele e assim os rituais servem para nos manter fortalecidos na cultura de um povo. O mais interessante, no entanto, era que o guerreiro “banquete” se dava por satisfeito em ser servido, pois assim como os inimigos se alimentariam dele, o seu povo também já havia comido parte daquele povo que agora fazia festa. Detalhe: não se comiam medrosos, covardes e se o guerreiro fugisse e retornasse para sua aldeia, era morto ou banido pelos seus. Era desonra.

As armas de guerras, a tecnologia bélica não eram superiores entre os povos e isso tornava as batalhas, se justas ou não, pelo menos equiparadas sendo o guerreiro e sua agilidade o diferencial. Mas este mundo foi abalado quando chegou a maldita pólvora e com ela a ganância, as doenças, as correntes, a cana-de-açúcar, o café, o cavalo, o boi, o chicote, a escrita, a moeda. Não foi possível interromper a força deste mal. Agora havia guerras internas e com o “civilizado” que, com a força destruidora do seu canhão, mostrava o tamanho de sua ignorância e o descaso com a vida. Não demorou muito para nomear este lugar, chamando-lhe de Brasil. Os povos indígenas começaram a ser massacrados, assassinados, escravizados e caçados, achincalhadamente denominados “selvagens”. Foi assim que começou um extermínio sem precedentes...

Os saques de metais e pedras preciosas, de madeira sangravam a terra e não havia nada que se pudesse fazer para impedir isso. Toda a vida estava sendo dizimada.

Então vieram mais coisas: Monarquia com Dom João VI e seus “dons” Pedro I e II, e pela “liberdade de uma nação recém-formada chamada Brasil, um deles até bradou orgulhosamente : INDEPENDÊNCIA OU MORTE! Grande coisa. Um nação formada a partir do extermínio de centenas de outras nações.

Foi assim que deram vida à tal democracia por aqui. Neste período, já éramos metade dos povos indígenas de 1.500, sem direito democrático nem coisa alguma pertencente à nova sociedade brasileira. O incrível de tudo isso é que este novo modelo de civilização era o modelo atrasado, resquícios refletidos da Europa, que com a visão do “AVANÇO” em função da descoberta do ferro e logo após do aço, sistematizou e oficializou o maior inimigo da humanidade: “O CAPITALISMO”.

Aí a coisa piorou. As cidades foram se formando e se criaram “necessidades”. Surgiram mais saqueadores legalizados, desta vez, com o consentimento do “POVO BRASILEIRO”: vereadores, prefeitos, deputados estaduais e federais, governadores e presidentes que passaram a “cuidar do povo brasileiro”. E para os indígenas “sujos, preguiçosos” inimigos do “progresso”, vieram os “indigenistas” a serviço dos interesses do País com nomes conhecidos como: Marechal Cândido Rondon, que levou o telégrafo e deixava um início de vilas onde passava; os irmãos Vilas Boas, que conseguiram criar o parque do Xingu, mas também deixaram suas vilas, que se tornaram cidades, que hoje continuam fazendo guerras com indígenas dessas regiões; e Darcy Ribeiro, e tantos outros que talvez tiveram as melhores das intenções em salvar os indígenas, mas, sem usar um único tiro contra eles, levaram consigo doenças e o “progresso” responsável por tantas mortes e a destruição da biodiversidade por onde passaram.

Mas a democracia tomou um golpe duro dos milicos que decidiram alavancar de vez o avanço impondo a “Ordem” e o “Progresso” e democratas tomaram um pé na bunda. Os indígenas, não nos encaixávamos em nada dentro da democracia mesmo, não fez tanta diferença a mudança de poder no sentido da palavra, mas o tal progresso abriu as estradas da morte, que provocaram chacinas de aldeias e povos inteiros por não se encaixarem nem se adaptarem ao avanço. Foi o tempo do dito popular “*índio bom é índio morto*”. Imensidões de florestas e serrados foram tombados com toda sua biodiversidade; povos indígenas inteiros foram expulsos de suas terras, levados para guetos e lugares onde não conheciam os remédios e a forma de vida, e isso causou a morte de milhares de indígenas. Os que resistiram foram excluídos e exterminados da sociedade brasileira a tiros e bombas dos militares.

Os territórios indígenas deram lugar às fazendas de bois, plantações de milho, soja, cana e uma infinidade de assentamentos desordenados de todos os tipos. Mas em 1984 o povo foi às ruas com o movimento “DIRETAS JÁ” E EM 1985 a Democracia se vingou, devolvendo o chute no traseiro nos milicos, retornando “o poder ao povo”!

Os políticos eleitos com o voto do povo retornam de seus exílios loucos para representar legitimamente o povo brasileiro. A corrupção então se torna o carro chefe de quadrilhas legalizadas altamente organizadas que desviam verbas por todos os cantos deste Brasil!

Ai entra um galã em cena para “salvar” o Brasil cada vez mais empobrecido com os altíssimos salários à custa do povo. Fernando Collor de Mello tinha acabado com os marajás do Estado de Alagoas e isso o conduziu ao vitorioso segundo turno disputado com Luiz Inácio Lula da Silva. O playboy subiu a rampa do Palácio do Planalto em Brasília, mas

na metade do mandato, foi escorraçado da presidência pelos “Caras Pintadas”.

Depois de tantos bailes na política brasileira, o massacre indígena não foi interrompido. Em 1990 a estimativa era de que havia um contingente indígena entre 300 e 500 mil espalhados, mas amordaçados por becos, vielas e restingas por este “Brasil afora”

Em meio a tudo isso apareceram as “Ongs”, as pastorais, o Cimi, as missões evangélicas, as assembléias indígenas, associações indígenas e a constituição de 1988. Com a cobertura da imprensa internacional e algumas mídias, finalmente houve “upgrade”. Os indígenas começaram a estudar para entender as Leis do Brasil, e a sobreviver. Começamos a dominar instrumentos e ferramentas tecnológicas no mundo globalizado. Hoje temos indígenas nas Universidades, Faculdades e cursos técnicos em várias áreas objetivando melhorar a vida indígena dentro e fora das aldeias, mas nada disso foi o suficiente para acabar com os assassinatos de indígenas e lideranças por todo o País, a ferro e fogo.

Hoje, segundo o último censo, somos quase um **milhão de indígenas** presentes em todos os Estados e no Distrito Federal, somando 302 povos sobreviventes, falando 180 línguas, morando num País que empresta pequenos pedaços de seu território a título de “usufruto”, para que os mais antigos habitantes deste lugar vivam sua cultura, podendo ser expulsos a qualquer momento das terras ancestrais, por ocasião de interesse da união, para exploração e utilização dos recursos hídricos ou qualquer outro interesse do País. O que deixa transparecer é que nós indígenas somos objetos inanimados, sem qualquer vínculo com esta terra e com esta sociedade formada há menos de 513 anos...

É inadmissível, em pleno século XXI, uma nação “DITA CIVILIZADA” ainda permitir que meia dúzia de fazendeiros, madeireiros, latifundiários, políticos e empresários, enriqueçam às custas da depredação e destruição da biodiversidade de florestas e outros biomas, que são patrimônios da humanidade. Como podem terras indígenas ser invadidas, violadas, sem que as autoridades políticas e o poder judiciário tomem providencias e respeitem a “CONSTITUIÇÃO”.

Brasil, você tem uma dívida extrema para com os povos indígenas deste lugar e é uma dívida histórica de atrocidades e massacres que jamais pagarão, pois não se trata de moeda, mas de vida, de dignidade, de respeito e humanidade!

Brasil, não choramos o sangue indígena que derramaram neste 513 anos, mas choramos pelos que ainda derramam.

Brasil, mostra tua cara! Mostre suas cores estampadas no rosto e ocupemos as ruas e praças como irmãos; mostre de onde vem o poder da democracia e juntos vamos impedir o massacre dos povos indígenas e dos biomas restantes do Brasil.

Brasil, mostra tua cara!

POVO WAPICHANA

O povo Wapichana habita a região nordeste do Estado de Roraima até a fronteira com a República Federativa da Guiana, com uma população estimada em 13.500 indivíduos somando os que moram no Brasil e Guiana. Os primeiros contatos aconteceram no início do séc.XVII. O tronco linguístico é o Aruak. Grande parte vive tradicionalmente em suas aldeias e são falantes da língua Wapichana. É um dos quatro povos que habitam a Terra indígena «Raposa Serra do Sol».



DANIEL MUNDURUKU



É romancista, contista e escritor de literatura infantil e juvenil. Autor de mais de 40 livros. Graduado em Filosofia, doutor em Educação pela USP e pós-doutorando em Literatura na UFSCar. É comendador da Ordem do Mérito Cultural da Presidência da República e membro fundador da Academia de Letras de Lorena, cidade onde reside há mais de 20 anos.

Livros publicados: 'Coisas de Índio' (pesquisa), 'Todas as coisas são pequenas' (romance), 'Meu vô Apolinário' (memória), 'O Karaíba' (romance), 'Historias de Índio' (infanto-juvenil), entre outros.

Você “falar” minha língua?

Estava eu numa cerimônia política em que se discutiria a implantação de políticas públicas para os indígenas da cidade de São Paulo. Eu havia sido convidado, junto com os parentes guarani da capital, para fazermos parte daquele evento.

Eu coloquei um blazer bem confortável, pois fazia frio. Enfeitei minha cabeça com um belo cocar que havia trazido de minha aldeia dias antes. Aproveitei que os parentes guarani estavam todos pintados com sua marca tradicional e fiz em mim uma pintura característica de meu povo. Assim me apresentei.

A cerimônia correu uma maravilha e todos estávamos relativamente contentes com o desfecho e a hora era de comemoração pela conquista alcançada. E foi aí que aconteceu uma cena muito surreal, coisa que se contarem a gente não acredita. Vou contar, pois a vivi.

Olívio Jekupé, escritor Guarani, e eu nos postamos de pé para observar o movimento que aquela hora estava bastante frenético. No palco do evento algumas atrações se revezavam mostrando a diversidade de manifestações culturais. Eram grupos do movimento negro, de culturas populares, ciganos, entre outros. Ficamos ali meio encolhidos e por conta do frio cruzei meus braços numa pose à la *touro sentado*. Fiquei assim imperturbável por alguns minutos até que me dei conta que à minha frente estava postada uma senhora que me observava com cara de quem não estava entendendo nada. Me olhava como se mirasse uma escultura grega de carne e osso.

Quando dei por mim e percebi a situação, fiz uma cara bem sisuda, minha melhor cara de mau e a fitei. Ela levou tamanho susto que deu um passo para trás. Depois foi se achegando até que criou coragem para falar.

- Você fala a minha língua?

Não estranhei a pergunta. Afinal, neste trabalho que desenvolvo há muito anos, aprendi não estranhar nada especialmente quando a pergunta é feita por crianças. Mas neste caso, balancei. E resolvi não responder. Pior que isso: ignorei como se não fosse comigo. Permaneci ali, de pé e com os braços cruzados exercitando minha fama de mau.

A senhora continuava postada à minha frente. Não arredou pé e também não demorou muito para que meus amigos que estavam por perto se aproximassem ainda mais para ver o desenrolar da cena. Alguns já até riam tentando adivinhar o desfecho. De repente, a senhora – que não devia ter mais de um metro e meio de altura e tinha cabelos

vermelhos – voltou ao “ataque” falando um pouco mais alto, mais lento e acompanhada de mímica.

- *Você fala a minha língua?*

Tive que fazer um esforço danado para não soltar uma sonora gargalhada. A cena era muito cômica e os parentes indígenas já não se aguentavam mais. Mesmo Olívio – que sabia o que eu estava pretendendo – não interferiu e deixou rolar. Para variar fiquei imóvel diante da pequena senhora que continuava sem acreditar que estava diante de um “selvagem” que sequer sabia se articular em português.

Mas ela precisava tirar a prova dos nove.

- *Você falar [gestos, mímicas, trejeitos bocais] minha língua?*

Nessa altura ninguém mais se aguentava. Sequer acreditavam naquilo acontecendo.

Vendo que não conseguia arrancar de mim uma única palavra em português, a nobre senhora apenas virou-se para o Olívio Jekupé e disse:

- *Acho que ele não ouve direito.*

E foi embora sem esperar nenhuma explicação.



POVO MUNDURUKU

"Munduruku» é como são conhecidos os Wayjugu - gente verdadeira. Habita, hoje, três estados brasileiros: Pará, Amazonas e Mato Grosso. Tem contato com a sociedade brasileira há mais de 300 anos e fala a língua munduruku, tronco tupi. Ficou muito conhecido na história por ser um grupo guerreiro que enfrentava com estratégia de luta as invasões de seu território tradicional. Entre seus muitos saberes tradicionais, o que ficou mais conhecido foi o hábito de cortar a cabeça de inimigos mortos em combate. Isso lhe valeu o apelido de caçadores de cabeças, o que o tornou um povo respeitado e temido. Tem uma população aproximada de 13 mil pessoas nos três estados”.

EDSON KAYAPÓ



Edson Kayapó é filho de pai Kayapó e mãe Marajoara. É doutor em História da Educação pela PUC-SP, Coordenador da Licenciatura Intercultural Indígena do IFBA/Porto Seguro e Coordenador Institucional do PIBID-Diversidade/CAPES, além de ser exímio pescador de pirarucu com flecha, no Amapá

Literatura Indígena e reencantamento dos corações

“Antes nós tinha que se calar para sobreviver. Hoje temos que falar...”
(Pajé Luis Caboclo de Almofala, do povo Tremembé, do Ceará)

O “tempo de direitos” que veio à tona a partir da constituição de 1988 trouxe consigo possibilidades potenciais de nós, indígenas, produzirmos uma literatura diferente, que ofereça ao público não-indígena histórias adormecidas, silenciadas ou pouco difundidas, mas que são fundamentais para a compreensão do que é o Brasil. Nossa literatura é um instrumento de defesa e de justiça junto aos nossos povos, é também uma produção que colabora de forma efetiva para o fortalecimento e valorização do nosso jeito de ser, além de ser lição de encantamento para o mundo em crise.

Considerando o tempo da invasão portuguesa do lado de cá do Atlântico, a realidade prática vem mostrando que, apesar de todas as dificuldades e preconceitos que os nossos povos experimentam na atualidade, é notável que os nossos antepassados já fizeram a parte mais difícil do caminho e já abriram a picada pela qual devemos seguir. Sabemos que, via de regra, os direitos formais referentes à questão indígena são “letra morta”, direitos que não se efetivam de forma objetiva, bastando verificar os artigos 231 e 232 da constituição brasileira de 1988:

Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

§ 1º - São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições.

§ 2º - As terras tradicionalmente ocupadas pelos índios destinam-se a sua posse permanente, cabendo-lhes o usufruto exclusivo das riquezas do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes.

§ 3º - O aproveitamento dos recursos hídricos, incluídos os potenciais energéticos, a pesquisa e a lavra das riquezas minerais em terras indígenas só podem ser efetivados com autorização do Congresso Nacional, ouvidas as comunidades afetadas, ficando-lhes assegurada participação nos resultados da lavra, na forma da lei.

§ 4º - As terras de que trata este artigo são inalienáveis e indisponíveis, e os direitos sobre elas, imprescritíveis.

§ 5º - É vedada a remoção dos grupos indígenas de suas terras, salvo, "ad referendum" do Congresso Nacional, em caso de catástrofe ou epidemia que ponha em risco sua população, ou no interesse da soberania do País, após deliberação do Congresso Nacional, garantido, em

qualquer hipótese, o retorno imediato logo que cesse o risco.

§ 6º - São nulos e extintos, não produzindo efeitos jurídicos, os atos que tenham por objeto a ocupação, o domínio e a posse das terras a que se refere este artigo, ou a exploração das riquezas naturais do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes, ressalvado relevante interesse público da União, segundo o que dispuser lei complementar, não gerando a nulidade e a extinção direito a indenização ou a ações contra a União, salvo, na forma da lei, quanto às benfeitorias derivadas da ocupação de boa fé.

§ 7º - Não se aplica às terras indígenas o disposto no art. 174, § 3º e § 4º.

Art. 232. Os índios, suas comunidades e organizações são partes legítimas para ingressar em juízo em defesa de seus direitos e interesses, intervindo o Ministério Público em todos os atos do processo.

Ainda que o Estado Brasileiro não cumpra ou não respeite os nossos direitos constitucionais, e por mais que os preconceitos contra os nossos povos permaneçam entranhados na sociedade brasileira, é notório que nos dias de hoje é mais tranquilo assumir a identidade indígena. O processo de “ressurgimento” dos povos considerados “extintos” pelo poder público, como os Tupinambá no Sul da Bahia, é uma evidência do que está sendo afirmado. Assim, é fundamental que os curandeiros/ervateiros/pajés/parteiras/farinheiros/caçadores/escritores/poetas/doutores e demais sábios dos nossos povos tomem a frente no processo de produção de histórias que recontem a história do Brasil.

Em “tempos de Direitos” não é admissível que as escolas brasileiras continuem adotando livros que contam história estranhas, que não correspondem à realidade indígena. É comum nos depararmos nas bibliotecas das escolas com livros de história que insistem no título: “Como tudo começou”, referindo-se à história do Brasil e à chegada dos portugueses no ano de 1500. A versão violenta da história oficial determina que tudo por aqui começou com a chegada dos portugueses, ignorando histórias, povos, línguas, rituais e uma imensa riqueza de conhecimentos e práticas originárias que são muito anteriores ao movimento português de invasão, populações que ocupam a Terra Brasilis há aproximadamente 12 mil anos.

Dai a importância que tem a literatura indígena e dos escritores indígenas em ação, desmontando preconceitos históricos arraigados na mentalidade nacional. Tal literatura é uma maneira de revisar a história nacional e afirmar a diversidade dos nossos povos. Ora, os estudos arqueológicos estimam que na chegada dos portugueses havia uma população de milhões de pessoas habitando no território hoje denominado Brasil, falantes de centenas de línguas. Uma diversidade maravilhosa que nunca coube na palavra “índio”.

Nós, escritores indígenas, estamos dotados de uma missão que numa perspectiva espiritual nos autoriza a sermos porta-vozes dos nossos antepassados. Nesse sentido, a nossa missão está muito além de rever a opressora história oficial brasileira. Buscamos contar “outras histórias” para afirmar que estamos aqui, que não fomos exterminados, que a nossa população vem aumentando significativamente e que continuaremos ressignificando o nosso jeito de ser¹.

Nossa literatura indica que ser indígena não pressupõe ficar isolado de tudo e sem

1. A respeito do crescimento da população indígena brasileira e da promissora continuidade dos nossos povos, ver texto do escritor Ailton Krenak na Antologia Indígena (2009).

acesso aos bens produzidos pela humanidade. Usaremos celulares, computadores, internet, facebook, carros, arco, flecha, bordunas, zagaia e rituais. E ainda assim continuaremos sendo Kayapó, Karipuna, Guarani, Munduruku, Wapichana, Tupinambá, Pataxó, Galibi, Maraguá, Sateré Mawé, Tukano, Baniwa, Kaingang, Pareci, Tumbalala e mais uns 250 povos diferentes, falantes de mais de 180 línguas diferentes no país. É necessário demarcar campo, pois certas pessoas desavisadas pensam que a demonstração do pertencimento indígena é a exclusão desses povos de todo e qualquer bem tecnocientífico. A isso podemos rebater, sem ofensa, que se não podemos usar celular e facebook, então eles não podem comer farinha, beiju, maracujá, milho, chocolate, amendoim, feijão, mamão, açaí, cupuaçu e nem podem usar a palavra Brasil e nem tomar banhos diários, entre tantos outros hábitos originalmente indígenas.

Portanto, os escritores indígenas têm uma responsabilidade grandiosa e nobre. Desmontar e remontar a história do Brasil, desnaturalizando os preconceitos contra os nossos povos, entre os quais estão as falácias de que somos preguiçosos, cachaceiros, bagunceiros, sodomitas, ladrões... A literatura indígena tem uma tarefa ainda mais grandiosa, que tem a ver com a construção da paz, do respeito à diversidade dos nossos povos e à segurança da continuidade da vida no planeta. O princípio dessa lógica é que nossos povos não querem mais guerrear de forma violenta, estamos abertos ao diálogo para colaborar na reconstrução de tudo o que os homens destruíram, em nome do desenvolvimento. Tal diálogo, que nunca foi fácil, pretende indicar alternativas para a degradação das relações sócio-ambientais no planeta, sendo que é evidente que sabemos lidar de maneira razoável com o meio natural, pois a Amazônia preservada é a Amazônia indígena, e não a Amazônia das madeireiras, por exemplo.

Ora, o mundo inteiro clama pela paz e pelo respeito à natureza, dando sinal claro de que o projeto de desenvolvimento que prometeu liberdade e satisfação plena à humanidade está naufragando. Os rios estão poluídos, os animais e as florestas estão em extinção, a terra está demasiadamente aquecida e o ar que respiramos está comprometido, seja com a emissão de gás carbônico ou com a emissão de outros produtos tóxicos. As nações falam em paz, mas todos estão armados e produzindo mais armas diuturnamente, enquanto que o abismo entre a pobreza e a riqueza não recua.

Agora, a minha alma sente é um misto de angústia, otimismo, impotência, ousadia, medo e incorporação do espírito guerreiro. Mas retomo o folego para afirmar que, nós, escritores indígenas, somos herdeiros diretos dos antepassados que estiveram à frente do movimento de resistência que propiciou a continuidade da existência dos nossos povos. Herdamos, por exemplo, do cacique Seattle uma forma singular de pensar, segundo o qual:

Sabemos que o homem branco não compreende o nosso modo de viver. Para ele um torrão de terra é igual ao outro. Porque ele é um estranho, que vem de noite e rouba da terra tudo quanto necessita. A terra não é sua irmã, nem sua amiga, e depois de exauri-la ele vai embora. Deixa para trás o túmulo de seu pai sem remorsos. Rouba a terra de seus filhos, nada respeita. Esquece os antepassados e os direitos dos filhos. Sua ganância empobrece a terra e deixa atrás de si os desertos. Suas cidades são um tormento para os olhos do homem vermelho, mas talvez seja assim por ser o homem vermelho um selvagem que nada compreende. Não se pode encontrar paz nas cidades do homem branco. Nem lugar onde se possa ouvir o desabrochar da folhagem na primavera ou o zunir das asas dos insetos. Talvez por ser um selvagem que nada entende, o barulho das cidades é terrível para os meus ouvidos. (Carta escrita em 1855)

Depois de séculos de opressão, não vamos virar as costas para a responsabilidade que temos com a mãe terra e com tudo o que nela existe, pois nossos antepassados sempre nos ensinaram que nós pertencemos à terra, e não o inverso. Queremos colaborar na reconstrução do que foi destruído, queremos paz para todos e, particularmente, para os nossos povos, o que pressupõe que o Estado e a sociedade brasileira devem reconhecer, respeitar e efetivar o nosso direito à terra, à diversidade e ao nosso modo de ser.



A literatura indígena e os escritores indígenas são guerreiros de um exército que luta pela paz. Queremos a paz na floresta, nas aldeias, nas cidades e nos corações das pessoas. Ainda que tenhamos motivos para mágoas e para muita angústia, nossos antepassados nos ensinam hoje que devemos ter tranquilidade, paciência e boa vontade para o diálogo, pelo bem comum. Na nossa guerra empunhamos caneta, papel, computadores, legislações e, principalmente, conhecimentos milenares sobre o respeito à vida, respeito entre as pessoas e entre as pessoas e o meio, cura dos males criados pelos humanos e por seres não-humanos, e tantas histórias de criação/origem de todas as coisas e funcionamento do meio indígena na floresta e nas cidades.

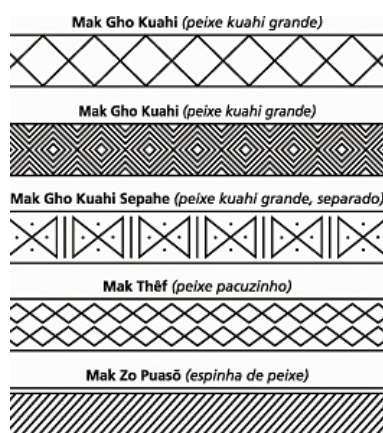
Diante do exposto, é possível perceber que a literatura indígena tem uma lógica específica. Difere, por exemplo, da literatura indianista, que quase sempre vitimiza o indígena ou, de alguma forma, referenda a ideia de derrota, extermínio e imposição do modelo colonizador sobre os povos indígenas. Lembrem-se de Iracema...

A literatura indígena reafirma o nosso jeito de ser, demonstra que os antepassados estiveram abrindo o caminho, e que hoje estão iluminando o caminho no presente e indicam o caminho para o futuro dos nossos povos. Nossa literatura põe nossas tradições em movimento pleno, demonstrando que não somos e nem poderíamos ser os mesmos indígenas que os portugueses encontraram em 1500. Nossas tradições se atualizam e reatualizam constantemente.

Enfim, a literatura indígena é uma lição para a humanidade, explicitando que é possível e necessária a vida equilibrada com as outras pessoas e com o meio natural, afinal, a natureza é uma integração de todas as coisas, numa cadeia que põe em cheque a prepotência antropocêntrica do homem moderno. O cheque-mate seria pensar que o ser humano, que diz dominar todas as coisas, produziu uma situação incômoda, gerando um avançado estágio de degradação do planeta e de ameaça à extinção da vida, em todas as suas formas. Numa outra perspectiva, é interessante pensar que muito provavelmente o ser humano não conseguiria viver sem as fontes de água potável, sem vegetais, sem ar respirável e sem a vida animal, ao passo que, certamente, as fontes de águas, os vegetais, o ar e a vida animal conseguem se manter, independente da presença humana, sendo que a mãe Terra é a maestra geral da orquestra composta por todos os seres e elementos da natureza. O ser humano é importante, tão importante quanto tudo na natureza, sendo que a hierarquização do grau de importância dos elementos da natureza é uma criação humana, uma prepotência própria da racionalidade equivocada, que no limite colocou a vida no planeta sob ameaça de extinção.

Vale ressaltar, como o faz o cacique Daniel Munduruku na Antologia Indígena (2009), que a literatura indígena é o conjunto de práticas, rituais, expressões e formas de viver dos nossos povos. Os escritores indígenas são os guerreiros de luz que colocam todos esses conhecimentos orais à disposição da sociedade nacional. São conhecimentos coletivos, gerados no tempo milenar pelos nossos antepassados, propagados pelos “novos apóstolos” das nossas religiões.

A literatura indígena nos fortalece, enquanto escritores, põe em diálogo os nossos conhecimentos com os conhecimentos dos não-índios, apresenta “outras histórias do Brasil”, rejeitadas e silenciadas pela história oficial e propõe o reencantamento do mundo como possibilidade de estabelecimento de relações sócio-ambientais tranquilas e respeitadas entre todos: pessoas, terra, animais, vegetais, ar, águas e espíritos.



POVO KAYAPÓ

"Caiapó" é uma denominação que data do início do século XIX e que tem origem em outros grupos indígenas circunvizinhos desta etnia. Kayapó significa "homens semelhantes aos macacos", em grande medida devido a certos rituais que este grupo realiza nos quais são utilizadas máscaras de macaco pelos homens. A autonominação dos chamados kayapó é mebêngôkre, que significa, literalmente, "homens do poço d'água". Os caiapós são um grupo indígena que se divide nos subgrupos kayapó-aucre, kayapó-cararaô, caiapó-cocraimoro, caiapó-cubem-cram-quem, caiapó-gorotire, caiapó-mecranoti, caiapó-metuctire, caiapó-pau-d'arco, caiapó-quicretum e caiapó-xicrim. No passado, eram também chamados de coroados, e os de Mato Grosso, coroaás. Possuem uma população aproximada de 6.500 indivíduos localizados no Mato Grosso e Pará.

EDSON KRENAK



Edson Krenak está a caminho de suas descobertas identitárias como escritor, professor e outras interfaces da indianidade que o habita. Sente-se um pedaço dançante de estrela. É filho do povo Krenak, que habita a região do Vale do Rio Doce MG, e termina em 2013 seu mestrado em Estudos Literários na UFSCar, onde estuda literatura e textos ameríndios. Vive atualmente na cidade do peixe cantador, Pirassununga/SP.

Identities azul Aproximações à literatura mapuche

“Alma labrada por la Naturaleza
heme aquí, lentamente subiendo
hacia mi propia hondura.
Elicura Chihuilaf

Dentro da cultura mapuche o azul é uma cor sagrada que se relaciona com a origem da vida, é a energia que vive e abre as portas da alma e do mundo de maneira profunda e serena. O povo mapuche é uma grande comunidade indígena que habita regiões ao sul da cordilheira dos Andes (regiões do Chile e da Argentina). Sua literatura está paulatinamente sendo descoberta pelo Ocidente e, somente nos últimos anos, sua poesia tem sido estudada nas Academias do Chile e do restante da América Latina, como também traduzida e estudada nos mais distantes países.

A mais importante voz da poesia mapuche, que brindou este II Caxiri com sua sábia e serena sabedoria, com sua reflexão profundamente poética, é o escritor Elicura Chihuilaf Nahuelpán, nascido em 1952, na comunidade de Kechurewe. Localizada no que é hoje a província de Cautín, região de Araucania, guarda marcas da presença indígena de maneira veemente, com uma história extensamente documentada (vasos, inscrições, monumentos, documentos ocidentais, entre outros). Toda a região mapuche chilena é coberta de flores, jardins e plantações de morango. As casas são baixas e aconchegantes no verão ou no inverno, este sempre rigoroso. Chihuilaf já é considerado também pela Academia chilena de letras como um dos seus grandes nomes da atualidade. Sua produção é principalmente bilingue, em mapudungun (a bela e poética língua mapuche) e espanhol.

Elicura Chuhuaif tem expressado de forma abrangente e profundamente estética a identidade mapuche. Falar dele é falar da identidade mapuche e vice versa. Neste breve ensaio, que desejaria ser uma homenagem a ele, pretendo mesclar os dois temas – a poesia e a identidade mapuches – já que a energia vital de ambas é a mesma: o azul do infinito.

Elicura viveu sua infância - um dos temas fundamentais de sua poesia e dos seus textos ensaísticos – em uma área caracterizada pela ruralidade, pela forte cosmovisão

mapuche, e por lutas políticas; sua infância e juventude foram também marcadas pela discriminação que ele e principalmente seus pais e avós sofreram ao serem proibidos de falar o idioma mapuche, pela repressão da ditadura entre outras questões sócio-econômicas, as quais narra em seu famoso livro «Recado confidencial aos chilenos».

A convivência com a avó e com a mãe em torno do fogão, como ele gosta de falar, no dia a dia da casa, ouvindo relatos e histórias em mapudungum (seu idioma nativo) deu-lhe o material necessário para produzir uma arte baseada na conversação (nütram) enquanto rito, espaço de sacralidade; outra matriz de sua poética são também os Conselhos dos anciãos (ngülam), que marcam seu tom de voz, sua visão e palavras. Estes relatos e conversas ouvidos dos mais velhos formam a coluna vertebral de sua obra, e é dela que tira a cor azul de sua identidade mapuche. Segundo ele, o primeiro espírito mapuche veio do azul do oriente, onde nasce o sol, na fria e bela região central do Chile. O Azul é a energia que habita cada mapuche, o rastro das estrelas que nos liga ao infinito, o qual cada um deve buscar conhecer, aprender a conhecer. Então, quando o espírito abandona o corpo, retorna ao azul no infinito círculo da vida...

Embora o Azul seja a cor espiritual da cultura mapuche, da identidade mapuche, para eles não há espaço para um jardim que não tenha outras flores e cores.

Em uma rápida viagem que fizemos por umas fazendas no interior de São Paulo, percebemos a mesma preocupação com as cores, os tons, as imagens naturais da flora, dos ambientes bucólicos, astros e intensidade das flores, elementos importantes para o imaginário mapuche, cuja relação com as cores e formas é essencial para compreender sua identidade.

Seu cuidado e observação para com a riqueza cultural (natural), para com a singularidade das formas e cores, vêm de sua condição mapuche que o faz se autodefinir como oralitor, uma espécie de porta-voz, hablador sagrado da expressão oral de sua cultura.

Abaixo segue um poema em mapudungum, TVFACI MAPU MEW MOGELEY WAGBEN, sua tradução feita pelo próprio autor em espanhol - «En este suelo habitan las estrellas» - e uma proposta minha de tradução - «Neste chão habitam estrelas».

TVFACI MAPU MEW MOGELEY WAGBEN

Tvfaci mapu mew mogeley wagvben
Tvfaci kajfv wenu mew vlkantuley
ta ko pu rakiduwam
Doy fvta ka mapu tañi mvlen ta komv
xipalu ko mew ka pvjv mew
pewmakeiñmu tayiñ pu fvcakece yem
Apon kvveh fey tañi am -pigekey
Ni hegvmkvleci piwke fewvla ñvkvfvy.

En este suelo habitan las estrellas

En este cielo canta el agua
de la imaginación
Más allá de las nubes que surgen

de estas aguas y estos suelos
nos sueñan los antepasados
Su espíritu -dicen- es la luna llena
El silencio su corazón que late.

Neste chão habitam estrelas

Neste céu entoam os rios
Da imaginação
Além das nuvens surgem
Suas águas para este chão
Onde sonham os nossos ancestrais
Seu espírito – contam – é a lua cheia
O silêncio do coração que bate

Num despretensioso comentário, pois não há espaço aqui para mais, podemos afirmar que há um continuum geográfico, astral, as fronteiras entre céu e terra, rios e almas se desfazem: todos os entes do universo compõem a teia do azul infinito; tanto faz as estrelas estarem no chão ou no céu. Por outro lado, podemos vislumbrar também uma fresta perspectivista na relação indivisível dessas imagens, pois os olhos que veem as estrelas no chão, e rios nas nuvens podem viver no mundo dos sonhos que, afinal de contas, não é separado do mundo da realidade.

A água e sua transparência emprestam à linguagem seus atributos, fazendo do azul a energia criadora de mundos, memórias, seres.

A aparente simplicidade deste poema, sua musicalidade e delicadeza revelam força emotiva, elegância linguística e um contraponto à retórica tradicional da poesia do ocidente; a espiritualidade é percebida pela relações dos valores que a memória e a imaginação podem trazer, tecendo a rica teia da oralidade. Há, sim, pela memória oral uma identificação com os antepassados. O azul é o conteúdo e o contorno de sua identidade.

Essa cosmovisão pode ser encontrada no próprio nome do poeta: Elicura significa pedra transparente (del mapudungun lüg: transparente, kura: pedra). Chihuailaf significa neblina estendida sobre um lago (chiway: neblina, ou contração de algo).

A neblina do seu nome, as nuvens do poema, nos remetem à brevidade da vida, outro valor mapuche visto como oportunidade de amar e sermos sinceros com as pessoas. Os astros e as pedras, embora «vivam» mais, têm uma linguagem que nos convida à profundidade da escuta, da observação. A palavra Mapudugum que denomina seu idioma mapuche significa linguagem da terra, porção



Edson Krenak, em pé, e o poeta Elicura com sua esposa Camila indo para evento em Ribeirão Preto, SP, ligado ao II Caxiri na Cuia. UFSCar 2013

seca ou planeta Terra.

Embora tenha se formado em obstetrícia na «Universidad de Concepción», Elicura não exerceu a profissão. Estudou na bela cidade de Temuco, onde ficam o Colégio Pablo Neruda e a «Universidad de La Frontera», instituições que o receberam como aluno e agora, como professor e mestre, a fim de ministrar aulas de literatura hispano-americana e andina. Suas primeiras publicações foram nesta cidade, em uma revista que se chamava «Poesía Diaria».

"Ha cambiado la historia para nosotros, claro. Los "libros oficiales" dicen que son otros los que la hicieron y la siguen haciendo por nuestros pueblos. Los héroes de esta historia, en un mundo "civilizado" en el que ya no debiera haberlos, son los invasores. Mas Caupolicán empalado, enfrentándolos, representa el suplicio de nuestro pasado que entra ardiendo en nuestros corazones. Lautaro es el futuro que vislumbramos, detrás de la cortina del misterio y del compromiso, y que saldrá como la luz de nuestros ojos".

Além de poesias e ensaios, tem preferência por crônicas, sempre publicando em espanhol como em mapudungun. Suas principais obras publicadas e traduzidas para o inglês, croata, sueco, alemão entre outras línguas, são:

El invierno y su imagen, 1977

En el país de la memoria, autoedición, 1988

El invierno, su imagen y otros poemas azules, 1991

Sueños y contrasueños, 1995

A orillas de un sueño azul

La palabra: sueño y flor de América. Adelanto de una muestra de Oralitura Indígena de América, 1997

Recado confidencial a los chilenos, 1999

Canto libre / Lliz vlkantun, 2007

El Azul de los sueños, 2010

Elicura tem um posicionamento bastante crítico em relação ao Chile, não se considera chileno, mas habitado por uma chilenidade. Acusa seu país, o Chile, de ser incapaz de assumir uma identidade que “valorize sua morenidade, segue olhando-se em um espelho manchado, tosco.” Segundo ele, os chilenos mantêm os mapuches na invisibilidade; embora existam intenções e declarações políticas que sinalizem a diversidade cultural, o diálogo efetivo segue sendo uma ilusão.

Apesar disso, Elicura não rechaça a identidade chilena, a assume como plataforma para discutir os mais importantes temas políticos e históricos chilenos, como também da literatura hispano-americana: a heterogeneidade, os conflitos pela terra, as relações interétnicas, preconceitos e estereótipos (racismos), a ilusão da ausência de injustiça, entre outros.

A partir de sua poética e reflexão, podemos inferir e concluir que não é possível, historicamente, tratar de identidade mapuche, mas de identidades, pois, ao longo de sua longa história, essas identidades têm se transformado com fases tão distintas, mas interligadas, que vão desde a resistência aos invasores, incas, espanhóis e chilenos,

passando por diversos períodos, até a forte auto-identificação dos últimos anos com sua história, com a redescoberta de suas inúmeras formas artísticas e literárias, que vão da oralidade absoluta e musical de sua língua à força escriturística de sua poesia. Assim, podemos ver não só uma identidade, mas muitas, e, por consequência, muitos tons, matizes e textualidades do Azul.

Bibliografia

Bengoa, José. 1996a. Historia del pueblo mapuche (siglo XIX y XX) . Santiago: Ediciones Sur

Chihuailaf, Elicura (1999). Recado confidencial a los chilenos. Santiago: LOM Ediciones. 956-282-208-7.

Chihuailaf, Elicura. El azul de los sueños. Centro de Investigaciones Diego Barros Arana. 2009. Santiago, Chile.

www.bsantiago.com.cl

Ver também:

<http://www.letras.s5.com/archivoelicura.htm>



POVO KRENAK

Botocudos ou Krenak, sempre estará se referindo aos Burum - ou seres humanos, como é referido em toda a literatura do séc. XIX e XX. Povo indígena originário da região de serras e vales dos rios Doce e São Mateus nos atuais estados de MINAS GERAIS e ESPÍRITO SANTO que impediu a entrada dos colonizadores nesta região de florestas do rio Doce até o século XVIII. Com população estimada em aproximadamente mil pessoas, tem aldeias em Minas Gerais, São Paulo e Goiás.

ELIANE POTIGUARA



Foi indicada em 2005 ao Projeto Internacional "Mil mulheres ao Prêmio Nobel da Paz". É escritora, poeta, professora, formada em Letras (Português-Literatura) e Educação. Fundadora do GRUMIN / Grupo Mulher-Educação Indígena. Membro do Inbrapi, Nearin, Comitê Intertribal, Ashoka (empreendedores sociais), Associação pela Paz, Cônsul de Poetas Del Mundo. Trabalhou pela Declaração Universal dos Direitos Indígenas na ONU em Genebra. Ganhou o Prêmio do PENCLUB da Inglaterra e do Fundo Livre de Expressão, USA.

Livros: Metade Cara, Metade Máscara (memória) e O coco que guardava a noite (contos), entre outros.

Identidade Indígena

Nosso ancestral dizia: Temos vida longa!
Mas caio da vida e da morte
E range o armamento contra nós.
Mas enquanto eu tiver o coração aceso
Não morre a indígena em mim
E nem tampouco o compromisso que assumi
Perante os mortos
De caminhar com minha gente passo a passo
E firme, em direção ao sol.
Sou uma agulha que ferve no meio do palheiro
Carrego o peso da família espoliada
Desacreditada, humilhada
Sem forma, sem brilho, sem fama.
Mas não sou eu só
Não somos dez, cem ou mil
Que brilharemos no palco da História.
Seremos milhões unidos como cardume
E não precisaremos mais sair pelo mundo
Embebedados pelo sufoco do massacre
A chorar e derramar preciosas lágrimas
Por quem não nos tem respeito.
A migração nos bate à porta
As contradições nos envolvem
As carências nos encaram
Como se batessem na nossa cara a toda hora.
Mas a consciência se levanta a cada murro
E nos tornamos secos como o agreste
Mas não perdemos o amor
Porque temos o coração pulsando

Jorrando sangue pelos quatro cantos do universo.
Eu viverei 200, 500 ou 700 anos
E contarei minhas dores pra ti
Oh! Identidade
E entre uma contada e outra
Morderei tua cabeça
Como quem procura a fonte da tua força
Da tua juventude
O poder da tua gente
O poder do tempo que já passou
Mas que vamos recuperar.
E tomaremos de assalto moral
As casas, os templos, os palácios
E os transformaremos em aldeias do amor
Em olhares de ternura
Como são os teus, brilhantes, acalentante identidade
E transformaremos os sexos indígenas
Em órgãos produtores de lindos bebês guerreiros do futuro
E não passaremos mais fome
Fome de alma, fome de terra, fome de mata
Fome de História
E não nos suicidaremos
A cada século, a cada era, a cada minuto
E nós, indígenas de todo o planeta
Só sentiremos a fome natural
E o sumo de nossa ancestralidade
Nos alimentará para sempre
E não existirão mais úlceras, anemias, tuberculoses
Desnutrição
Que irão nos arrebatat
Porque seremos mais fortes que todas as células cancerígenas juntas
De toda a existência humana.
E os nossos corações?
Nós não precisaremos catá-los aos pedaços mais ao chão!
E pisaremos a cada cerimônia nossa
Mais firmes
E os nossos neurônios serão tão poderosos
Quanto nossas lendas indígenas
Que nunca mais tremeremos diante das armas
E das palavras e olhares dos que “chegaram e não foram”.
Seremos nós, doces, puros, amantes, gente e normal!
E te direi identidade: Eu te amo!
E nos recusaremos a morrer
A sofrer a cada gesto, a cada dor física, moral e espiritual.

Nós somos o primeiro mundo!

Aí queremos viver pra lutar
E encontro força em ti, amada identidade!
Encontro sangue novo pra suportar esse fardo
Nojento, arrogante, cruel...
E enquanto somos dóceis, meigos
Somos petulantes e prepotentes
Diante do poder mundial
Diante do aparato bélico
Diante das bombas nucleares

Nós, povos indígenas
Queremos brilhar no cenário da História
Resgatar nossa memória
E ver os frutos de nosso país, sendo dividido
Radicalmente
Entre milhares de aldeados e “desplazados”
Como nós.

Fantasia desertas

Não tenhas medo, IANUÍ
Que não vou te enfeitiçar
O nada, eu quero de ti
Pro nada talvez vou partir.
Poema de Amor ?
Sei lá... se poema de amor !...
Só sei que me passa essa chama
E que me queima a alma errante.
Horas, mais dias, mil noites
Relembro teu corpo parado
Feito máscara imóvel ao vento
Doido a flutuar nos mares quentes.
Pássaro louco bicando os peixes
Engorda teu peito aberto
Inflama teu coração militante
É tua, essa paixão dos séculos
Mas te guardas feito tatu
Que não é chegada a hora
Enfia teus dedos na terra
Desafoga as dores nela!
Mira pros céus navegantes
De teu barco em flor e vela

E rouba todas as forças solares
E renasce Boto, amante, mais belo.
Engorda teu peito aberto
Aquece o coração nu noutras eras
Alimenta tuas veias em asas
Nas fantasias desertas
Corre pelos cajueiros e arrozais
Que te trago essa cana caiana
E outras limas pra melar nossas bocas
E relaxar no calor das manhãs

Eu não te quero mais puro
Entrega-te que te vejo criança
Amor pronto a explodir
Fogo eterno, quem sabe?...
Ou vou partir, antes mesmo de vir
Num calor aberto semente...
Numa ilusão e sonho somente...
Nessa estrada longa, errante

Sendo meu caminho tão farto
Sendo teu peito tão forte

Nesta noite somos todos iguais

Bom-dia sol! Nesta noite eu renasci.
Vi brilhar a luz em mim
Num carapanã que aos meus ouvidos
Zumbia o futuro de um colibri.

Canto teu primeiro beijo
Nas asas de uma imensa arara
Preparo o sagrado beijú
Pra te fazer delirar num calor primeiro

Pouco a pouco essa coisa louca
Vai-me tomando feito Anhangá
És tu que me cheira
Que me morde
Que me beija
Que me penetra até sangrar

Corre-me nas veias quentes
O delírio que me rouba a paz

Agonizo-me inteira!
Enrijeço-me solteira!
É tua boca que me suga a fonte sagaz...
Aqui sob o tronco amazônico
Grita forte - LIBERTO - atônico
O velho ancestral
Um bruxo das matas
Dos rios
Dos lagos.
Me traz uma cana caiana
E me diz que é pra quem ama

Me entrega um atobá
E diz que um homem honesto
De olhos claros - GUERREIRO
Repousa enfeitado
Porque nele começa o primeiro reinado

Ao bruxo, lhe disse o rei astuto
Acordando dos sonos matinais:
Que nas asas do Pitiguary
Viajaria no âmago das matas árduas
E traria - rápido - o bálsamo da HISTÓRIA
E traria - ríspido - a verdade nos matagais.
O rei - o meu rei amante - ainda sussurrando
Levantou áspero e sumiu pelos ventos
Nunca mais se bateu olhos nele, no entanto...
Mas ele deixou marcado nas pedras errantes
Um princípio de vida pros ilustres e banais:
"Nesta noite somos todos iguais".



POVO POTIGUARA

Os potiguaras (termo tupi que significa "comedores de camarão") são um grupo que habitava o litoral do estados do Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba, quando os portugueses e outros povos europeus chegaram ao Brasil, no século XVI. Foi uma das etnias tupis notáveis por ser capaz de resistir por tanto tempo utilizando um complexo sistema de alianças com ingleses e principalmente franceses, comerciantes de pau-brasil. Das cinco expedições ibéricas contra os potiguaras, quatro foram rechaçadas e vencidas pelos nativos]. Nos dias atuais, habitam o norte do estado brasileiro da Paraíba, Ceará, Rio Grande do Norte e Bahia. Têm uma população estimada em 13.500 pessoas distribuídas pelos estados acima citados.

ELIAS YAGUAKÃG



Escritor, palestrante e artesão indígena. Especialista em artes plumárias. Filho do povo Maraguá, nasceu na área indígena. Maraguapajy, no rio Abacaxis, Amazonas. Mora atualmente em Manaus, onde faz parte da diretoria da Coordenadoria dos Povos Indígenas do Amazonas (COPIAM).

Livros publicados: «Historinhas marupiaras» (contos), «Aventuras do menino Kawã» (contos) e «Maraguapeyara» (antropologia – coautoria com Yaguarê Yamã, Wasiry Guará e Uziel Guaynê).

A história de Flávia

Certa vez um homem que vendia livros passeava pela rua da pacata cidade de Nova Olinda do Norte, no interior do Amazonas, tarde da noite. Era a primeira vez que visitava aquele lugar. Além de observá-la para melhor vender, aproveitou o passeio para conhecer as pessoas.

Em certo ponto encontrou-se com uma moça bonita de vestido branco que com ar de preocupação perguntou-lhe as horas.

- É meia-noite. – Respondeu. – A senhorita está indo para onde?

- Eu vou indo para casa. E você?

- Estou a passeio. Aproveitando o luar da lua cheia, o que me faz muito romântico. A senhorita se importa se eu acompanhá-la?

- Claro que não! – Respondeu ela. – Preciso mesmo de um acompanhante. As ruas hoje em dia são perigosas, já não bastam os vivos, agora temos de nos preocupar com os mortos.

- Como assim? – Indagou o homem confuso com a observação da moça. – A senhora tem medo de fantasma, é isso?

- Sim, você não?

- Claro que sim, mas eu sou homem. – Explicou cheio de si. – Nós homens somos muito corajosos.

- Ah, é? Que bom saber disso. Tenho certeza que você vai me proteger se acaso aparecer algum.

Conversando o rapaz se pôs a andar ao lado da moça. A rua era comprida. Ela disse:

- Minha casa é logo ali, no final desta rua. Você vai até lá não é?

Se achando paquerado pela moça, o rapaz não pensava em mais nada a não ser conversar com ela e roubar-lhe um beijo. Para ele, moça bonita e simpática como aquela estava rara. Interessado na moça, como pretexto para vê-la novamente, deu-lhe seu anel.

- Pegue esse anel, amanhã venho receber.

Acompanhou a moça até chegar ao fim da rua. Passaram por baixo de uma grande mangueira. Lá avistou várias casas muito parecidas umas com a outras. Todas brancas, de cruzeiro na frente.

- Ah, então você mora num conjunto!- Admirou-se sem perceber que estava em frente a um cemitério

- É aqui minha casa. – Falou ela. – Pena que não deixariam você entrar.

- Tudo bem. Posso vir amanhã pegar o anel de volta?

- Claro que sim. Para ter certeza vou lhe dar um beijo.

Assim, à luz do luar, o rapaz recebeu um dos beijos mais frios de sua vida. Que para ele foi um dos beijos mais apaixonados.

- Nossa! Que beijo!

- Venha amanhã, procure por mim.

- Está bem, mas a senhorita nem disse seu nome.

- Procure por Flávia. Esse é o nome. Se não me encontrar aqui, pergunte aos meus pais na Rua das Flores.

Assim a moça ao se despedir virou-se de costas e desapareceu diante da lua e dos olhos do rapaz. Nesse momento o jovem se despertou e quando deu por si estava dentro de um cemitério.

Desiludido olhou para a cruz na direção em que a moça se esvaiu e viu em cima dela um anel. Não teve nem coragem de pegar. Saiu de lá assustado e correu sem se importar com os latidos dos cachorros que faziam alarido em seu encalço.

No hotel onde se encontrava, não pôde dormir. Todo momento a imagem da moça vinha em sua lembrança. De tanto procurar esquecê-la ficou com febre. No outro dia, não saiu para o trabalho.

Somente no terceiro dia é que resolveu sair. Disposto a solucionar o mistério, foi procurar a casa que ela havia dito. “Rua das Flores”. – Lembrou-se. – “É lá que ela disse ser a casa de seus pais”

Foi até lá. Perguntou na vizinhança e quando bateu na porta, veio uma senhora atender.

- Bom dia. A senhora me desculpa importuná-la, mas conhece uma moça chamada Flávia?

- Sim. – Respondeu a anciã. – Ela é minha filha.

- Ela está? Se não está, a senhora sabe onde encontrá-la?

Apontando para a parede onde estava pregada uma foto envelhecida a bondosa senhora tristemente respondeu:

- A Flávia? O senhor poderá encontrá-la no cemitério. Mas se quiser falar com ela, precisa esperar outro ano, no dia de seu aniversário, data em que costuma aparecer para alguém. Anteontem foi seu quadragésimo aniversário. Pelo que estou vendo, esse ano foi sua vez de estar com ela. Mas você parece estar bem, teve sorte de não enlouquecer.

Foi então que o rapaz soube da história de Flávia. Quando ela morreu e por que aparece uma vez por ano, mas essa é outra história.

POVO MARAGUÁ

O Povo Maraguá, mesmo depois de ter sido dispersado por perseguição causada pela exploração do pau-rosa e escravidão sofrida durante grande período de sua existência, continua habitando uma antiga região. Está dividido em três aldeias ao longo do município de Nova Olinda do Norte, no Estado do Amazonas. Atualmente, luta pelo resgate de sua cultura, pelo reconhecimento étnico e pela demarcação de seu território.

JAIME DIAKARA



Jaime Moura Fernandes Diakara é indígena da Etnia Desana do Grupo “Wuaharí Dihputiro Porã”. Escritor de Literatura Desana e Infantil e Juvenil. Professor e Tradutor Bilingue da Língua Tukano dos Ye'pa Masa. Graduando em Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Amazonas.

Desana – Wuahuari dihputiro pōrã “Filho de Cabeça Chata”

Os DESANAS – WUAHARI DIHPUTIRO PÕRÃ - são Umũrĩ Mahsã, a Gente do Universo, isto é, aqueles nascidos na cuia soprada pelo Avô do Universo e pela Velha da Terra, já tinham se multiplicado muito. Nessa época, eles se casavam com qualquer ser da natureza. Seus filhos tomavam a forma da mãe e, assim, a Gente do Universo estava se acabando, por virar “animais através do seu casamento com mulheres-animais”. Vendo isto, o seu líder, Buhsari Gõãmũ (Avô da Gente-Universo), resolveu “procurar outra maneira de viver”. Procurou o Avô do Universo para receber informações e apoio para iniciar a transformação da Gente do Universo.

Havia sete coisas importantes para a realização da transformação: só os que tinham sangue da Gente do Universo se transformariam em humanos; haveria duas cuias preparadas e benzidas pelo Avô do Universo; a transformação se iniciaria em uma das cuias e depois continuaria na outra através de um cipó; seria preciso uma canoa grande; o mais importante: se deveria escolher sob qual forma de seres vivos seria iniciada a transformação; esta seria guiada por Buhsari Gõãmũ; e, por fim, se iniciaria na Enchente da Constelação do Tatu (em fevereiro), *a Subida ao Céu*.

Em reunião, o líder Buhsari Gõãmũ e seus irmãos decidem iniciar a transformação assumindo a forma de peixes. Na época da Enchente da Constelação do Tatu, o Avô do Universo abençoa a Cuia do Universo. Depois estica o Cipó-Tõpa, ligando as duas cuias e abençoa o cipó. Por fim, abençoa a Cuia da Terra, que é o Lago de Leite. A Gente do Universo, com suas esposas e filhos, que são animais e peixes verdadeiros, sobe até o céu pelo Cipó-Tõpa. Ali, encarnando-se nesse cipó, eles escorrem para baixo até a Cuia da Terra como fossem água do cipó. Na Cuia da Terra, se amamentam com leite e mel das frutinhas do Cipó-Tõpa colocados pelo Avô do Universo através de oração. E aí se transformam em peixes.

Assim os sete sinais de gente se transformaram nos sete líderes ancestrais dos Desanas, segundo o grupo dos Wuahari-Dihputiro Põrã, tendo ainda Baaribó, como o dono das plantações; Buhsari gõãmu, o mestre da natureza; Wanani gõãmu, o dono do veneno, e as líderes mulheres Amo e Wisu, a primeira, destinada a trabalhar na nascente dos rios, e a segunda na foz.

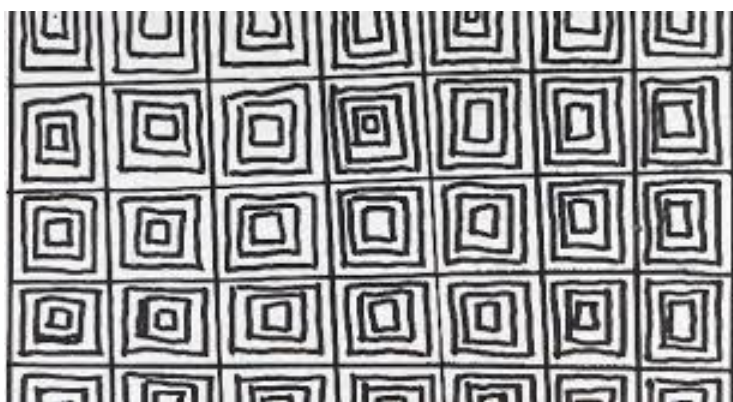
Atualmente os dessanas do grupo Wuahari Dihputiro moram em comunidades espalhadas pelos rios Papuri e Tiquié, os pertencentes ao antigo grupo dos Avós conhecidos como Wuahari Dihputiro Porã, e moram atualmente na comunidade Cucura

no Pugã ya (Igarapé Cucura), onde se instalaram os descendentes, estão lá até hoje. Wuahari Dihputiro Porã são chefes dos wiseri kumuã, isto é, dos avós ou rezadores de Boreka, o ancestral maior dos Desana. Nesse sentido, os Desanas Wuahari Dihputiro Porã não são gente de transformação como os tukanos que vieram de canoa de transformação. Segundo Diakuro Kumũ, o meu pai, líder do grupo Wuahari Dihputiro Porã disse: “*Somos DUÍRÃ MAHSA*” (*Gente que desceu no Universo*).

Origem do Nome do Grupo Desana Wuahari Dihputiro “Umũko mahsũ Wuahari Dihputiro” - «Gente do Universo de Cabeça Chata», disse por sua vez:

- "Eu vou fazer a minha pele de onça pintada e com cabeça chata".

Por isso, ele recebeu o nome de Dihputiro "cabeça chata". Seus descendentes chamam-se Dihputiro põrã, "Filhos da Cabeça Chata”.



POVO DESSANA

A etnia Dessana tem sua origem no Alto Rio Negro, às margens do rio Tiquié, bem perto da fronteira com a Bolívia. Atualmente, eles residem no baixo Rio Negro numa área própria e até pagam impostos. Sobrevivem do turismo, artesanato e outras sabedorias indígenas, não possuem assistência da FUNAI. Dentista é particular, quanto às outras doenças são tratadas pela sabedoria do Pajé Curandeiro Kissibi Kumu.

JERÁ GISELDA



Guarani, mora na aldeia Tenonde Porã, na zona sul de São Paulo, é escritora e professora na escola da aldeia. Também é palestrante e tradutora de textos em Guarani.

Raios luminosos – um mito guarani

Uma *Mboré* (Anta) bem velha estava trazendo uma filha muito pequena e frágil na grande floresta.

Estava numa grande tristeza, pois sabia que não teria mais muito tempo para cuidar dela, mostrar-lhe os caminhos a seguir e dizer-lhe quais saborosas frutas e raízes poderia comer. Não mais teria tempo de ensinar quais estratégias ter para não ser pega pelas respeitadas e poderosas “*xivi*” (onça). Nisso, estava tão cabisbaixa que nem olhar mais para frente tinha coragem, por isso pediu aos espíritos que habitavam a floresta, para que em sua partida guiassem seu filhote:

– Dêem uma chance para ela sobreviver diante de tantos perigos que a mãe floresta tem.

Por fim partira para outro plano deixando a filha à sua própria sorte.

Depois de receber o calor do sol de uma manhã inteira, a pequena levantou, olhou para o corpo de sua mãe sem vida e ficou parada diante dela por muito tempo, na esperança de que iria levantar-se. Para sua profunda decepção, sua mãe não se mexeu. Ela então começou a andar em círculos. Cada vez mais aumentava a fome e a sede, porém não saía do lugar. Até que avistou alguma coisa que parecia de comer, mas não se arriscava.

Depois de muito tempo andando em círculos, conseguiu se afastar um pouco. No momento em que andava debaixo das folhas, algo caiu em suas costas. Coçou tanto que ela se contorcia toda. Nisso, olhou adiante e avistou um ser estranho, bem menor que ela, sobre um pedaço de madeira à margem de uma cachoeira. Vendo a cachoeira, ficou feliz porque sua garganta estava seca, mas manteve-se parada tentando identificar o que se mexia ali, não conhecia. Era o primeiro ser vivo que encontrava, por isso sentiu medo, muito medo. Aos poucos foi chegando mais perto e viu que aquela coisa pequenina estava chorando, então se arriscou:

– O que é você? Por que está chorando?

Uma voz baixa e fina respondeu:

– Sou uma Tartaruga, e choro porque minha mãe se machucou ao nadar e morreu, estou só e muito triste.

A pequena anta disse:

– Eu também perdi minha mãe, assim que nasci.

– Ah! E o que é você?

– Um filhote de anta. Eu também sou novo na floresta, não conheço muita coisa, e agora não sei o que fazer.

– Por que está se contorcendo, está com dor? – Perguntou a tartaruguinha.

– Não! Estou com fome, com sede e agora sinto também muita coceira em meu corpo, não sei o que é.

Então a tartaruga, muito gentil, falou para a pequena e ao mesmo tempo grande anta.

– Venha beber o quanto quiser, e se deita para eu ver o que tem em seu corpo.

A anta nem esperou a tartaruga terminar de falar. Logo foi matar a sede. Depois, como pedido, se deitou na beira da cachoeira.

– Nossa! São bichinhos muito pequenos, menores que eu, porém estão se alimentando de seu sangue, tenho minhas unhas ainda muito fraquinhas, mas se tiver paciência posso tirá-los para você.

A anta, muito agradecida, disse que podia demorar o quanto fosse mas queria se livrar daqueles insetos que a sugavam. Com a morosidade da tartaruga e ainda de unhas frágeis, a anta mesmo com muita fome acabou adormecendo.

– Pronto, finalmente tirei o último bichinho. Pode se levantar. – Disse a tartaruga contente e exausta.

A anta olhou para os lados e falou da fome que estava sentindo, então a tartaruga disse a ela que poderia pegar umas frutas caídas, de onde os pássaros comiam também, então ela foi apanhar, dizendo que traria para ela, a fim de retribuir o favor. Ela mostrou a direção à anta que disparou na direção apontada. Logo depois voltou com a boca cheia de frutas escuras, redondas e suculentas. Eram jabuticabas. As duas comeram até acabar toda a fruta.

– Quer ficar comigo? – Disse a tartaruga. – Eu não tenho ninguém, e ao que me parece você também não, se quiser podemos ser amigas e assim cuidar uma da outra, o que acha?

A anta muito feliz e de barriga cheia respondeu: – Sim! Quero ficar com você, obrigada. Pois não tenho ninguém, não conheço a floresta e com você ficarei mais segura para explorar tudo.

Assim as duas ficaram juntas. A tartaruga ajudou a anta a ajeitar um cantinho bem aconchegante na beira da cachoeira para dormir e lhe disse que ficaria do seu lado sobre um pedaço de madeira bem perto, para que nenhum bicho pudesse subir em seu corpo.

Os dias, meses e anos foram passando e os duas amigas se tornaram inseparáveis enquanto cresciam. Brincando, dormindo, comendo e sempre cuidando uma da outra. Até se tornarem adultas, elas se amavam como seres da mesma espécie. Porém não eram, e assim os outros seres como maritacas, piranhas, cascavéis, e aves, como urubu-rei, sempre comentavam sobre aqueles dois animais tão diferentes e amigos. Sempre se ouvia.

– Que coisa estranha, como pode uma tartaruga e uma anta ficarem juntas? – Como será quando dormem? A anta deve amassar a tartaruga, hahaha! Nossa! Que coisa feia, a anta alimenta a tartaruga com frutas.

Frases como essas as duas amigas sempre ouviam, porém elas não lhes davam atenção. Um dia a tartaruga acordou muito feliz e disposta como na maioria das manhãs, e disse para sua amiga anta.

– Hoje eu vou dar-te um nome... Vou te chamar de “Tumbija”. E a anta recebeu o nome com muita alegria, e logo começou a pensar em algo. – Por que está quieta? Não

gostou do nome?

– Não, minha querida amiga, pelo contrário, adorei! Só estou pensando no seu nome, e será “Japu'a”.

– Que lindo nome, Tumbija, grata. Assim as duas começaram a se chamar cada qual pelo seu novo nome. Muitos outros dias felizes vividos juntas, até que um dia uma maritaca foi visitá-las na companhia do urubu-rei, e as duas amigas foram muito bondosas oferecendo-lhes frutas e água, porém eles não aceitaram e logo foram falando:

– Não queremos nada, somente perguntar para vocês uma coisa: quando cada um irá procurar sua espécie para se procriarem? Pois essa é a lei da floresta, cada um tem que seguir o seu caminho natural. Disse a maritaca, em tom alto e claro. Por sua vez o grande e belo urubu-rei perguntou:

– E eu, como urubu-rei digo que vocês devem se separar, pois todos estão comentando da estranha amizade de vocês. De certo está na idade de cada um achar o seu parceiro para trazer novas vidas à floresta, senão tudo entra em desarmonia.

Japu'a olhou para Tumbija que estava assustada, se direcionou para as visitas e lhes falou:

– Nós não queremos fazer ou trazer mal para a floresta, nunca fizemos mal para ninguém, e não precisamos de outra coisa, sim, só um do outro. Somos felizes juntos.

A maritaca muito maliciosa tornou a falar.

– Viemos aqui para alertar vocês, porém não querem nos ouvir... Mais pensando na lei natural que é suprema, daqui a pouco vocês sentirão a necessidade de ter filhotes e outras coisas mais...

Assim saíram sem se despedir. Naquela noite as duas não conversaram e no dia seguinte foi diferente. Tumbija estava pensativa e preocupada.

– Japu'a eu não quero trazer a desarmonia para a nossa floresta.

– Nem eu – Disse a tartaruga. – Mas acho que aqueles dois vieram aqui somente para nos deixar tristes, pois sentem inveja de nossa amizade e felicidade.

Então tudo voltou a ficar como era antes: saíram para a floresta felizes, catando e comendo frutas saborosas. Muitos dias assim viveram. Porém, como dito pela maritaca, as duas começaram a sentir coisas estranhas, quando viam outros animais em números grandes e com filhotes, pensavam em algo que não falavam uma para a outra. Assim as duas foram cada dia perdendo sua alegria, sua vontade de brincar, e tudo que faziam juntas. Depois de passar muitos dias tristes, Tumbija falou para a amiga:

– O que faremos, Japu'a? Você quer se juntar com o seu grupo de espécie igual?

– Estou confusa, penso em ter filhotes, mas a gente se bastava, não é? Não quero me separar de você.

Tumbija emocionada falou:

– Minha única e querida amiga, eu também não quero viver longe de você, porém se esses sentimentos que nasceram em nós são da lei da natureza, talvez tenha que ser assim mesmo. E seus filhos seriam lindos como você. A floresta ficará feliz se nascerem outros Japu'a tão gentis como o pai.

– Você é muito gentil minha querida amiga.

– Então vamos procurar esse novo caminho. – Disse Tumbija.

No dia seguinte, os dois amigos iniciaram a caminhada com um novo propósito. Depois de muito caminhar, se depararam com uma cachoeira linda, com muitas flores em

seu redor, ali na água nadavam muitas tartarugas, mergulhavam e saíam na superfície.

– Coragem Japu'a, se aproxime, são seus parentes.

Japu'a muito nervoso e trêmulo chegou mais perto e falou:

– Posso nadar com vocês?

Todos pararam, ficaram olhando para ele torcendo os pequenos rabos. Então um deles falou em tom agressivo.

– Não, não, não! Não queremos você aqui, fique com sua amiga gigante. A maritaca nos contou tudo. Vá embora!

Muito triste o Japu'a voltou chorando até sua amiga.

– Não fique assim Japu'a, outro dia procuraremos outros de seus parentes, suba em minhas costas.

– Tumbija não se preocupe comigo, agora vamos procurar seus parentes, talvez você tenha mais sorte do que eu. – Respondeu a tartaruguinha.

– Não Japu'a, voltaremos para casa. Quero cuidar de você.

E assim retornaram, quando estavam na metade do caminho, eles viram pegadas iguais as de Tumbija. Japu'a disse à amiga que ela deveria tentar. Então deixou o amigo em cima de uma árvore e foi ao encontro de seus parentes. Não muito longe estavam muitas outras antas comendo raízes.

– Meu nome é Tumbija, posso comer raízes com vocês?

Como com Japu'a, todos pararam e ficaram olhando para ela, depois alguém dando gargalhadas falou:

– Que nome estranho, desde quando as antas têm nome assim? Quem deu? Ah! Já sei, foi seu maridididinho tartaruga?

Decepcionada, Tumbija voltou correndo ao encontro de seu amigo. Depois desse dia, nunca mais saíram para longe. Além do mais, os dias seguintes pareciam ser longos e tristes, não brincavam mais, tudo passava despercebido aos olhos deles, quando uma borboleta saía do casulo e voava perto deles, viravam para outro lado, estavam bem tristes mesmos.

Numa noite, Japu'a, antes de se deitar, olhou para sua amiga e chorou por sua tristeza, e pela dele também. Naquela noite teria uma surpresa, ele adormeceu e logo sonhou com um *Nhanderu Rembiguai* (mensageiro do Criador). No sonho ele disse a Japu'a;

– Por que chora pequena tartaruga? Olhe para a água. O que vê?

– Vejo uma linda mulher e um homem bonito também.

– Isso mesmo, você e Tumbija são muito bonitos.

Logo de manhã, Japu'a contou a Tumbija o sonho, ocultando algumas coisas. Mas disse à amiga que naquela manhã deveriam atravessar três grandes montanhas, e que quando chegassem na terceira permaneceriam no topo, acontecesse o que fosse ficariam lá por um tempo. Tumbija, sem perguntar muito, disse.

– Vamos sim, Japu'a, suba em minhas costas, só não sei se chegaremos lá ainda hoje. E sem mais conversas, os dois seguiram. Às vezes Japu'a perguntava:

– Quer que eu desça, para você descansar do meu peso? Nessas horas, Tumbija soltava umas risadinhas e respondia.

– Não precisa, meu amigo, pois você não é um peso para meu corpo.

Assim continuavam. Depois de andarem muito, quase chegava à noite quando eles

alcançavam o topo da terceira montanha.

– Finalmente chegamos, Tumbija.

– Sim, Japu'a, e agora?

Como orientado no sonho, disse a amiga:

– Agora ficaremos aqui juntinhos, e não tenha medo. Quando sentir medo, pense que estou aqui com você e sempre estarei. Tumbija, que confiava em seu amigo, concordou e assim ficou. Depois de algum tempo, começou a cair uma garoa que rapidamente ficava mais forte, assim logo o frio, e o vento gelado que trazia os granizos. E tudo ficou muito assustador, pois vieram também os raios e os trovões que pareciam que rachariam a montanha ao meio. Tumbija disse ao amigo:

– Confio em você, mas sinto muito medo agora. Antes de Japu'a dizer qualquer coisa à amiga, um raio muito luminoso caiu sobre eles, depois outro e outro. Uma voz se ouviu ecoar na floresta.

– Japu'a, vejo você, homem forte e bonito.

– Sim, Tumbija, você é uma linda mulher que se casará comigo para termos muitos filhos, eu lhe prometo, nunca faltarão jabuticabas para alimentar o seu corpo, e o meu amor para alimentar o seu espírito.

Assim Tumbija e Japu'a e os muitos filhos deles viveram felizes em uma aldeia com muitas antas e tartarugas ao redor, até o dia em que Nhanderu os levou de volta para sua morada sagrada.



POVO GUARANI

O termo guaranis refere-se a uma das mais representativas etnias indígenas das Américas, tendo, como territórios tradicionais, uma ampla região da América do Sul que abrange os territórios nacionais da Bolívia, Paraguai, Argentina, Uruguai e a porção centro-meridional do território brasileiro.

São chamados "povos", pois sua ampla população encontra-se dividida em diversos subgrupos étnicos, dos quais os mais significativos, em termos populacionais, são os caiouás, os embiás, os nhandevas, os ava-xiriguanos, os guaraios, os izozeños e os tapietés. Cada um destes subgrupos possui especificidades dialetais, culturais e cosmológicas, diferenciando, assim, sua "forma de ser" guarani das demais.

LIA MINAPOTY

Lia Minapoty é amazonense, de etnia Maraguá. Nasceu na aldeia Yãbetue'y, em Nova Olinda do Norte, atualmente mora em Parintins-Am.

Livros Publicados: «Com a noite veio o sono» (conto/infantil e juvenil), «A árvore de carne e outros contos» (conto – coautoria com Yaguarê Yamã) e «O peixe boi dos Maraguá – Guarugua» (conto – coautoria com Yaguarê Yamã).



A menina e a janela

(História em português e em maraguá)

Era uma vez uma casa
Que tinha uma velha janela

Yepé ruê-pe ganaê ki o rekó mǎbé tapéra

Onde morava uma menina
Que se chamava Niára.

Umǎ-pe o murari kunhǎtǎi i-rera Niára

Que não gostava de flores e nunca abria a janela.

Kunhǎtǎi arurú ki ti'o gustári potyra

E que não tinha amigos
Por isso vivia triste.

I ti o rekó r'apixara yawáreçé i-arurú.

- Que tédio! - Dizia ela.
- Que vida! - falava ainda.

- Ke yba! - Kunhǎtǎi o nhe'eg,
- Ke rikwé! - O nhe'eng piçaçú pe

Via o mundo de uma só cor
Por isso não queria saber de nada.

O mae~ guakáp pitinga pixuna ae yawáreçé ti'o gustári ruã

- Que graça tem esse mundo?
- Lá fora terá algo de bom?

Guakáp i-puxiuwéra, mo'õ o rekó mbaé katú?

A menina não imaginava.
A menina não queria imaginar.

Kunhãtãi ti'o moãg, kunhãtãi ti'o moãg putarí

Certo dia sentindo-se entediada resolveu abrir a janela.

Yepé ará'pe kunhãtãi i-arurú o hesoweri pirõ mãbé

E então ela teve uma surpresa!

Tawdjé'pe o rekó surpresa!

Do outro lado ela viu um lindo jardim com flores de todas as cores e de todos os tamanhos

Amõ rukape o mae~potytéwa porãga'eté potyraná panhé

E se encantou!

O yemarú

- Ikatureté - Falou na língua dos seus pais que eram índios.

Ikaturété, o nhe'eng maraguá pe

- Como é lindo! Ela repetiu traduzindo a mesma frase em português.

Como é lindo, o nhe'eng piçacú pe, ma'arí português pe!

Com isso ela entendeu que as flores são lindas
Que o mundo é lindo. E que a vida é bela.

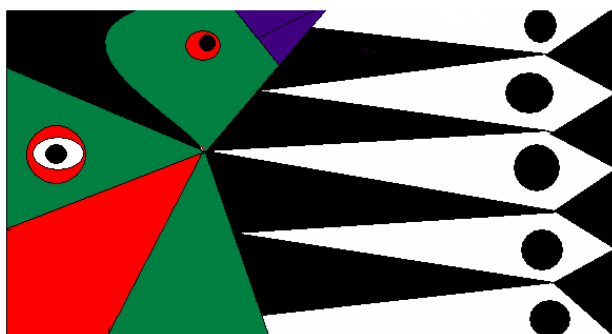
Yawá ru~ o kanaê ki potyra'ná i-porãg, guakáp i-porãg rikwé i-porãgaeté ã

Sim, a vida é bela! - Ela exclamou.

Ta'á, Ikowé ile-porãgaeté! - O nhe'eng

A partir desse momento sua vida mudou.
Ela começou a gostar de flores, sua vida ficou alegre, conheceu amigos e a menina
nunca mais ficou só.

Riré i-rikwé o mudári. O pu~gá gustári potyra, i-rikwé i-çurisy'eté xoê pory o yesentiri
yrõ a'e



POVO MARAGUÁ

O Povo Maraguá, mesmo depois de ter sido dispersado por perseguição causada pela exploração do pau-rosa e escravidão sofrida durante grande período de sua existência, continua habitando uma antiga região. Está dividido em três aldeias ao longo do município de Nova Olinda do Norte, no Estado do Amazonas. Atualmente, luta pelo resgate de sua cultura, pelo reconhecimento étnico e pela demarcação de seu território. Alguns Maraguás que, em busca de melhoria de vida, deixaram suas terras, hoje lutam em favor de seu povo, utilizando-se do conhecimento que adquiriram. Além de contarem com o apoio do CIMI e da FUNAI - Manaus.

Com palestrantes de todo o país e um convidado internacional, o escritor indígena Elicura Chihuailaf

De 8 a 11 de maio

II CAXIRI NA CUIA:

Colóquios com a
Literatura Indígena

ORALIDADE, ESCRITA E FILMOGRAFIA
INDÍGENA BRASILEIRA: construindo diálogos

Mesas de discussão | Rodas de conversas | Sarau litero musical | Mostra de filmes | Exposição

Realização



PPGLit

GRUPO DE PESQUISA
LEETRA



CONVIDADOS LOCAIS

Prof. Dr. Daniel Munduruku | Pós-doutorando na PPGLit – LEETRA
Prof. Edson Dorneles Krenak | Mestrando na PPGLit – LEETRA
Prof.ª Dr.ª Josette Monzani | DAC/PPGLit/UFSCar
Prof.ª Dr.ª Joyce R. Ferraz Infante | DL/PPGLit/UFSCar
Prof.ª Dr.ª Maria Sílvia Cintra Martins | DL/PPGLit/LEETRA |
Coordenadora do evento
Estudantes de graduação de diversos cursos da UFSCar

CONVIDADOS NACIONAIS



Ailton Lacerda Krenak Indígena Krenak/MG | Jornalista, escritor e assessor especial para assuntos indígenas do Governo de Minas Gerais. Um dos principais líderes indígenas brasileiros. Já recebeu diversos prêmios por sua luta a favor dos direitos humanos. É Comendador da Ordem do Mérito Cultural da Presidência da República.



Carlos Tiago Hakiy Saterê-Mawé
Indígena Saterê-Mawé/AM |
Escritor, poeta e subsecretário de Cultura de Barreirinha/AM.



Caimi Xavante
Indígena Xavante/MT |
Realizador indígena. Diretor de premiadas curtas-metragens.



Cristino Wapichana
Indígena Wapichana/RR | Escritor, músico, graduando em Administração e cineasta com especialização em Direção.



Naine Terena
Indígena Terena/MT | Jornalista com especialização em Rádio Comunitária. Produtora cultural e doutoranda em Educação na PUC/SP.



Olívio Jekupé
Indígena Guarani/SP | Escritor com vasta produção literária. Diretor-presidente da Associação Nhe'E Porã.



Rosi Whaikon
Indígena Piratapuaia/AM | Mestre em Antropologia pela Ufam. Escritora e poeta.

Apoio



CONVIDADO INTERNACIONAL



Elicura Chihuailaf
Indígena Mapuche (Chile) | Escritor e poeta, escreve em espanhol e mapudungun. Desenvolve seu trabalho a fim de registrar e preservar a tradição oral de seu povo.



Saiba mais sobre o evento em:
caxirinaufscar.blogspot.com

MANOEL FERNANDES MOURA

Líder tradicional do povo Tukano. Um dos principais articuladores do movimento indígena brasileiro.



Lembranças da Infância Indígena

Nasci na Comunidade de Maracajá, no Rio Tiquié, afluente do Rio Uaupés no Rio Negro – município de São Gabriel da Cachoeira. Minha mãe disse apontando, que o sol estava brilhando em cima das copas das árvores no dia em que nasci. Então calculo que eram oito horas da manhã.

Perdi meu pai quando tinha dois anos de idade, não consigo lembrar de sua fisionomia. Tenho ainda lembranças de muitas coisas que aconteceram quando eu era criança. Aqui relato alguns fatos que marcaram.

Perto de nossa casa tinham muitas touceiras de bananeiras. Eu descobri que seu tronco na água boiava. Eu achei interessante. Logo pensei: - posso brincar com isso na água e vou cortar agora mesmo. Eu tinha uns 8 anos. Não perdi tempo, fui pegar o facão da mamãe e mamãe Amélia Uáho disse: - Cuidado com o facão, não vai perder. Cortei alguns pedaços, levei para água para brincar, ficava rolando dentro da água e convidava para brincar comigo o Carlos, meu primo-irmão; Higino Tuyuca, parente próximo, Casimiro Tuyuca parente mais próximo e outras crianças. Bastava chamar uma criança que o resto acompanhava. Dentro da água cada um fazia sua arte, uns nadavam com o tronco de bananeira, outros queriam ficar em pé em cima do tronco. Aquelas crianças que não tinham troncos subiam pelas árvores, se jogavam dentro d'água. Era a maior festa. Era uma gritaria.

Um dia minha mãe me levou no colégio dos Padres Salesianos que ficava na maior comunidade da região do Rio Tiquié que era a Comunidade de Pari Cachoeira. Para irmos lá, viajamos com a canoa remando por nove horas. Hospedamo-nos na casa do meu tio Duiho (Luiz). No dia seguinte, às 16 horas, chegou um avião conhecido como “Panér” ou “Panair”, que fez muita zoadá e barulho. Os mais velhos falaram que o avião veio do Opêkô-wii ou Opêkô dihtara - cidade do Rio de Janeiro. Então depois que o avião pousou, corri muito para ver de perto. Eu queria tocar no avião e segurar com as minhas mãos, para sentir como era feito, sua aparência e a cor. Um avião que voa!

De dentro do avião saíram pessoas vestidas de roupa Azul, de roupa branca, de roupa preta, saias longas, muitas malas, sacas e caixas. Minha mãe me disse: - Toma cuidado não chega muito perto do avião pois ele traz gripe forte e outras doenças que não podemos curar. Mesmo assim eu era muito curioso e fui tocar. Percebi, então, que não era feito de madeira, era feito de ferro. Eu perguntei para meu irmão: - Sendo ferro, por que voa? Meu irmão Gabi (Gabriel) disse: - Você está vendo aquelas hélices? Então, elas que suspendem o avião com muito movimento e conseguem carregar o avião e voar. - Puxa

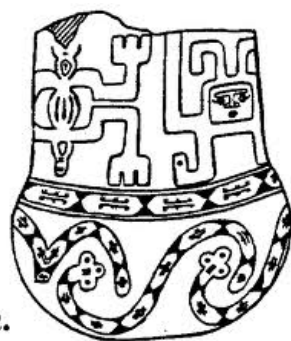
que bom, agora entendi.

No mesmo dia, à noite, minha mãe Uáho levou-me no colégio dos meninos internos para assistir o filme mudo de Charles Chaplin e filmes de guerra que um missionário tinha trazido da Itália. Ele projetou no pátio do Colégio para todos da comunidade assistirem. Eu assisti com muita atenção as imagens. As cenas dos filmes ficaram gravadas na minha mente, principalmente as imagens de guerras e os homens paraquedistas que se jogavam no ar e o paraquedas se abrindo no céu vinham sustentando o homem até o chão. Isso para mim era formidável. Naqueles dias e noites não consegui dormir pensando e imaginando tudo aquilo que eu tinha visto. Depois de muito tempo, regressei para minha aldeia Maracajá e já retornei com ideias diferentes, onde comecei a inventar alguns brinquedos como: uma zarabatana pequena porque eu vi os Hupda (índios desta etnia) usando zarabatana achei interessante copiar, mas os Hupda tinham verdadeiras grandes zarabatanas para matar caça grande de verdade. A minha era de brinquedo. Vi meu irmão primo Carlos fazendo arco e flecha, com ajuda dele eu consegui fazer um arco e flecha, assim juntos fomos fazendo outros brinquedos. Até que um dia fomos buscar nas árvores uns molongós para fazer palheta de avião. Derrubamos uma árvore, cortamos um tronco e galhos e trouxemos para casa. Começamos a fazer brinquedos. Ele fez um barquinho, eu fiz uma palheta de avião. Quando vinha o vento forte ficávamos na frente da casa prontos para correr. Com a força do vento impulsionando, a palheta girava e corríamos muito. Só faltava voar... e gritávamos zum... zuum, zum, zuum. Um dia talhamos a madeira de molongó para fazer a forma do avião. E o nosso avô desano Joaquim ficou animado e nos ajudou a construir. Puxa! foi uma maravilha, sentíamos-nos muito felizes. Na vida da Aldeia era assim, um colaborando com o outro. Hoje a distância de nove horas curtindo a paisagem, se transformou em 40 minutos de vento cortante no rosto, barulho de motor e cheiro de gasolina. Pássaros nem chegam perto e os peixes também ficam traumatizados com a violência da modernidade afoita. Fico muito triste vendo as crianças de hoje, obrigando os seus pais a comprarem o bonequinho de Superman e outros heróis, porque não tem mais árvores. E com certeza as árvores foram derrubadas para outros interesses na cidade e eles usam os derivados de petróleo, plásticos tóxicos, metais corrosivos, aviões de guerra, mísseis mortais cortando o céu azul. O barulho é outro. Muitos ficam também sem dormir dias e noites com dor de ouvido e horror das cenas de guerras reais.

Infância perdida. Área limitada. A criatividade mudou de direção.

POVO TUKANO

Os povos indígenas conhecidos como Povos Tukano integram atualmente 17 etnias que vivem às margens do Rio Uaupés (AM) e seus afluentes e também na Colômbia, na mesma bacia fluvial. Esses grupos indígenas falam línguas da família Tukano Oriental e participam de uma ampla rede de trocas, que incluem casamentos, rituais e comércio, compondo um conjunto sócio-cultural definido, comumente chamado de “sistema social do Uaupés/Pira-Paraná”. Este, por sua vez, faz parte de uma área cultural mais ampla, abarcando populações de língua Aruak e Maku.



NAINE TERENA



Terena de nascimento. Vive em Cuiabá. Graduada em Jornalismo com especialização em rádio comunitária. É produtora cultural e blogueira. Atualmente está concluindo seu doutorado em Educação na Pontifícia Universidade Católica – PUC/SP

O redescobrimento do Brasil

[Em homenagem a mim mesma e ao Dia das Mães, mãe de Niara].

Nos últimos anos tenho viajado muito. E em cada lugar posso dizer que ganho uma experiência nova para registrar. Por estar num ritmo sempre muito acelerado, o que é muito comum nas grandes cidades, a gente às vezes não percebe quando está sendo observada e as coisas acontecem quando menos esperamos.

Ah, isso que escrevi é uma grande mentira. Eu já espero tudo o que menos imagino, principalmente quando se relaciona à questão indígena, afinal, minha cara de índia me denuncia a qualquer momento e em qualquer lugar. Talvez o corpo magrinho, o cabelão e a aparência de pouca idade também chamem a atenção.

E foi mais ou menos assim que aconteceu. No aeroporto, chego ao guichê para realizar o check-in. Como de hábito encontro sempre jovens, meninos e meninas todos bonitos e bem alinhados, com um sorriso elegante no rosto. Parecem não passar dos trinta anos. Resplandecem uma jovialidade inconfundível. A simpatia e a educação também são as marcas registradas das pessoas que estão nesse local. A atendente, uma moça que aparenta ser bem nova e com olhos azuis imensos e destacados pela maquiagem, executa a ação num ar de calma, cumprindo o protocolo de atendimento até olhar meu pescoço. Arregala o olho no colar feito com dentes de macaco.

Assustada, quase em pânico pergunta do que era aquele colar. Respondo séria sem dar muita atenção, mexendo em alguns papéis: - «macaco». Confesso que não vi nada de anormal, pois uso esse colar há muito tempo. Recordo sempre que minha mãe conta que quando morava na aldeia dos indígenas Umutina, pediu que fizessem um colar para mim, com um pequeno dente de macaco. Era o meu colar de criança. Aquele foi um momento um tanto estranho. A atendente desesperadamente chama os outros colegas e diz: «Dente de macaco, dente de macaco!» Pelo desespero, realmente eu não sabia se corria, ficava ali parada expondo o pescoço como uma vitrine de loja, satisfazendo o desejo do público de tocar um dente de macaco, afinal não se encontram macacos todos os dias, quem dirá o dente fora do macaco?

Me senti o zoológico ambulante, em exposição para jovens de uma grande cidade. Paciência. Afinal eles não tinham a obrigação de conhecer toda a história indígena do país, saber que existem mais de 250 povos e 180 línguas, idiomas e dialetos, em todos os estados brasileiros. Bobagem. Apenas seguiriam sua rotina ao findar do meu check-in e quem sabe comentariam para um amigo, namorado, pai, mãe e irmãos que viram um “índio” ao vivo.

Voltei para o chek-in e não tardou veio a clássica pergunta: «Você é índia?» Sim, a

clássica pergunta foi acompanhada de uma outra. «Achei que esses eram seus dentes de leite». Nesse momento fui lá no fundo das minhas memórias, lembrar as aulas de ciências, corpo humano e vagamente contar quantos dentes de leite perdi ao longo da infância. Não, não seria possível aqueles mais de 32 dentes do colar serem meus dentes de leite. Deixei a observação passar despercebida, afinal não era hora nem ânimo para explicações que poderiam até ofender a pessoa que perguntou.

Continuei ali, me sentindo o próprio macaco do zoológico. Mais perguntas vieram então: «Por que você não usa mais bijuterias que índio usa? É tão bonito, feito de pau, pedra...» bom, agora fui buscar o «Aurélio» para entender de que bijuterias eles falavam. Talvez não fosse também o momento de falar sobre a diferença entre artesanatos, artefatos e bijuterias.

Consegui por muito tempo manter o sorriso no rosto, como nunca é de costume. Mas continuei indagando ainda por que eu ficaria brava com aquele grupo de pessoas que embora demonstrassem surpresa, achavam graça, eram movidos pela ingenuidade e desinformação sobre o assunto.

O check-in parecia nunca terminar!

Deveria ser porque eu podia iniciar uma aula de história e cultura indígena. Que mal faria, afinal eram todos jovens atendentes e comissários que estavam cheios de curiosidades. Respondia vagamente as questões que me fazia a juvenzinha do atendimento.

Ela queria saber de onde eu vinha, para onde ia, o que fazia e o que estava fazendo ali. Ao falar a palavra trabalho, novamente ela interrompeu o procedimento e me olhou com um olhar azul arregalado, dizendo: «Índio Trabalha? Não sabia!» É, essa para mim também foi uma grande novidade. E estava esperando ela me perguntar se índio estudava, dormia ou comia gente. Mas esse momento não chegou. Ela me entregou o bilhete de embarque e eu segui a caminho do portão. Deixei para trás um pequeno grupo de jovens acenando e sorrindo alegremente para mim. Novamente me vieram diversas lembranças e pensei nos colonizadores quando chegaram ao país. Talvez não tivessem sorrido tanto como fizeram os jovens no aeroporto. Realmente, ali naquele momento, aqueles juvenzinhos estavam literalmente redescobrimdo (ou descobrimdo?) o Brasil.

POVO TERENA

Com uma população estimada em 16 mil pessoas em 2001, os Terena, povo de língua Aruák, vivem atualmente em um território descontínuo, fragmentado em pequenas “ilhas” cercadas por fazendas e espalhadas por sete municípios sul-matogrossenses: Miranda, Aquidauana, Anastácio, Dois Irmãos do Buriti, Sidrolândia, Nioaque e Rochedo. Também há famílias terena vivendo em Porto Murtinho (na Terra Indígena Kadiweu), Dourados (TI Guarani) e no estado de São Paulo (TI Araribá). Nestas duas últimas localidades, famílias terena foram levadas pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI) para servirem de “exemplo” aos índios locais (exemplo de afinco nas práticas agrícolas e também de “obediência” ao sistema de controle imposto pelos funcionários daquele extinto órgão público...).



OLIVIO JEKUPÉ

Olivio Jekupé é escritor, poeta e filósofo de etnia Guarani, nascido no interior do Paraná. Casado e pai de três filhos, é presidente da ASSOCIAÇÃO GUARANI NHE'E PORÃ. ALDEIA INDIGENA KRUKUTU-em Parelheiros, sul de São Paulo.

Livros publicados: «O verdadeiro Saci» (crônica), «Iarandu, o cão falante» (infanto-juvenil), «500 anos de Angústia» (poemas), «Teko'a conhecendo uma aldeia indígena» (infanto-juvenil), entre outros



Estava eu, no oitavo encontro de escritores...

No ano de 2011 aconteceu no Rio de Janeiro mais um encontro de escritores indígenas, onde recebi com alegria o convite do coordenador. Quando recebi o e-mail, pensei logo que minha participação poderia render-me frutos e eu poderia lançar meu último livro no evento, um livro chamado “Tekoá - conhecendo uma aldeia indígena”, da editora Global.

No dia 14 de Junho, viajei para o evento, a alegria era imensa porque iria estar ao lado de outros escritores indígenas, muitos deles de outros estados brasileiros. O vôo durou poucos minutos, mas deu tempo de beber meu guaraná e comer as poucas bolachas que a comissária de bordo me ofereceu.

Ao desembarcar no aeroporto, por coincidência dou de cara com Raphael Crespo, um rapaz alegre e que trabalha no NEARIN (Núcleo de Escritores e Artistas Indígenas). É que ele estava esperando outros índios que vinham de Manaus. Por sorte pegamos o mesmo táxi e fomos direto para o Salão do Livro Infantil e Juvenil. Nesse evento tem o stand dos autores indígenas, ali se pode ver as obras e novidades da nossa literatura. Logo que cheguei coloquei meu banner. Aonde vou sempre o levo para mostrar ao povo, é uma forma de mostrar o que tenho. (Na aldeia Krukutu, onde moro, tenho outro banner que deixo para os turistas verem quando vão ver os artesanatos na lojinha que temos).

À tarde fui ao hotel onde os escritores indígenas iriam se hospedar. Já estavam lá alguns autores, entre eles, o senhor Manoel Moura, grande liderança tradicional e muito conhecido pelas lutas do povo indígena. Por sorte ficamos hospedados no mesmo quarto. Conosco ficou outro índio, que se chama Jaime e que é do povo Desana do Amazonas, aliás, rapaz alegre e contador de piadas.

No dia seguinte, fui para o stand onde acontecia o encontro da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), ali encontrei a senhora Beth Serra. Considero-a nossa madrinha, pois desde 2004 tem apoiado nosso encontro. Foi através de seu apoio ao NEARIN que temos stand no evento. Cumprimentei-a falei rápido, porque ela é muito importante e com muitos compromissos, em seguida fui conversar com Ely, do povo Macuxi, que lançaria um livro no dia 16, o mesmo dia em que eu também iria lançar o meu.

Mais tarde reparei que havia uns cartazes divulgando que estaríamos na UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro). E esse seria um encontro em que os escritores

indígenas estariam falando sobre seus trabalhos e suas experiências de vida.

- Hoje à noite iremos falar com os alunos da universidade. – Disse Cristino Wapichana, o coordenador do Nearin.

Fiquei feliz ao ouvir aquilo, pois a UERJ é uma Universidade de renome. Então depois de pegarmos uma Kombi, chegamos ao campus.

No início do programa, o professor Bessa iniciou a fala de apresentação. Em seguida foi a vez de Cristino que logo chamou alguns líderes para compor a mesa: Marcos Terena, Graça Graúna, Ademário Payaya e Ely Macuxi, mas que preferiu dar a palavra ao indígena Desano que participava do encontro pela primeira vez. Depois foi a vez do Manoel Moura. De repente levei um susto, pois fui chamado também para compor a mesa. Para mim foi muito importante, porque eu tinha certeza que poderia contribuir com algumas palavras. Sei que não sou doutor, mas sempre acreditei que Nhanderu me inspira quando falo diante do público, por isso logo que meu nome foi citado, falei com ele - É agora Nhanderu! Então me levantei e fui sentar ao lado daqueles grandes líderes que são exemplos de luta e de resistência, e que através dos seus discursos, fazem com que a sociedade respeite nosso povo e haja mudanças junto com novas políticas públicas.

Depois de Graça Graúna e Payayá palestrarem, foi minha vez. Como de costume não gosto de falar sentado, aí me levantei e comecei a me apresentar:

- Bom, para quem não me conhece sou Olívio Jekupé, e para quem me conhece também sou Olívio Jekupé.

Logo que falei todos riram. Então comecei meu discurso. Brincadeira à parte, não me intimidei, falei com coragem, tentei mostrar a importância que tem a literatura escrita pelos povos indígenas, e que gosto de falar que nós fazemos “literatura nativa”. No início, muitos não entendem isso que falo, mas depois de explicar aí todos entendem minha ideia. Aproveitei a cada momento que tinha para falar com os alunos com sabedoria, sei que quando estamos ao lado dos estudantes de universidade, temos que falar bem, com a ajuda de Nhanderú (nosso Deus), porque muitos pensam que porque moramos na aldeia, somos incapazes, que não pensamos, que não sabemos discursar. Por isso, ao terminar minha apresentação, aí só escutei os aplausos dos estudantes, e que me deixou emocionado e convencido de que tenha falado bem, porque ouvir tantos aplausos assim não seria à toa.

Em seguida foi a vez do Ailton Krenak, grande homem, de discurso que quando fala deixa o povo de queixo caído. Sei que quando eu era garoto quando morava no Paraná, em 1984 eu gostava de ouvir seu nome na televisão e outras matérias da imprensa. E desde aquela época eu acompanho seu discurso pela escrita. Mas já em 1992 eu tive a oportunidade de conhecê-lo na aldeia Morro da Saudade como era chamada na época, aldeia guarani que fica em Parelheiros - São Paulo. Para mim foi emocionante conhecê-lo. E hoje somos grandes amigos e desde aquela época que me conheceu, ele pôde ver algumas poesias minhas e gostou, disse que minhas poesias eram muito boas. Isso me deixou feliz ao ouvir essas palavras de um grande líder indígena. Em seguida ele parou de falar, e agradeceu a todos. Todos aplaudiram, pois seu discurso era demais. Ao terminar, fomos para o hotel Glória, na Lapa, onde estávamos hospedados.



No dia seguinte já era 16 de Junho, então, fomos todos ao evento em que aconteceria o encontro. Ao chegar ao local, pude perceber que era um lugar muito bonito, diferente do anterior. Lá disse a alguém que eu precisava de algumas mesas para expor meus livros para vender junto com alguns artesanatos, é que todos os anos sempre tem alguém que traz. Alguns minutos depois trouxeram quatro mesas. Eu fui logo colocando meus livros. Os professores que chegavam iam dando uma olhada, eu aproveitava e conversava com eles, alguns me conheciam pela internet e diziam que me acompanhavam pelo Facebook, e eu dizia: - Que bom, fico contente.

Nisso alguns compravam o livro e pediam autógrafo. Para mim era emocionante porque me fazia sentir uma pessoa importante. Já pensou? Eu moro numa aldeia e a gente sempre sofre muito preconceito e ser vangloriado pelos jurua kuery (não índios) me deixava alegre.

Finalmente o grande encontro de professores e escritores indígenas começou. Quem iniciou foi a grande Beth Serra que comentou da importância que é apoiar esse evento e que era o oitavo ano que acontecia... Em seguida falaram: Cristino, coordenador do NEARIN e Daniel Munduruku, Diretor - presidente do INBRAPI.

Depois de algumas apresentações iniciou-se a palestra: Ailton Krenak, Marcos Terena e Manoel Moura foram os primeiros. Eliane Potiguara foi a próxima, ela que é grande poetisa e que tem um livro que já li e gostei muito intitulado “Metade Cara Metade Máscara”, editado pela Global.

Logo foi minha vez e através de um simples discurso tentei mostrar a importância que tem o livro escrito por autores indígenas, Aliás, tentei ser rápido porque já estava quase na hora do almoço e às duas horas eu ia fazer o lançamento do meu livro.

Depois do almoço, desci e fui direto para o stand onde seria o lançamento. Não demorou muito e apareceu Mauricio Negro, o ilustrador. Conversamos um pouco e logo iniciamos uma pequena palestra para alguns professores e as crianças que chegavam. Posso dizer que foi uma conversa muito gostosa, e naquele momento, enquanto eu falava, havia outros escritores falando também, pois era um grande evento em que tinha muitos autores ao mesmo tempo lançando. Depois que terminamos o lançamento alguns vieram com o livro na mão para darmos autógrafo, eu e Mauricio. Isso me deixava feliz.

Posso dizer que foi um dia inesquecível para mim, porque eu estava lançando um livro que tinha certeza que seria um grande sucesso no Brasil, pois eu escrevi de um jeito em que as pessoas possam conhecer uma cultura diferente e que poderá ajudar muitos professores no Brasil. E tenho certeza que com a Literatura Nativa escrita pelos povos indígenas muitos irão valorizar mais nosso povo.

Mas antes de voltar pra aldeia, resolvi deixar umas poesias do meu livro «500 anos de Angústia», um livro de poesias que publiquei, e que muitas vezes gosto de mostrar os poemas que escrevi. Imprimi duas delas e deixei com o Ailton Krenak, pois ele gosta muito de ler poesias.

O povo mais sofrido

Quando eu era criança lá no Paraná,
Nos anos de 1980, ouvia histórias,
Dos nossos parentes guarani kaiowá,

Mas eram só histórias tristes, e que eles
Sofrem muito por causa da falta de terras,
Pois sei que sem terra nosso povo não vive,
Mas eu sabia que eles tinham que lutar muito,
Para que resistam em sua pequena terra,
Mesmo sendo tão difícil, nunca pode desanimar.
Por isso, eu fui crescendo e sonhando que, um dia,
Nossos parentes possam ter uma vida melhor,
Aliás, sabemos muito bem, que todo o território,
Por isso, nossos parentes estão em terras
Que sempre foram suas, por isso lutar por elas
É direito deles e nosso, viva o povo guarani kaiowá!!.

Marçal o grande líder

Pois é, sei que muitos já ouviram
Falar do grande líder Marçal Tupã,
Um líder que também era de Dourados,
Cidade onde tem aldeias guarani kaiowá,
O povo mais sofrido desse País.
Ele se tornou um líder
Muito conhecido no Brasil,
Mas ficou conhecido por lutar
Em defesa de sua gente, e ele também
Sofreu muito, porque a vida de um grande
Líder é muito sofrida, porque sofre humilhações,
Muito desprezo e muitas noites sem sono
Pensando no que fazer para melhorar a vida
De seu povo.
E como todos sabem, Marçal lutou tanto em defesa
Do seu povo, mas tiraram a vida deste
Grande líder, por isso, nós, indígenas,
Nunca devemos deixar de falar dos
Nossos líderes e, como exemplo,
Relembrar sempre de Marçal Tupã,
O líder guarani kaiowá.

Ymã guare

Aiko vaikue raxa rima'avvy,
Ymã raxa ma,
Jaiko axy raxa
Jurua ogueraapa nhade yvy,

Ojgueraa xevy perata,
 Jurua kuery gui.
 Haxy raxa xepy'a,
 Aexariae rã ve rã,
 Nhakanỹmba
 Nhande yvy, ayvu, nhandekuery
 Nhande rete gui jaiko,
 Amboae mba'e mõi
 Mba'e retu heta jurua,
 Heta ma omanõi omboaxy reve'ỹ,
 Nhande jaiko xevy?
 Xee aikuaa ha'ekuery ovaerã,
 ojuka omboaxy reve'y.



POVO GUARANI

O termo guaranis refere-se a uma das mais representativas etnias indígenas das Américas, tendo, como territórios tradicionais, uma ampla região da América do Sul que abrange os territórios nacionais da Bolívia, Paraguai, Argentina, Uruguai e a porção centro-meridional do território brasileiro.

São chamados "povos", pois sua ampla população encontra-se dividida em diversos subgrupos étnicos, dos quais os mais significativos, em termos populacionais, são os caiouás, os embiás, os nhandevas, os ava-xiriguanos, os guaraios, os izozeños e os tapietés. Cada um destes subgrupos possui especificidades dialetais, culturais e cosmológicas, diferenciando, assim, sua "forma de ser" guarani das demais.

RONI WASIRY GUARÁ

Roni Wasiry Guará é professor, escritor e poeta amazonense, filho do povo indígena Maraguá. Mora atualmente em Boa Vista do Ramos, - Amazonas, onde coordena grupos de movimentos indígenas. Ganador do concurso Tamoios, da FNLIJ.

Livros publicados: «Mondagará, traição dos encantados» (conto), «A cobra que foi pega pelos pés» (infanto-juvenil), «Çaiçú indé o primeiro amor no mundo» (infanto-juvenil), «Olho d'água caminhos do sonho» (memória) e «Maraguapeyara» (coautoria com Yaguarê, Elias Yaguakãg e Uziel Guayne)



Çé kurumiguaré *Minha Infância, um ritual de aventura.*

I

A descoberta de um mundo encantado

Nasci na primeira lua do ano de 1975 em uma noite de céu estrelado no lugar chamado de **Phorãg** ou Ponta Alegre, o lugar dos sonhos, em território do povo Sateré-Mawé, mesmo eu sendo Maraguá, pois, naqueles tempos, meu povo ainda estava disperso, nosso território tradicional havia sido invadido por colonos não-indígenas e meus antepassados sofreram perseguições para abandonarem nosso território.

A família toda reunida à espera de mais um filho. Para minha mãe isso era o fato mais importante daquela lua nova, pois já se sabia que era um **kurumi** o filho que viria a nascer. Meu avô havia sonhado com um descendente do grande líder dos **Maraguás**, um dos meus avôs chamado de **asas em movimentos**.

Meu pai havia feito o teste, que era pura tradição e por sinal infalível. Ele não era um caçador e sim um pescador, mas mesmo assim sempre se aventurava nas caçadas.

Minha mãe lhe pediu que cozinhasse o **inãbu** que ele havia caçado para saciar seu desejo, coisa de mulher. Papai fazia um corte no coração da ave e, se após cozinhar, o corte estivesse aberto era mulher, se fosse fechado era com certeza homem.

Cresci aprendendo com os mais velhos que os Maraguás têm na natureza seu maior aliado. Quando criança sempre andava acompanhado dos seis **kurumins** que nasceram no mesmo dia que eu e isso era sinal de união entre todas as famílias.

Vovô falava que éramos grandes no reino dos espíritos e que cada um de nós seria grande líder em prol do nosso povo.

Quando saíamos a perseguir lagartos e cobras no meio do capinzal que havia ao redor da aldeia, vovô dizia que a luz que vinha do céu nunca nos abandonaria e que seríamos fortes nas lutas da vida.

Hoje, observando as crianças que correm de um lado para outro levantando a poeira do chão batido, os pés descalços, brincando de **mãja** sempre alegres e sorridentes, outros que mergulham no rio tentando chegar ao jenipapeiro do outro lado do riacho, sinto uma alegria tão grande em estar ali a observá-los, que minhas memórias me fazem voltar no tempo.

Lembranças dos meus avós, meus pais os grandes sábios de minha infância.

Hoje, na casa dos 35 anos; cresci...

Tornei-me homem, pai, professor e rabiscador de palavras, alguns me chamam de escritor. E olha que no passado já fui chamado por tantos nomes diferentes **coroca**, **carumbé**, **cachorro do mato**, esses eram muitos dos nomes pelos quais eu era chamado.

Hoje com todo orgulho **indígena** trago comigo o mesmo **kurumi** que corria atrás do vento, que gosta do cheiro de terra, cheiro da mata, o gosto do **tarubá**, corria lado a lado com a alegria de todo dia banhar-se no rio, que quando criança o fazia para manter sempre o círculo entre todos do nosso povo.

Cresci aprendendo a viver a vida de forma a não destruir e não ferir nada que fosse vital para sobreviver. Hoje entendo mais ainda por que os velhos são chamados de sábios.

II

Quando tinha dois anos de idade já era levado à roça.

Com três anos já ajudava nos trabalhos, mas o que meus irmãos, primos e eu fazíamos mesmo era sair correndo atrás de um **jakurarú**, **lagarto**, **kaninana** e **çarakuras** ou qualquer outra caça por menor que fosse.

Todos os dias acordávamos bem cedinho com o cantar da **guariba** ao longe, e em pouco tempo aquele som parecia estar bem perto de casa; o cantar do bicho era tão forte que eu achava que o peito do grande macaco ia estourar.

Então, corríamos até o rio para nos banharmos e pegar água, enquanto as mulheres preparavam os alimentos e os homens já arrumavam as ferramentas para os trabalhos do dia.

Saíamos cedo para dar tempo de trabalhar. Voltávamos para casa ao meio-dia e assim ter tempo de ouvir os ensinamentos de papai e mamãe.

No caminho da roça, a gente parava para colher **tukumã** e ver se não havia varrida de **tatu** ou **cotia** comendo os frutos. Os mais velhos cortavam os cachos e as canoas de **babaçu** para brinquedo das crianças, também colhiam **açaí** e **bakaba**, antes que os tucanos comessem tudo.

Quando pela frente um **tatu** aparecia, os cachorros saíam em disparada latindo atrás dele. Meus irmãos e eu saíamos em disparada seguindo-os floresta adentro, esperando a hora em que o **tatu** entraria em uma toca e os cachorros ficavam latindo com os focinhos no buraco de terra amarela, nós chegávamos para pegar a **embyara** de **Kidobra** e **Xathupy**, nossos cachorros caçadores, e eu nem sabia que estava aprendendo a caçar. Papai ficava nos observando.

Na roça todos capinavam, depois arrancavam **mandiocas**, então eu ajudava a cortar os troncos separando as batatas no panelo. Também colhíamos **kará**, **makaxera**, banana... Nos intervalos tomávamos um gostoso **xibé** para aliviar a fome. Os panelos cheios de produtos eram feitos por meu avô. Alguns, ele fazia na hora, tirando fibras de embira ou de jacitara.

Quando retornávamos para casa é que se podia ver a quantidade de gente. Eita! Que a fila era longa e a alegria enorme pelo trabalho realizado! Voltávamos cantando pelo caminho... Os mais velhos iam à frente, os mais novos atrás com as crianças trazendo os baldes de **kuyté** que levávamos com água para beber.

Em casa mamãe preparava um gostoso mingau de banana com leite de castanha-do-

pará, **beiju de tapioka** e chá de capim cheiroso para meus irmãos e para mim que era o menor da turma. Após o alimento, íamos para o barracão do forno e começava a torração de farinha.

Cada qual procurava um lugar para sentar-se e pôr os paneiros. Papai, na **garêra** ralava as mandioca, eu gostava é de lavar a massa para tirar **tukupy** e a **tapioca**. Meus irmãos espremiam a massa ralada no **tipity** para poder secar no forno de barro. As meninas peneiravam enquanto outros separavam o **tukupy** para ferver com folhas de **jambú**.

Depois de a massa estar seca e torrada, é que guardávamos a farinha em paneiros forrados com folha de bananeira. Então dávamos uma pausa para um novo **puxirum** de cantos e contos, pois agora as famílias tinham bastante farinha pra alimentar-se. Levariam dias pra que novamente o povo voltasse a fazer farinha.

III

Lembro-me de uma frase que meu pai costumava falar sempre que nos via agitados. Dizia ele:

- Quando tiver tantas coisas a fazer, não faça nada. Que não é fazer nada; mas sim fazer uma coisa de cada vez pra fazer bem feito.

Nos dias de pescas meus irmãos e eu íamos para o rio e entrávamos com as **ygarité** no meio da **membeka**, para agarrar gafanhoto, eles são uma excelente isca para pegar peixe.

Papai quando me levava para o **ygapó**, me ensinava as artimanhas da pesca. É por isso que gosto de pescar até hoje. Ele me mostrava que árvore “estava jogando fruto” e em que época do ano os peixes comiam dela. Isso era o que chamo hoje de melhor educação do mundo. Havia árvore de **kapitary**, **Kumaná'rana**, **embaúba**, **jawary** e muitas outras. Aquelas horas eram de muita atenção! Papai falava com sussurros para não assustar os peixes.

Foi meu pai que me ensinou a fazer arco e flecha. Ele sempre foi grande pescador de **pacus**. Seus **caniços** eram tão fortes que aguentavam grandes peixes.

No dia em que aprendi a fazer flechas meu pai foi até o lugar onde eu estava e disse:

- Filho, você de agora em diante será o construtor de flechas para a família.

Isso me deixou muito feliz, pois com ele aprendi que tudo o que fazemos só tem valor se for para os outros, e não para nós mesmos, então tudo o que eu usava era feito por outro e o que eu fazia dava para alguém, podia ser para primo, irmão ou tio ou mesmo alguém não tão próximo.

Lembro-me de um dia em que eu estava sentado à sombra de um **jutái**. Meu pai chamou-me e disse:

- Chegou o dia de você ter um arco e suas flechas feitas por mim.

Ele trazia em suas mãos, todas enfeitadas com lindas penas coloridas de **ariramba**, as mais belas flechas que eu já havia visto e entregou-me. A partir daí eu e meus primos parentes, juntos com os outros garotos, fomos pescar.

Cada um com seus arcos na mão... O primeiro plano era ir para o lago, mas era só alguém dar uma nova ideia, que lá íamos para outro lugar. Na verdade o que a gente fazia mesmo era ir comer **tukurybá**, **apewa**, **mary-mary** e pular n'água. Subíamos no galho

mais alto do **marymaryzeiro** (uma grande árvore que ficava com metade do seu tronco debaixo d'água) e de lá um de cada vez saltava mergulhando naquela água gostosa. Íamos até o fundo, pegávamos um pouco de capim ou folhas pra provar que tinha alcançado a “terra”, aquilo demonstrava coragem e agilidade.

Vez e outra um bando de macacos **kaia-arara** nos observava esperando paciente a hora de irmos embora e eles pudessem deliciar-se também com os frutos. **Kaia-arara** gosta de comer **tukurybá do ygapó**.

Vendo-os começávamos então a gritaria, assobiando, cantando imitando os macacos que se assustavam, então era um pula-pula de macacos para todo lado. Dávamos risadas com aquele alvoroço, e assim findávamos o banho.

Outra atividade que movimentava a comunidade era a época da colheita de palha de **murumuru** para fazer os vários utensílios. Quando íamos preparar as palhas, cada um pegava um pedaço de **molôgó** e uma espécie de faca feita do osso da costela de **kamã** (anta) e todos preparavam as fibras apertando-as sobre o pedaço da madeira e dava-se um puxão, fazia-se isso várias vezes, só assim as palhas ficariam macias e os artesanatos bem bonitos.

IV

Minha infância sempre foi feita de aventuras

Lembro-me de Kodi, meu irmão mais velho, quando ia caçar pato do mato no lago do Fausto, sempre se mostrando forte. Eu gostava muito de ouvir suas histórias de caça.

Ele contava com detalhes como fazia para ser bem sucedido: construía o **mutá** dentro d'água e ficava lá aguardando as aves. Quando voltava para casa era uma festa só.

Muitas vezes pescávamos com **kamury**, cada qual armava o seu e ficava esperando à espreita, aguardando a hora em que os peixes se fisingariam na armadilha. Vez ou outra o peixe escapava, então tínhamos que armar o **kamury** novamente e voltar pra onde os outros estavam aguardando. Nessa espera os mais velhos contavam histórias, falavam dos encantados, das visagens da beira dos lagos e **ygapós**.

Papai nos contou sobre os **Kãweras** (amedrontadores, demônios que habitam as llongínquas regiões do país dos maraguás, e que têm forma de homens com asas e cabeças de morcego) que um dia comeram vários homens, quando caçavam à noite.

Eles haviam desobedecido ao conselho dos mais velhos, que disseram que à noite não era para sair, pois ela havia sido feita por Monãg somente para dormir. Mesmo com pedidos insistentes dos sábios, os homens foram, e dentro da floresta, enquanto dormiam, foram mortos. Foi preciso outro grupo de caçadores ir atrás deles, mas só encontraram seus pertences e os vestígios dos demônios.

Histórias como essa davam e ainda dão um grande medo, principalmente quando são contadas em momentos oportunos de pescarias e caçadas.

Uma noite nossos pais precisaram ir à casa de alguns parentes que moravam distante, e pediram para que uma tia ficasse conosco.

Ela não era muita corajosa, então quando começamos a lembrar as histórias contadas durante o dia, ela mais que rápido acendeu todas as lamparinas para que a casa ficasse mais iluminada, quando de repente, para seu azar, bateu um vento forte e as lamparinas se apagaram. Nesse momento, do lado de fora ouvimos um estranho barulho,

meu irmão mais velho foi logo dizendo:

- Deve ser alguma **visaje**, que veio por causa do medo que alguns estão sentindo.

- Pare com isso! Reclamou em sussurros a tia Jhimor, agarrando-se às outras meninas.

- Cuidado, ela quer entrar! – Completou meu irmão. Foi então que nossa coragem se desfaleceu e, juntos com nossa tia, levamos a sério aquele ruído.

O barulho aproximava-se cada vez mais da porta. Dentro, todos já estavam juntinhos, agarrados um aos outros.

Aqueles ruídos davam a entender que algo tentava arrancar as palhas que serviam de parede.

Já estávamos prontos pra gritar de pavor, quando ouvimos uma voz conhecida: era papai que com sua **porõga** iluminava do lado de fora e enxotava os patos para fora de casa. Nesse momento achamos a **jutai-cyka** para acender de novo as lamparinas. Titia foi recuperando a cor. Ao entrar, papai notou nosso alívio. Sem entender perguntou o que havia acontecido.

- Nada papai, só uns medrosos que quase saem correndo com medo. – Respondeu Kódi.

- Medo do quê? Não tinha nada lá fora, a não ser os patos que puxavam as palhas com o bico.

Aquelas palavras foram como água sobre o fogo. Que alívio, só aí fomos entender por que ele, Kodi, ria de nós.

V

Lembro-me também das mangueiras que ficavam na ribanceira de casa.

Na temporada em que elas estavam carregadinhas de frutas, nosso maior passatempo era ir ao mato procurar árvore de **sôva** para tirar o leite e fazer uma armadilha a qual chamamos de grude. Sabíamos que não demoraria para bandos de papagaios aparecerem e começar a roer os deliciosos e azedos frutos. Com os **visgos** prontos, subíamos na mangueira escolhendo um ponto estratégico e colocávamos ali os grudes.

Era complicado, pois quando os papagaios chegavam vários deles ficavam grudados. Então, rápidos subíamos para pegá-los e era uma gritaria só: meus irmãos gritavam de alegria, os pássaros gritavam de medo e eu gritava com as bicadas que levava nos dedos ao tentar tirar “meu papagaio” do grude.

Só assim conseguíamos salvar a colheita de manga, mas eram mais de dois meses de aventura e espera. Passavam-se os dias e os frutos já maduros começavam a cair.

VI

Uma das boas lembranças de minha infância é a grande festa dos **Maraguá** denominada **Akury Adjapy** – a festa dos clãs.

Todas as famílias se encontravam em uma determinada aldeia. Algumas vinham de longe, em viagens que duravam dias só para as reuniões. Minha família era uma dessas. Como morávamos no rio **Maçawary**, distante duas luas do rio Abacaxis, onde ficava a maior parte de nosso povo, tínhamos que sair três dias antes para chegar a tempo. Ali, o

que mais fazíamos era conversar e ouvir as histórias dos nossos antepassados, meu avô era um dos grandes contadores.

À noite, após o jantar, íamos ao centro do terreiro, cada um com sua esteira de palha na mão, deitávamos no chão formando um grande círculo e começava a contagem das estrelas.

Aprendemos com os velhos sábios que enquanto a gente fazia isso, os dias do povo Maraguá serão infinitos como as estrelas do céu, isso porque sempre na noite seguinte um grande círculo aparecia em volta da lua como resposta aos nossos pedidos.

Vovô falava que quando os sonhos são reais, e quando tivermos certeza que esse sonho é correto não devemos deixar que nada os prejudique e que devemos compartilhar toda a sabedoria adquirida.

Vovô sempre foi um dos grandes sábios da família. Trabalhou na coleta de incenso de uma árvore que chamamos de **kāihã** uma árvore com madeira de cor rosa da qual se tira um líquido e prepara o perfume das mulheres.

Lembro que todo cair da tarde sentávamos para ouvir seus relatos de tempos passados.

Sobre o futuro ele nos contava sobre os **karaywas** que viviam distante, mas que um dia eles chegariam até nós e que teríamos de estar preparados pra esse encontro. Meus avós já dormem na cabeceira do rio em uma nascente de águas transparentes que é o lugar pra onde vão as almas abençoadas. Sendo ainda nosso em sabedoria.

A cada dia que passava eu crescia e aprendia mais e mais coisas, e como costume ia sendo preparado para o ritual de passagem pra maior idade, toda essa preparação era feita pelos mais velhos da família.

Minhas aventuras tornavam-se mais emocionantes. Procurava estar atento a tudo pois o aprendizado nos serve para a vida toda. Hoje sou homem formado de corpo e alma. Luto em uma guerra onde as armas são a caneta e as palavras que aprendi que servem de munição. Em meus sonhos sempre soube que havia uma missão a ser feita, uma tarefa passada pelos nossos avós e que eu teria que fazer pelo povo. Isso dormia em meu coração, e aguardava o momento de despertar. Hoje, aonde vou, levo a história do meu povo, para que outros entendam o que somos.

“Na vida temos escolhas, temos que seguir nossos sonhos, e lentamente deixar a vida nos levar para algum lugar especial. Em um lugar que não é meu, com pessoas que não conhecia, encontrei uma forma de fazer a diferença”.

Essas são minhas lembranças de infância, meu ritual, minha eterna aventura.

POVO MARAGUÁ

O Povo Maraguá, mesmo depois de ter sido dispersado por perseguição causada pela exploração do pau-rosa e escravidão sofrida durante grande período de sua existência, continua habitando uma antiga região. Está dividido em três aldeias ao longo do município de Nova Olinda do Norte, no Estado do Amazonas. Atualmente, luta pelo resgate de sua cultura, pelo reconhecimento étnico e pela demarcação de seu território. Alguns Maraguás que, em busca de melhoria de vida, deixaram suas terras, hoje lutam em favor de seu povo, utilizando-se do conhecimento que adquiriram. Além de contarem com o apoio do CIMI e da FUNAI - Manaus.

ROSI WAIKHON

Rosi Waikhon é indígena do povo Pirá-tapuya, do município de São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas. Poeta, escritora e mestra em Antropologia social pela Universidade Federal do Amazonas.



A escola onde estudei as primeiras séries

A escola onde estudei tinha uma estrutura grande. Havia um jardim na frente e dentro dele vários pés de jambeiro embelezavam a paisagem. As salas eram espaçosas, tinha uma biblioteca, quadra de vôlei e futebol ao ar livre.

Porém, a despeito de tudo isso, a maioria dos professores era apática. Eram desanimados, sem criatividade... Não tinham preocupação com as atitudes dos alunos.

Lembro que na escola meus colegas discriminavam quem morava no meu bairro. Diziam que todos que moravam no bairro eram índios, feios, sujos e atrasados. Falavam que nossos pais eram feios e nossas mães falavam o português errado, nossos avós eram sujos. Diante disso nenhum professor agia com atitudes que pudessem amenizar aquelas formas racistas de meus colegas.

Não éramos incentivados para leitura e eles nem se importavam com os nossos pensamentos e nossa histórias. As dúvidas poucas vezes eram tiradas. Alguns professores escolhiam pelas aparências e os mais bonitinhos eram ajudados com frequência. Outros eram desprezados.

Os livros eram do sul do país, bonitos mas os conteúdos eram difíceis de entender. Por exemplo: Não sabia o que era maçã, uva, jabuticaba... Eu conhecia apenas açaí, abiu, cubiu, ingá... entre outros, mas era proibido falar de nossas frutas porque não estavam nos livros, pois os professores tinham que terminar o conteúdo anual do livro e não sobrava tempo para mais nada.

Na escola onde estudei as carteiras eram enfileiradas e quem ousasse sair da fila era bruscamente condenado.

As pessoas que não eram professores eram muito boas e nos atendiam muito bem. Lá também havia espaço para realizarmos peças de teatro, mas podíamos ir poucas vezes, apenas nas datas comemorativas.

Na escola onde estudei não tínhamos liberdade de expor ideias.

Portanto a escola onde estudei tinha uma estrutura muito bonita, mas era triste!

POVO PIRATAPUIA

Os Piratupia habitam no noroeste do estado do Amazonas (no médio Papurí, no baixo Uaupés e em seus afluentes), áreas indígenas do alto, médio e baixo Rio Negro, nos municípios de São Gabriel da Cachoeira e Santa Isabel do Rio Negro, e na Colômbia.

SEVERIÁ IDIORIÊ



Severiá Idioriê é escritora e pensadora indígena do povo Carajá, de Tocantins. Graduada em Letras, trabalha como professora e coordenadora do Ponto de Cultura na Terra Indígena Xavante de Pimentel Barbosa, onde reside.

Sobre ser e estar no mundo: Caminhos possíveis

Foi assim: acordei e com os olhos ainda fechados, comecei a colocar em prática “uma meditação”. Levantei-me e ao olhar no espelho tentei encontrar uma beleza naquela imagem refletida. Não me achei bonita. Mas, queria olhar pra mim e desejar um ótimo dia. Afinal, depois de estar lecionando na aldeia, iria ao banco receber meu salário de professora.

Minha pequenina aldeia fica nos cerrados do Mato Grosso, próxima à Serra do Roncador. Estou vivendo nessa região há uns vinte e dois anos. É o meu lar. Lugar sagrado, cheio de estrelas, pássaros, flores, lagos, riachos e enormes gafanhotos no mês de agosto. A perfeição parece existir lá... Na “selva”.

Criada nos centros urbanos, estou hoje conseguindo me relacionar com esse lugar. E, quando tenho que ir à “civilização”, confesso que meus sentimentos são um misto de pavor, excitação, medo, iguais às sensações que tenho ao assistir a um filme de suspense ou terror. Afinal, tenho vivido cada história!

Nosso caminhão, quando sai dos nossos domínios, passa por um portal e psicologicamente a gente se prepara para viver as aventuras. Quando estamos no caminho dentro da terra indígena, o cenário ainda é lindo, campos vastos do cerrado, céu azul com nuvens de algodão, verde, se o tempo é de chuva. Se não, o que vamos encontrar é uma poeira que nos tinge e somente os olhos permanecem da mesma cor, apenas um pouco avermelhados. Ficamos camuflados com a fina poeira, cabelos soltos ao vento ficam embaraçados e duros.

Ao chegar à cidade, descemos do caminhão com rapidez porque queremos voltar logo. Batemos o pé no chão, limpamos o excesso de poeira e ajeitamos os cabelos.

Naquele dia, estava básica: short e camiseta branca fazendo uma propaganda qualquer. Sozinha caminho em direção ao banco, vejo que não há grande movimento porque é hora do almoço. Neste período do dia, cai o movimento, toda a população descansa porque o comércio local fica fechado, com exceção dos supermercados e restaurantes.

Fico alegre e vislumbro alguém conhecido que está na fila. Percebo que ela está acompanhada e para minha surpresa faz de conta que não me conhece. Sua companheira de conversa olha pra mim, de cima em baixo, leva a mão no nariz, levanta e abaixa a mão, gesticula para cima e para baixo como que para espantar um mau cheiro, faz cara de nojo e suspira tipo: meu Deus!

Fico incrédula por uns momentos. Lembrei-me da história que um velho amigo me

contou e ouço suas palavras: dependência química é contornável, o que não é contornável é a falta de caráter. E adaptei suas palavras: “sujeira a gente limpa com qualquer sabão, mas preconceitos, não”. Imagino como foi difícil para Dom João VI e sua comitiva aprender a tomar banho, no nosso estilo Tupiniquim, diriam alguns. O conceito de limpeza, odores, beleza, muda muito. Cada cultura tem seu padrão. Compreendo.

O que eu pensei e senti enquanto esperava minha vez? Minha primeira reação foi de raiva, depois pensei em apresentar-me e dizer-lhes que havia chegado recentemente de uma viagem dos Estados Unidos, passado por São Paulo e que eu havia tomado banho quando saí de casa naquela manhã. Dizer pra ela que como representante dos trabalhos de meu povo, conheci favelas, castelos na Europa, hotel cinco estrelas e até havia recebido as chaves da cidade de Nova Iorque. Mas...

Sorri e lembrei das palavras sábias do avô de meu marido, grande sábio, Apowê, aquele que enxerga longe: *“Somos de uma linhagem antiga, de tempos imemoriais. Sabemos quem somos e para onde devemos ir. É preciso saber andar neste mundo com sabedoria. É preciso aprender o segredo de Ser e Estar no mundo. Pensar, sentir e agir consigo e com os outros de modo que a vida seja leve, alegre, em comunhão com tudo que existe no mundo, no planeta. Que há um caminho longo pra uns, curto para outros... caminhos que nos levam a uma compreensão da nossa existência. Mas, que ao mesmo tempo, muitas vezes não conseguiremos de imediato chegar a uma conclusão.”*

Quando alcancei o caixa eletrônico, pensei: adoro meu cheiro e minha pele. Genética herdada dos tempos imemoriais. Criada pelo Grande Alquimista que escolheu que viéssemos todos, cada um, em particular, com cheiros e gostos que nos fazem únicos neste universo da Via-Láctea. Sorri lembrando os cheiros dos amigos, da família, dos campos cerrados... Que me permitem ser e estar no mundo.

O tempo da aprendizagem

Para onde vamos? Quem somos?

Segundo a filosofia dos Yanomâmi: *“Os velhos sabem todos os caminhos e nós juntos com eles escolhemos os melhores caminhos”*. E, ainda tem a fala do Gato de Alice no País das Maravilhas: *“Se você não sabe aonde quer ir, qualquer caminho serve”*.

Ao longo da vida e das nossas aventuras nos deparamos com estas antigas questões e a cada experiência vamos para algum lugar e definimos quem somos. E somos todos os jeitos acrescidos à nossa essência. O que a gente não sabe quando jovem é que carregamos muito dos nossos pais, tanto os defeitos quanto virtudes. E, muitas vezes, a sabedoria vem por meio de sofrimentos ou doenças.

Vivemos muitas vezes sem nos darmos conta que somos felizes e que é uma graça estarmos aqui no Brasil. Parte integrante de um povo denominado povo indígena pela maioria. Ela ignora a diversidade de povos originários que ainda vivem no país. E o mais incrível é o número de pesquisas e estudos existentes em universidades renomadas, tanto no Brasil quanto no exterior.



E o quanto nos damos conta de quem somos e para onde vamos enquanto povos e enquanto indivíduo? O quanto vimos que o tempo passa e com ele nossos desejos de felicidade?

Quanto confrontamos conosco através das perguntas ou ideias dos filhos? Certo dia em uma conversa com minha filha de quinze anos ela disse: *“Quem anda no tempo do museu só é você e meu tio”*. E eu perguntei: *“O que é tempo do museu?”* E ela me respondeu: *“Isto de coletivo, comunidade, povo...”*. Sabia muito bem que ela sente o “Coletivo”. Como jovem ela confrontou minhas ideias e através da reflexão vi o quanto é prepotente vivermos no tempo do museu. Sem vivenciar e sentir seus companheiros de viagem. Está tão dentro dos seus valores e sentimentos que se perde. É fundamental escutar, perscrutar, sentir o outro e a maneira como ele está vendo a estrada ou o rio em que andamos. Se andamos ou estamos parados dentro da nossa majestade, magnificência de líderes. Viver é dar gostosas gargalhas e chorar. É principalmente sentir-nos. E ver mesmo se estamos vivendo o tempo do museu ou o que vivemos ou sobrevivemos.

A nossa juventude tem outros desejos e vive em um tempo mais conturbado e “mágico e ilusório” do que o nosso. A nossa identidade está aonde? Que valores eles e nós sentimos e trazemos dos nossos ancestrais que nos definem enquanto povo e enquanto indivíduo pertencente ao mundo? Fácil de responder? Difícil viver? É bom lembramos que a vida é isto; sentir em cada respiração nosso jeito. Aprender a cada dia viver. O bom é lembrar que primeiro que preparar nossas palestras ou estratégias de luta e trabalho é preciso lembrar quem somos e para aonde nosso jeito de ser está nos levando. E, tomara que o nosso rosto e os nossos olhos reflitam a felicidade de estar neste mundo e ver que vale a pena ser quem você é e de fato somos.

E, na reflexão é que vemos o que permanece e o que se transforma ou deixa de existir. O que a juventude traz e nos reforça, e o que impregnamos em nossa juventude que a faz ser mais sábia e feliz, tanto quanto indivíduo ou coletivo, comunitário.

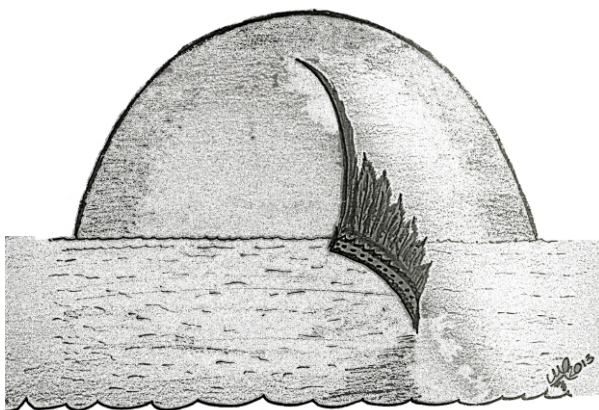
E o mais interessante é que a troca existe se permitimos. Em outra conversa com minha filha, dizia eu que os nossos jovens caçadores deveriam ser fortes, bem preparados como eram os avós. Nas caçadas não reclamar o tempo todo do calor e andar longas caminhadas lépidos e fagueiros. Não precisar caçar usando tênis ou botas. Deveriam ser como meu sogro quando caça. Ao que ela me respondeu: *“Mas, meu avô calça tênis, sim”*. E eu boquiaberta e incrédula: Quando? E, ela: *“Quando caça jabuti. Você nunca reparou?”* E eu: *“Como?”*. Olhamo-nos. E ela deu uma imensa e gostosa gargalhada. Vi que estava brincando. Rimos para valer.

A preocupação com a juventude e os caminhos e modos ainda existem em meu coração e mente. A diferença é a forma que descobri com minha filha de como viver compartilhando com os jovens, sentindo o que querem. Se eu de fato quiser que nossa essência de povo exista em meus netos e outros descendentes. Porque o que sou ainda faz parte de meu povo embora tenha caminhado e remado por lugares nunca navegados por eles.

E, isto contribui para marcar nossa existência em outros povos. É somente isto que incomoda os outros. Saber quem somos e aonde chegamos e queremos chegar apesar de todo o esforço de alguns para nos aniquilar como pessoa e povo. A luta continua e espero que meus descendentes não sofram os mesmos preconceitos. Contudo, a humanidade

possui também seu tempo de aprendizagem.

A minha certeza é que onde estou me permite ser quem sou e aonde cheguei e chegarei dependerá da forma como eu vivo hoje. Agradecida pela vida que vivoPOVO



XAVANTE

O povo xavante, autodenominado a'uwe ("gente") ou a'uwẽ uptabi ("gente verdadeira"), pertence linguisticamente à família linguística jê, a qual, por sua vez, pertence ao tronco linguístico macro-jê. Sua língua é chamada akwén. A população xavante soma, atualmente, cerca de 15.000 indivíduos distribuídos em 12 terras indígenas - todas localizadas no leste do estado de Mato Grosso, no Brasil, na Amazônia Legal.

Pintam-se com jenipapo, carvão e urucum, tiram as sobrancelhas e os cílios, usam cordinhas nos pulsos e pernas e a gravata cerimonial de algodão. O corte de cabelo e os adornos e pinturas são marcadores de diferença dos xavantes em relação aos outros, transmitida através dos cantos pelos ancestrais e partilhados com todo o povo da aldeia..

TIAGO HAKI'Y

Carlos Tiago Hakiy é poeta e escritor. Descende do povo Sateré Mawé, estado do Amazonas, município de Barreirinha. Autor dos livros: «Wayató Pot: histórias indígenas para crianças»; «Águas do Andirá» (poesia), «Petrópolis» (história), «A quinta estação» (antologia poética do Clube Literário do Amazonas) e «Antologia dos escritores indígenas». É membro do NEARIN – Núcleo dos escritores e artistas indígenas. Vencedor do concurso Tamoios, edição 2012. Livros publicados: Aguas do Andirá (poemas), Petrópolis (memória) e Awyató-Pot - conto indígena para crianças (conto /infanto-juvenil)



Poemas de dias de índios.

Filhos da selva

Sou rio
Sou floresta
Sou sonhos de mil nações.
Sou filho do mato
E algumas belas canções.

As águas do tempo
Ensinam os recados de minhas tradições
Cultura de índio
Contando a história desse chão.

Aprendi a ler os recados das chuvas
A conversar com os pássaros
A entender o canto do vento

Por isso este sonho de floresta
Por isso minha raiz não é de lamento
Por isso luta pelo chão
Que ainda me resta,
Que vive em mim
E me ensina a ser
Índio verso e coração.

Brisas de Lua

Navegando nas águas do tempo

Encontramos o grafismo de um povo
Encontramos floresta de tradição
As brisas de muitas lutas
Luas e trovão.

Singrando as nuvens
Colhemos sonhos, desenhamos
Festas de tradição

Construímos alguidares
E nos emolduramos neste chão.
Remando nos grandes rios
Nos tornamos senhores das águas,
Pescadores de esperanças
E ficamos parte da mata
Bichos de muitas tradições
Homens vestindo pela pele da sobrevivência
Que sabe sentir a chuva lá longe
Que sabe reconhecer o grito da selva
E a imensidão das estrelas.

Filho da floresta somos
Pintados de urucum
Dançamos ao redor da fogueira
O olhar do pajé tudo incendeia
E de sabedoria nos encandeia.

E assim.
A mata vai sobrevivendo em nós
Nos ajudando a cantar em uma só voz
Um amor de índio que não tem fim

Cenário Amazônico

O rio correndo,
Chuva abraçando a floresta,
Os pássaros cantando
Acordando o amanhecer que proclamam a vida
O sentido do eterno.
As nuvens desenhando
O cenário amazônico...
Amazônia verde,
Herança de todos nós,
Amazônia desprotegida,

Cobiçada, agredida em seus igapós.
Amazônia e seus encantos;
Tempestades e furacões,
Tardes pintadas de chuvas,
Rios de cores pretas e barrentas
E sonhos plantados em suas praias.
Esta é a Amazônia....
Amazônia que não é mais virgem,
Que não é mais brasileira,
Sonhos de nações estrangeiras,
Cobiça da ciência e da ganância humana.
Sim! Isto é a Amazônia,
Sua alma pintada de água,
Seu corpo vestido por florestas,
Sua eternidade
Nas mãos de quem a destrói.

Espelho de estrelas

Grávidas de poesia
As águas levam
O canto preciso do vento
Onde todos os calores descansam
Do sonho cadenciado:
Certos mundos, serenatas de chuva.
No meio do rio
O pescador namora a kunhã desenhada nas nuvens,
Vai pegar um peixe bem grande para lhe presentear;
Uma gaivota planando o acompanha,
O silêncio vai em sua asa
E o infinito em seu olhar.
Botos se assustam e despertam
O sonho esquecido no profundo sono do rio.
Águas do Andirá:
Efeito de tempo e mistérios,
Histórias cheias de dor,
Ondas cantando amor,
Mundo de criações que se aconchegam
Nas curvas das misteriosas praias
Imaginações, espelho de estrelas,
Beleza decifrando o segredo das nuvens.

A luta com o rio

Como um rio
Abraço o horizonte
E todas as aflições do tempo.
Na praia de todos os sonhos
Construo um castelo de esperança
Vou suportando os ralhos da vida.
Vou carregando comigo
As dores das flores sem pétalas
As lembranças dos cegos,
Vou cantando pelo mundo
Desenhando as alegrias nos homens-desertos ,
Vou aterrando buracos
Aonde querem nascer angústias,
Vou pintando de sol
Os quartos escuros
Desenhando estrelas
No céu nublado de esquecimento.

Povo de índios

Naiá
Yara do céu
O sol inventando águas...
Nas águas miragens de sonhos
Um curumim pescando estrelas.
Wapixana, potiguaras
Sons dos ventos, das folhas.
Passarinho voando
Zarabatana apontando.
Peixe no jirau
É a festa da moça nova que vai começar
Prepara o cauim
Fermenta o tarubá
Vem índio remando do lado de lá.
Sateré mawe chegam cantando
É a força do tempo
Preservando as tradições.
Parintintins, manaós
O tempo e suas amplidões.
Mundurucus, guarani, macuxi
São lembranças de um povo que não pode partir
Que não pode morrer

Que não pode deixar de cantar
E reinventar os sons da floresta
O murmúrio do rio.
Igarapés, o sussurro das folhas
A canção dos peixes ressuscitados
Dos seres da mata: encantados.
Tucanos, terenas, yamãs
Apurinãs.
São as brisas indígenas
Inventando o sol do amanhã.

É a cara de índio
É um povo de índio.



POVO SATERÊ-MAWÉ

Os Saterés Mawés, ou filhos do guaraná, habitam uma parte do baixo Amazonas , reserva indígena Andirá-maraw, demarcada na década de 80, compreende os municípios de Barreirinha, Parintins, Boa Vista do Ramos, Maués, no Estado do Amazonas, e Altamira e Aveiro no Estado do Pará. Seu contato com os cariuás (Homem branco) é de aproximadamente 300 anos. Falam a línguas Sateré e Nhengatu, que vêm do tronco linguístico Tupi. Sua população é de aproximadamente 1.600 famílias com 7,5 mil habitantes. Um de seus rituais mais conhecidos e emblemático é o Wiaperiá, ou festa da Tocandira, o ritual que marca a passagem dos meninos para a fase adulta e acontece uma vez por ano.

UZIEL GUAYNÊ



Uziel Guaynê é artista-plástico, ilustrador e nessa antologia lança seu segundo trabalho como autor. Participa do Nearin desde 2010 onde tem atuado como ilustrador de livros. Além de trabalhar na Enfermagem, Uziel tem feito várias exposições e ministrado aulas de arte no Amazonas. Divide sua vida entre Manaus e a aldeia, na área indígena Maraguapajy. É casado com Paula, e é pai de Jonas e Paola Çaiçun

Livros ilustrados: «As pegadas do Kurupyra», «Formigueiro de Mirakãwéra», «Wirapurus e Muirakirãs» (de Yaguarê Yamã), e «Historinhas Marupiaras» (de Elias Yaguakãg). Coautor de «Maraguapeyara» (Antropologia)

Ritos de passagem

O Wakaripé, o ritual para tornar-se adulto.

O povo Maraguá tem um antigo ritual de iniciação que marca a passagem da idade de criança para a idade adulta: O Wakaripé.

O Wakaripé é um ritual masculino, a mais antiga de todas as manifestações culturais, e tem origem nos mais antigos tempos, época em que os Maraguás eram senhores absolutos do rio Guarinamã, o rio Abacaxis.

Por muito tempo permaneceu absoluto nas manifestações do povo, quando no início do século dezoito foi suplantado pelo ritual da *tukãdera*, o Waiperiá, de origem Sateré, ficando assim, relegado a segundo plano.

O ritual consiste em provas e apresentação seguida de festa. São realizados três testes e toda criança na idade entre doze e quatorze anos está apta a passar por eles.

No final das provas, pela parte da noite, os organizadores se juntam no terreiro principal e após a chegada dos convidados, é iniciada uma grande festa. Nesse momento o menino ou os meninos (caso tenha mais de um) são apresentados aos membros da comunidade como os mais novos adultos da aldeia. Com danças que homenageiam os animais abatidos, os meninos festejam no centro do terreiro e em seguida todos dançam comemorando sua integração à vida adulta.

Quanto às provas em si, são realizadas sem festa e sem alarido. Aí sobressai-se o empenho do *mirixawa* da aldeia, a pessoa responsável pela organização das três provas que são: atravessar um rio a nado, passar uma noite na mata e acender as quatro fogueiras, que ficam à margem do terreiro para fazer a festa da inclusão na idade adulta.

O menino precisa passar pelas três provas no máximo em dois dias. Nenhum adulto pode acompanhá-lo, mas o *mirixawa*, por ser o responsável por eles, precisa observá-lo atentamente para certificar-se de que as cumpriram fielmente. Se as provas agrupam mais de um menino, todos as cumprem juntos. Assim, é na travessia do rio, na dormida à noite na floresta e no preparo das quatro fogueiras que iluminarão o evento.

Mas esse não é o único ritual de iniciação do povo Maraguá e, apesar de serem três, essas provas não se comparam em nada com as provas exigidas para tornar-se caçador-guerreiro-chefe, no difícil ritual *Gualipãg*.

Gualipãg – O ritual para tornar-se caçador-guerreiro-chefe.

Esse é um ritual difícil. Mesmo assim, ainda praticado. Todo líder ou aspirante a líder, para se tornar *mirixawa*, precisa passar por uma das três provas nas quais consiste o ritual. A partir de então, como *mirixawa*, precisa completar as três provas para se tornar *mirixawa'eté* – caçador-guerreiro-chefe. O aspirante que passa por apenas uma das três provas recebe o nome de *mirixawa* ou caçador, o que consegue com testemunhas passar por duas, recebe o nome de *mirixawa-inã* ou caçador-chefe, mas o aspirante que completar as três provas recebe com louvor o título de *mirixawa-eté* ou *pemerõg*, e será caçador-guerreiro-chefe.

O ritual consiste em caçada. São três os animais requisitados e deles o caçador extrai seus adornos e como troféus os usa: O cocar das penas do gavião-real (*apinayê*), o colar do dentes da cobra sucuriçu (*çukurijú*) e o bracelete do couro da onça-pintada (*yaguaretê-pinima*). Três adereços, três animais, três troféus. Porém, não é qualquer onça, gavião ou sucuriçu que vale, mas uma onça adulta, um gavião-real e uma sucuriçu de pelo menos seis metros. Só assim é válido o título para a *Gualipãg*.

Pela tradição do povo Maraguá, para ser caçador-guerreiro-chefe, o aspirante precisa passar pelas três provas, caçando não somente um dos três animais o que basta a um caçador comum, mas todos eles. Quanto ao tempo que leva, é difícil prever em pouco tempo, mas, no geral, todos caçadores concorrem no decorrer da vida. Podendo começar ainda adolescente e terminar idoso.

Poucas pessoas conseguem, mesmo que no decorrer de toda vida, tornar-se um *pemerõg*. Porém, quando chega a completar as três provas, os demais líderes fazem um festejo e o apresentam a todos como *pemerõg*.

Waiperiá – o ritual da tucandeira.

De origem Sateré-Mawé, por algum tempo o *Waiperiá* suplantou a prática do *Wakaripé*. Desde os primeiros contatos até a incorporação de muitos Maraguá à cultura Sateré-Mawé, o ritual *Waiperiá* vinha sendo praticado, mas não por todos. Porém, desde a implantação do projeto “De volta às Origens” na área, o *Waiperiá* foi deixado de lado, dando-se mais ênfase ao *Wakaripé*, que, mesmo reconhecido como cultura, muitos se mantêm distante de rituais antigos por força da religião e da civilização moderna.

Piãg'ãgiré – o ritual da menina moça

Piãg'ãgiré é o ritual da passagem de menina para adulta. Deixado de ser praticado há muito tempo, ainda se conta dos tempos quando o *piãg'ãgiré* era realizado e as meninas na idade de doze a quatorze anos eram deixadas reclusas na *Piãg'nówa* – a casa de reclusão para mulheres.

POVO MARAGUÁ

O Povo Maraguá, mesmo depois de ter sido dispersado por perseguição causada pela exploração do pau-rosa e escravidão sofrida durante grande período de sua existência, continua habitando uma antiga região. Está dividido em três aldeias ao longo do município de Nova Olinda do Norte, no Estado do Amazonas.

VERÔNICA MANAUARA



Educadora Unificacionista Manauara – Indiadescentente. Versada em Literatura Falante, Cantante, Dançante e multicultural no Rio de Janeiro, e em Comunicação Social. Pós graduada em Gestão Intercomunicacional na USP e em Direitos Humanos UNAL-Colômbia. É educadora, formada em Letras e Jornalismo. Extensão Universitária em Língua Portuguesa no Gabinete Real – Rio de Janeiro, em Direitos Humanos, Psicossíntese, Princípios Unificacionistas, Medicina natural, Agricultura Orgânica.

As etapas de uma flecha Eterna

Um dia já fui flecha. Voava no espaço sideral. Alcançava as súperas estrelas, buscava o fruto por mais alto que estivesse e a caça por mais recôndita que se ocultasse. Eu era uma flecha. Sondava cada espírito da floresta e os demais que a ela se chegassem. Passava a frente da chuva para recolher os apetrechos da casa. Imergia nas minhas águas profundas para visitar a essência do poder das ondas. Acompanhava a vorticidade das cascatas da mata. Eu competia com a voz do vento para exclamar a musicalidade dos meus sentidos. Eu sondava a vontade e emoção do meu filho ainda no ventre. Fazia casa de tinamalu. Trabalho diário, repetível, cantante e falante.

Passava ligeira pelo vólculo da cobra-grande. Tudo isso para ganhar o tempo do tempo. Sabia dos ninhos da taçuira. Não perdia o tâmbi dos meus irmãos africanos. Visitava poperi sem ser percebida. Fui flecha de Tamui. Tudo para mim era erigível. Foi um tempo meditável. Foi meu tempo de Formação. Foi neste tempo que aprendi a desintricar a vida. Neste vivedouro, deixei mais tarde de ser flecha. Foi um tempo meditável. Passei a não ser mais uma flecha.

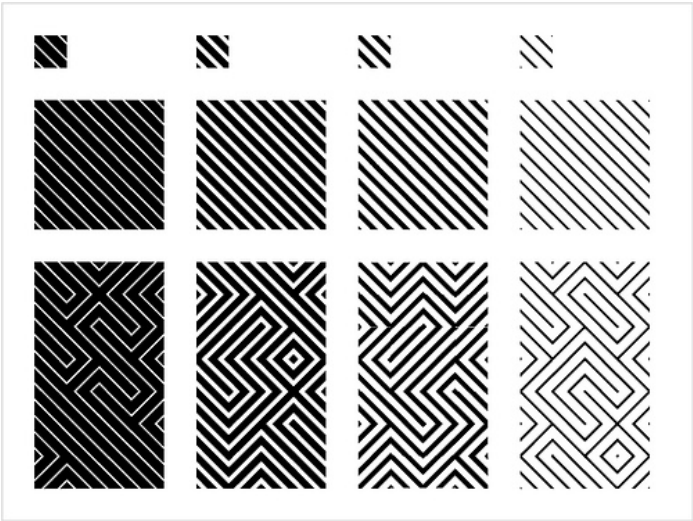
Agora delego flechas. Passei a **ter** a flecha. Associei meu pensamento ao pensamento dela. Com meu comando impulsor, aprontei-a. Determinei que ela fosse ao espaço sideral e me retornasse contando novidades. Que visitasse o mundo espiritual para me entreter com as informações de lá. Pedi-lhe que alcançasse as ervas longínquas para cessar as dores do meu povo. Pedi que copiasse as novas rezas para derrubar os feloniadores das florestas e os andaços modernos, ignotos. A flecha era a minha arma, a minha nutrição, a minha direção. Ela era meu Crescimento. Seguindo meu remoto modelo, ela buscava e trazia respostas depois de frentear o assombrador do meu povo. Ela zumbia, cantava, sussurrava, assobiava, golpeava, martelava, grasnava, murmurava, gorjeava, gemia, berrava, lambia, beijava, estrondava.

Tudo dependia do momento. Ela modulava, retumbava, bufava, estrilava, pulsava, arquejava.

Tudo isso ela fazia. Às vezes uivava e às vezes coaxava, silvava altiva sinalizando algo intruso e vibrava a cada etapa vencida. Tintilava, grunhia ou soluçava quando a perda era revelada. Convivíamos assim. Eu e a minha flecha ligeira. Sentimentos e emoções recíprocas, parceiras. Foi um tempo meditável.

Estou agora na terceira fase. Não sou mais flecha, não tenho mais flecha. Peguei toda a experiência acumulada depois de sentir, experimentar e comandar em contínuo movimento.

Agora delego meu povo. A sabedoria acumulada dança no silêncio para despertar a minha flecha e a flecha em cada um. A flecha de cada um. Nesta centena de anos não aprendi sozinha. Não voei sozinha. Não comi sozinha. Não amei sozinha. A castanheira centenária, as viagens da gaivota, as transformações da lua e os avisos do trovão foram aulas estresidas como estribilho sinuoso. Meu corpo agora pesa como pesavam certas palavras que eu colecionava em inúmeros idiomas. Já não preciso mais do corpo e daqui a algum tempo, na quarta fase, não precisarei mais das palavras. Quando isso acontecer entrarei na composição do tudo. Do tudo que fala, que ensina, que brilha, que vive, que constrói, que voa, que nada, que ama, que ocupa e que dá luz. Percorrerei as fibras dos minérios e as células dos viventes, conferindo o milagre da movimentação, o acasalamento de cada átomo para o prodígio da Criação que te torna uma divina flecha. Período de Perfeição. Movimento interno, movimento externo, movimento eterno, movimento suave, movimento caipora, movimento obstinado. Movimento Indígena.



POVO TUKANO

Os povos indígenas conhecidos como Povos Tukano integram atualmente 17 etnias que vivem às margens do Rio Uaupés (AM) e seus afluentes e também na Colômbia, na mesma bacia fluvial. Esses grupos indígenas falam línguas da família Tukano Oriental e participam de uma ampla rede de trocas, que incluem casamentos, rituais e comércio, compondo um conjunto sócio-cultural definido, comumente chamado de “sistema social do Uaupés/Pira-Paraná”. Este, por sua vez, faz parte de uma área cultural mais ampla, abarcando populações de língua Aruak e Maku.

YAGUARÊ YAMÃ

Yaguarê Yamã é professor, ilustrador e geógrafo nascido no Amazonas. Autor de vinte livros infanto-juvenis, antropológicos e de contos, além de algumas participações em antologias. Atualmente mora e leciona geografia pela SEDUC em Parintins – Amazonas. Atua como liderança do povo Maraguá.

Alguns livros publicados: «Sehaypóri, o livro sagrado do povo Sateré-Mawé» (mitologia), «Kurumi Guaré no coração da Amazônia» (memória), «Contos da Floresta» (contos), «O totém do rio Kãwéra» (contos), «Formigueiro de Mirakawéra» (contos), «Um curumim, uma canoa» (infanto-juvenil), «A origem do Beija-flor» (infanto-juvenil), «A árvore de carne» (contos), Falando Tupi (linguístico/ infantil), Dicionário Maraguá-Português (linguístico), entre outros.



A filosofia do “kú” ou a família NEARIN

Parintins, 20 de julho de 2012

Realmente, esse encontro consonantal tem muitos sentidos. E há sentido falar dele quando muitos o têm como imoral. Agora... Filosofando... Lembro-me de uma vez, após assistir uma palestra de meu amigo Daniel Munduruku, famoso escritor indígena e autor de mais de 40 livros, numa biblioteca localizada no centro comercial do bairro de Santo Amaro, zona sul de São Paulo (uma alegre área onde costumava ir ao me ver atacado pela saudade de minha terra).

Daniel falava a respeito de seu nome étnico “Munduruku” e tinha acabado de explicar o significado. Dizia ele: “O povo Mundurukú tem esse nome devido a sua belicosidade e por em tempos antigos ter o costume de andar em bandos como formigas, além do mais, pintavam-se totalmente com tinta de jenipapo. Sua alta estatura e sua maneira de guerrear fizeram com que os povos inimigos lhe chamassem de *munduruku*, que em língua Parintintin significa «formigas gigantes”.

Terminada a explicação, e em via de ebulição, minha cabeça pôs-se a construir uma explicação para a nomenclatura. “E agora? Na palavra em questão dividida em duas, qual delas significava *formiga* e qual viria a ser o *grande*?”

Quando a palestra terminou, aproximei-me dele, e mesmo estando ele rodeado de fãs, não me contive e perguntei:

- Daniel, estive pensando. Você falou que a palavra *mundurukú* significa formiga gigante, então veja, se são duas palavras com este sentido, logo posso definir ao pé da letra que *munduru* é formiga e o *kú* é grande?

Ouvindo isso e como só tivessem escutado as duas últimas palavras, três mulheres que estavam à espera para falar-lhe se entreolharam e, sem mais, saíram de fininho como se tivessem ouvido o pior palavrão do mundo. Sem perceber seus desagrados, Daniel respondeu:

– Éh! O *kú* é grande.

Assim ficou comigo a explicação antropológica da coisa. Nada a ver com ideias

obscenas criadas por quem tem mente poluída. Por isso eu digo:

- Ah, minha querida Eliane Potiguara! Você se lembra? Sentados tu, o Daniel e eu numa mesa de bar, na esquina da Lapa... Com três garrafas de cerveja já batidas filosofando sobre os “anos”... Uma vida tão boa nós temos... Mas tão passageira! Nesse ano eu estava iniciando na literatura. Filosofar é assim. A gente se mata de pensar sobre a origem das coisas e por que das coisas serem chamadas assim. Nessa noite eu estava inspirado, Daniel também, você é que ainda não havia entendido o tema principal de nossa filosofia.

Dois mil e dois foi o ano, e esse foi o primeiro dos muitos eventos que viriam, sempre capitaneados por nosso irmão maior Daniel Munduruku, o idealizador da Literatura Indígena expandida além das aldeias. E como era a primeira vez que nos encontrávamos, dentro do NEARIN, conhecemos com toda alegria nossos parentes escritores: Renê Kithaulu, Álvaro Tukano, Olívio Jekupé, entre outros. Logo nos tornamos uma família.

Sempre me contive de falar o que não deveria ser dito naqueles momentos. Reuniões efervescentes por pensamentos diversos. Além do mais, do que faltou no momento final digo agora, não sei por que tudo o que é bom dura pouco, porém a essência de sermos é melhor do que a de termos, e o que somos vale mais que o mundo, esse mundo cheio de surpresas.

Tem pessoas que passam por nós e se vão, mas tem as que ficam. Você já parou para pensar o quanto especial é nossa família? Essa família pequena, mas grande de ideais e particularidades tipo: Sonhos quase sempre compartilhados. Nossa família de escritores indígenas centrados no Núcleo de Escritores e Artistas Indígenas, sediado no Rio.

Lembro-me da vez que conheci **Cristino Wapichana**. O Cristino é aquilo ou aquela coisa divertida. Veio para ficar e ficou. Ficou e se posicionou como ninguém. Isso é muito bom e tem meus parabéns uma vez que seu nome étnico “wapichxana” em Nheengatu significa “homem gato”. Ele é o autor da obra “A onça e o fogo” e de dezenas de músicas para ouvir e recordar momentos da floresta.

Daniel Munduruku é o cara e a cara da literatura indígena moderna e difundida nas livrarias onde todos lêem. Foi por meio de sua proposta que enxergamos a melhor maneira de aproximar nossa correta imagem à sociedade dominante: a literatura. É por meio de sua brilhante ideia que unimos força para formar o embrião da Literatura Indígena e o movimento indígena já não é só político, mas literário e social. Viva o Movimento da Literatura Indígena!

Olívio Jekupé ficou sendo nosso “respirador”, não que nos inspira, mas que nos faz respirar imagens finas e apuradas do tempo e do juramento de ser o indígena externo da imagem interna de cada um de nós. Entendeu? ...Nem eu, mas um cara que tem mais de doze livros publicados e algumas antologias, só pode ser bom.

Rene Kithaulu é o pioneiro. O Nambikwara, que com problemas de saúde, ainda criança saiu de Mato Grosso em busca de cura em São Paulo, e que nos trouxe o sentido da felicidade, autor do livro “Irakisú, o menino criador”. Ele que não gosta de dizer o que significa seu nome étnico, e para disfarçar, diz que significa “água boa”. Olha, que mentira!

Elias Yaguakãg é o chaveiro do grupo. Sua personalidade forte e extrovertida lhe faz autêntico como autêntico é o seu trabalho. Grande artesão capaz das fabricações mais precisas com a arte plumária assim como escritor. É ele o pai de “o Menino Kawã” e das Historinhas Marupiaras.

ÁlvaroTukano é o pajé. O sábio. O ancião. Líder indígena há tempos. Um pioneiro nessa caminhada em busca do respeito aos povos da floresta.

Edson Kayapó é o doutor. De uma oratória fácil e autêntica, provou a todos que é o cara nas palavras. Grande defensor de um movimento indígena onde o índio tem a vez da fala e da escrita.

Uziel Guaynê é ilustrador versátil. Recém-chegado, já conquistou seu lugar assim como nos trouxe boas mensagens de companheirismo e amizade de um guerreiro da floresta.

Roni Wasiry Guará é e será sempre o herdeiro da palavra. Cachorro encantado por Monãg, segundo o significado de seu nome, é também pai de *Olho D'agua* e de outros livros que expressam mensagens de nosso povo. Autor da *Cobra que foi pega pelos pés* e do raciocínio rápido sempre lembrando da casa que ele quase jogou num momento de êxtase, isso no paraná do Urariá. Se alguém duvida, é só perguntar para o Mukawa, ele conta tudo.

Cleomar Tahuare é o Umutina ou ainda o Irantxe. Artista indígena dos mais capacitados. Dono de uma amizade enraizada e cheia de brilho. Tornou-se especialista em cativar donzelas indefesas.

Caimi Waiassé Xavante é um guerreiro. Calado como o ar de uma noite enluarada, observador voraz e de palavras precisas como só o povo Xavante sabe ter. Talvez por isso tenha se transformado no grande cineasta dos povos da floresta.

Severião Idioriê é a dama do grupo. Carajá de nascimento, xavante por casamento, porém sem deixar de ser o que é. Suas palavras ajustadas à sabedoria nos faz sentir guerreiros cuja arma é a escrita.

Graça Graúna é a graúna de filhos. Afetuosa e amiga de todos, o que se pode achar: que esteja de bem com a vida a vida toda. A mãezona, a amigona, a companheira do bem. A doutora. Nossa! Uma doutora em nosso meio.

Rosi Waikhon trouxe consigo e depositou em nós o brilho de um olhar incandescente vindo do rio Negro. A mulher peixe filha dos índios peixes, os Pirá-tapuias, dona de sinceridade e com quem podemos contar com toda certeza.

Manoel Moura é o sábio. Já era sabido de todos que sua chegada iria trazer os ventos do rio Negro misturados com as águas do Solimões. Não há encontro de escritores indígenas sem ele, sem sua bênção. Todos sabem disso.

Raphael Crespo é a cabeça, ou melhor, a boca desse corpo familiar. Um espírito inquieto que está sempre de bem com a vida. É um índio branco ou um branco índio? Não se sabe, só sabemos que nossos espíritos se entrelaçaram ao dele e agora para separar está difícil. Ou impossível? Um cafezinho faz bem com um pesado sotaque carioquês!

Ailton Krenak um dia deixou de ser lenda para virar realidade. Sua existência... Seu convívio entre nós nos deixou mais solidários, mais cultos, mais sábios... Autor de livros sábios que nem ele, sua presença e assim como a presença de outros sábios só fazem essa família enriquecer de espírito.

Tiago Haki'y é o poeta da turma. Filho das águas do Andirá e neto de dona Coló, é descendente direto de um dos maiores heróis indígenas de todos os tempos, o grande Crispim de Leão. Entre suas autorias estão *"Guaynê contra a cobra-grande"* e *"Awyató Pot"*.

Marcos Terena é o Índio Aviador. E é em suas asas de grande chefe que procuramos

planar cada vez mais alto nessa jornada de escritor e liderança. Suas palavras buscam o entendimento com o conhecimento adquirido de anos de luta em prol de nossos povos.

Você, **Eliane Potiguara**, que com sua experiência de anos, ficou sendo nosso bastião da verdade. Seu nome étnico Potiguara desvenda você ao mundo, uma cidadã dele e nossa representante no movimento indígena que ascendeu ao primeiro degrau. Lembrando que você é mãe da obra *“Metade cara, metade máscara”*, entre outras.

E por fim, eu, minha querida, o filho do pai assim como muitos de nós, que agradecem aquele que criou o Nearin. “Tribo de onças pequenas” é o meu nome e que um dia foi confundido com o Xaguarê Xamã, autor dessa pequena obra incompleta.

Português não! Língua brasileira ... PRONTO! FALEI.

Não sei por que pessoas que se autodenominam cultas não reconhecem a língua Brasília? Essa língua tão bonita, formada a partir das entranhas da língua portuguesa e mescladas com o Tupi antigo e línguas africanas. Teimam em chamá-la de Língua Portuguesa. Alguns, para não exagerar no erro, tentam o jeitinho brasileiro e a chamam de “Língua Portuguesa do Brasil”. Mas aí vem a dúvida: A língua não é única? O português não é único? Por que então há um português europeu e outro no Brasil?

Alguém me disse um dia que o motivo do não reconhecimento é puramente político. Não querem desvincular-se da cultura portuguesa. O interesse em manter-se atrelado ao português como parte do português é geopolítico, e vêem nisso uma maneira mais fácil de manter-se em evidência. Para mim é desculpa. O Brasil é bem mais influente que Portugal e já há tempos que é o que é: Potência mundial. Acredito por alguns motivos que ele carrega Portugal e sua cultura portuguesa nas costas. E sozinho. Parece até que a metrópole era o Brasil e a colônia era Portugal. Não sei também por que motivo meus ancestrais, os índios do Brasil, se deixaram colonizar por tão pouco. Tão pouca gente, tão pouca solidez e por um pequeno reino nas bordas da Europa, espremido nas falésias do continente, nos barrancos ocidentais do mesmo. Os nossos eram muitos, mas aí é que está o erro: A ignorância nos faz pequeno e a desunião nos transforma em fracos. Porém isso já faz tempo, não dá mais para voltar atrás. Entender a História é o que é válido.

Aí volto à questão da “Língua Portuguesa do Brasil”. Eu que sou professor de geografia para o Ensino Médio, na rede estadual de ensino no Estado do Amazonas, observo os alunos se esforçarem em aprender na escrita a oficialmente chamada “norma culta”. Sem entender o porquê de estudá-la, sendo que não a praticam no cotidiano. Uma vez, um deles me disse: “- Os portugueses é que são inteligentes: Sabem falar português tão bem na norma culta! Enquanto isso, nós brasileiros, pouco a falamos, só falamos errado... Nesse linguajar das ruas.” Mas pensando bem... A resposta é óbvia. É esse **“linguajar das ruas”** que é a verdadeira língua do Brasil. E não só o linguajar das ruas, mas o **linguajar das favelas, das roças, dos rios, dos sertões, dos pampas, dos pantanais, dos centrões, dos igarapés...** Nas mais altas favelas do Rio de Janeiro, passando pelos baixos campos gaúchos até as longínquas regiões da Amazônia brasileira, onde possa habitar um matuto, um malandro, uma mano, um gaúcho, um pantaneiro, um “caboco” um caipira, um “arigó”. Juntando todos eles é que formamos a Nossa Língua. A **Língua Brasília** – a língua dos brasileiros. Não a que estudamos. Língua culta para nós, é a língua do cotidiano

dos portugueses. E aqui nós precisamos nos esforçar para falar. Isso não é um exagero? Se torna fácil para um português por ser óbvio: A língua é portuguesa e portanto é língua dos portugueses, não é língua dos brasileiros, a língua dos brasileiros está aqui: “Amigo, me dá um cigarro...” ou “amigo, mim dá um cigarro...” E isso infelizmente não é valorizado. As autoridades ignoram nosso verdadeiro idioma, os intelectuais da linguística, “senhores absolutos do Português e seus fiéis escudeiros” a suprimem desde sua origem (favelas, ruas, florestas, sertões...) e retaliam a todos que ousam afrontá-la na sua norma mais “pura”. Assim, nós mortais e subjugados brasileirinhos acorrentamo-nos atrelados a esse vício de viver papagaiando a sintaxe lusíada.

Soneto

Escuto um coral de pássaros nativos
Sobre os paus *açús* da *frondosiajem*
Cantam! Todos cantam, de uma vez – sorajem
Pelo ar garboso do eco festivo.

Que acompanha o canto do coral ativo
E a orquestra do vento nas rameiras
Como choro e riso da mata *canteira*
Pipiras, papagaios, *ulá*, periquitos.

Escuto o bem-te-vi também pela mangueira
Com *avetas de banda* pela beira
- Nanais, corocas que acompanham a mata.

E como é boa a vida de ouvir a nata
Da Amazônia alegre, mãe das *curicacas*
Pelo céu voando e se *abancando* a ceia.

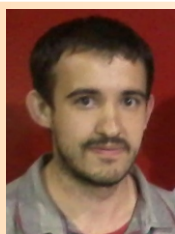


POVO MARAGUÁ

O Povo Maraguá, mesmo depois de ter sido dispersado por perseguição causada pela exploração do pau-rosa e escravidão sofrida durante grande período de sua existência, continua habitando uma antiga região. Está dividido em três aldeias ao longo do município de Nova Olinda do Norte, no Estado do Amazonas. Atualmente, luta pelo resgate de sua cultura, pelo reconhecimento étnico e pela demarcação de seu território. Alguns Maraguás que, em busca de melhoria de vida, deixaram suas terras, hoje lutam em favor de seu povo, utilizando-se do conhecimento que adquiriram. Além de contarem com o apoio do CIMI e da FUNAI - Manaus.

OUTROS OLHARES

ANTÔNIO FERNANDES GÓES NETO



Mestrando em Estudos da Tradução, orientado pelo professor Dr. Eduardo de Almeida Navarro. É membro do grupo LEETRA e do Núcleo de Apoio à pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa (NEHiLP), ambos cadastrados no CNPq.

Tradução e políticas linguísticas: o caso das línguas co-oficiais de São Gabriel da Cachoeira (AM)

Introdução: Após dez anos, a lei ainda não saiu do papel...

Pode-se dizer que o apoio à diversidade cultural e linguística por parte do Estado brasileiro, contida na Constituição de 1988, teve seus desdobramentos mais concretos na região do Alto Rio Negro. Após a fundação da FOIRN, a luta por demarcação de terras e educação escolar indígena passou a ser travada de modo mais coeso, culminando na Lei nº 145 que, em 2002, co-oficializava o nheengatu, o tukano e o baniwa, equiparando-lhes com a língua portuguesa no município supracitado. A Lei nº 145 é constituída de oito artigos. Seguem abaixo alguns deles:

“Art. 1º. A língua portuguesa é o idioma oficial da República Federal do Brasil

Parágrafo Único - Fica estabelecido que o município de São Gabriel da Cachoeira/Estado do Amazonas, passa a ter como línguas co-oficiais, as Nheengatu, Tukano e Baniwa.

Art. 2º. O status de língua co-oficial concedido por esse objeto, obriga o município:

§1º. A prestar os serviços públicos básicos de atendimento ao público nas repartições públicas na língua oficial e nas três línguas co-oficiais, oralmente e por escrito:

§2º. A produzir a documentação pública, bem como as campanhas publicitárias institucionais na língua oficial e nas três línguas co-oficiais.

§3º. A incentivar a apoiar o aprendizado e o uso das línguas co-oficiais nas escolas e nos meios de comunicações.

Art. 3º. São válidas e eficazes todas as atuações administrativas feitas na língua oficial ou em qualquer das co-oficiais.

Art. 4º. Em nenhum caso alguém pode ser discriminado por razão da língua oficial ou co-oficial que use.

Art. 5º. As pessoas jurídicas devem ter também um corpo de tradutores no município, o estabelecido no caput do artigo anterior, sob pena da lei.”

(Tiago Mota Sales de Souza, Câmara Municipal de São Gabriel da Cachoeira, 2002)

Tal contexto político favorável fez com que os falantes das línguas co-oficiais almejassem ter seus direitos conquistados. Isto significa, em parte, apropriar-se dos meios de comunicação escrita como forma de ampliar os contextos de usos das línguas indígenas, tópico este que tange ao ato de tradução.

Muitas pessoas engajadas nas políticas linguísticas de São Gabriel da Cachoeira (AM), por diferentes meios, tais como o ensino, a pesquisa, a produção cultural, a atuação nos movimentos indígenas, a gestão de escolas indígenas, etc, buscam conscientizar as pessoas sobre a valorização da diversidade linguística contida no Território Etnoeducacional do Rio Negro. Mas quais estratégias são eficazes para atingir grande quantidade da população, indígena e não-indígena? O próprio caráter multilíngue de São Gabriel da Cachoeira, no qual a tradução é atividade cotidiana de muitas pessoas, torna importante a comunicação entre os diferentes povos, para uma melhor organização em prol da ampliação dos espaços de uso das línguas indígenas.

O tema da tradução torna-se central quando se discute sobre a necessidade, prevista na lei acima mencionada, de um corpo de tradutores nas três línguas co-oficiais, e há diferentes fatores a serem levados em conta para compreender esta situação. Primeiramente, há diferentes tipos de tradução como, por exemplo, aquela feita numa mesma língua, aquela entre duas línguas diferentes e aquela realizada entre diferentes canais de comunicação. A variação linguística das línguas pelas diferentes calhas nas quais são faladas (nheengatu do Alto Rio Negro, do Baixo Içana, do Xié, por exemplo), a mediação de discussões entre comunidades que falam línguas diferentes e a transposição da cosmovisão de uma população (uma narrativa sobre Ñapirikuli em baniwa, por exemplo) para a escrita ou mesmo para o cinema apresentam, respectivamente, diferentes camadas de tradução. Além disso, as demandas sociais interferem diretamente sobre o que é traduzido para as línguas co-oficiais e das línguas co-oficiais.

Além da tradução de textos escritos, a formação de intérpretes é uma demanda evidente para o serviço público que, mesmo após dez anos de co-oficialização, ainda não implementou tal medida. Uma das argumentações dos prefeitos e vereadores em defesa própria é a falta de profissionais habilitados para exercer esta atividade em postos de saúde, bancos e na própria câmara municipal bem, como para que toda a publicidade municipal também esteja escrita em nheengatu, tukano e baniwa. Outro critério supostamente exigido pela prefeitura para o bom andamento destas políticas linguísticas está relacionado à unificação do padrão ortográfico das três línguas em questão.

A esperança na padronização da escrita

A unificação das grafias tem sido tema discutido ao longo dos últimos anos, por parte da Associação dos Professores Indígenas do Alto Rio Negro (APIARN) e do Conselho dos Professores Indígenas do Alto Rio Negro (COPIARN), com intuito de facilitar a produção de materiais didáticos em nheengatu, tukano e baniwa, fortificando, segundo os professores indígenas, o ensino de línguas indígenas. Há estratégias de tradução contidas nas políticas de escrita, relacionadas, sobretudo, aos usos de palavras emprestadas do português. A comissão da língua nheengatu, por exemplo, adota a letra <v>, devido à presença de empréstimos (*viajari*, *venderi*, etc). O contato com falantes das línguas que

vivem nos países fronteiriços também é imprescindível, uma vez que as fronteiras nacionais entre Brasil, Colômbia e Venezuela são arbitrárias para o intenso fluxo de navegação dos povos indígenas do noroeste amazônico.

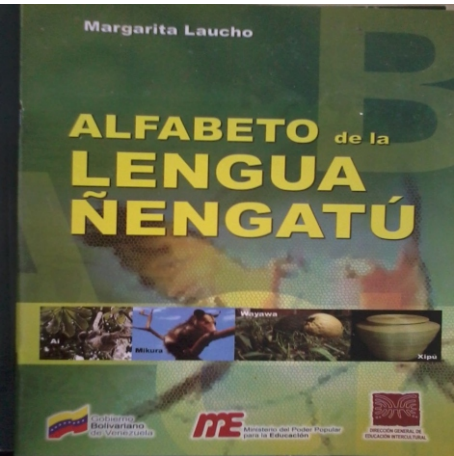
A troca de informações pode auxiliar na tentativa de se chegar a um consenso sobre algumas letras. Não é incomum o choque de gerações entre falantes de nheengatu, que discutem sobre o <nh>, emprestado da grafia em língua portuguesa: os mais velhos preferem nhengatú e os mais jovens, alunos da licenciatura intercultural, propõem yegatu. A grafia venezuelana, ñengatu, talvez possa iluminar este conflito de propostas, uma vez que o contato com a língua espanhola fez com que o <nh> não fosse funcional nos municípios de São Carlos (VEN) e São Filipe (COL), por exemplo.

A produção de materiais didáticos enfrenta um grande desafio: as dificuldades de publicação. A dependência quase que exclusiva da prefeitura e do governo do Amazonas para a edição e publicação de obras quaisquer ainda impede este município de possuir um circuito de livros, que possibilitem o hábito de leitura por parte das populações indígenas e não-indígenas. Além da produção de cartilhas e livros didáticos multilíngues, que contemplem várias temáticas

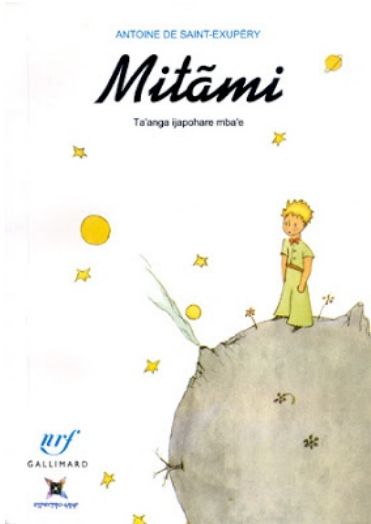
como, por exemplo, saúde, gestão, meio ambiente e educação, a tradução de literatura infanto-juvenil pode ser outra estratégia para a ampliação dos espaços das línguas co-oficiais, tal como realizada com a língua guarani. Dadas estas dificuldades de publicação, qual o sentido das traduções? Certamente, elas não podem prejudicar a produção de textos autênticos nas três línguas

Houve tradução bíblica para as três línguas co-oficiais de São Gabriel da Cachoeira, todas elas realizadas por meio de assessoria do Summer Institute of Linguistics (SIL). O Novo Testamento foi traduzido integralmente ao tukano pela Missão ALEM e ao nheengatu e ao baniwa pela Missão Novas Tribos do Brasil (MNTB). A tradução literalizante dos missionários evangélicos, que tendem a transpor, palavra por palavra, o evangelho para as línguas indígenas, certamente influenciou o letramento e a grafia dessas línguas, por se tratar de um texto que, após publicado, circula com muita fluidez nas mãos de pessoas de diferentes faixas etárias.

No caso da língua baniwa, a grafia de Sophie Müller,



Cartilha venezuelana para alfabetização em yeral ou ñengatu, a língua de muitos brasileiros que imigraram para o município de São Carlos. A possibilidade de haver de vocábulos regionais neste material torna importante o diálogo com os países vizinhos, a fim de ampliar o léxico das línguas indígenas, além das trocas de experiências entre professores e lideranças das diferentes regiões.



Capa do livro “O Pequeno Príncipe”, traduzido para a língua guarani. A tradução de literatura universal pode incentivar o uso da modalidade escrita nas línguas

uma das primeiras missionárias protestantes a realizar traduções na Amazônia, é, ainda hoje, tão influente quanto a grafia do linguista Henri Ramirez, adotada atualmente pela Escola Pamaáli. Semelhantemente, as traduções e as aulas de Henry Loewen e Paulo Carrenho influenciam até os dias atuais o modo como é lido o *nheengatu* no Baixo Rio Içana, onde está localizada a base missionária da MNTB, que prepara uma revisão do *Novo Testamento em nyengatu* (1978). A língua tukano, por sua vez, foi utilizada primeiramente na Colômbia para a tradução do evangelho, que passou por uma adaptação gráfica e lexical para atingir os falantes do triângulo tukano do Brasil. Controvertida, a tradução bíblica costuma privilegiar a conversão religiosa e não o trabalho poético da tradução literária. Trata-se de uma riqueza dos livros bíblicos, pouco experimentada na tradução para línguas indígenas.

Tradução coletiva e metodologia participativa: os desafios frente à urgência do desenvolvimentismo

Acompanhando a metodologia da educação escolar indígena, a proposta de traduções coletivas de textos escolhidos de modo consensual, tal como realizado nos Magistérios Indígenas e nas Licenciaturas Indígenas, traz uma conjuntura da tradução em línguas indígenas um pouco diferente da situação das línguas europeias, permeadas pelos interesses dos grandes complexos editoriais e dos seus tradutores, adaptados muitas vezes aos curtos prazos para entrega dos trabalhos. As traduções coletivas implicam na participação de diferentes tradutores, e talvez esta seja uma alternativa para solucionar os desafios que a tradução individual traz, principalmente em relação à grafia e às palavras a serem utilizadas, de modo que os textos sejam efetivamente lidos e compreendidos por falantes de diferentes regiões.

Foi por meio de uma oficina realizada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM-Campus São Gabriel da Cachoeira) que lideranças, professores, alunos e pesquisadores sugeriram a tradução de documentos oficiais de valor supranacional, tais como a Convenção nº 169 (1989), já traduzida para o guarani kaiowá, terena e tikuna e a Declaração Universal dos Direitos dos Povos Indígenas (2007). Os participantes concordam que é eficaz traduzir documentos de valor legal que

incentivem a conscientização dos povos indígenas em relação à exploração de mão de obra nos garimpos de ouro, ao ingresso em terras indígenas e aos direitos e deveres universais das populações indígenas reconhecidos pela ONU.

Infelizmente, pouco se discute sobre textos traduzidos entre línguas indígenas, pois a tendência ainda é a tradução de materiais em português para as línguas indígenas, e não o contrário. Os órgãos públicos, por sua vez, criam contextos de urgência, nos quais professores são convocados a traduzir, em curtos prazos de tempo, documentos federais. Foi o caso do informativo do Programa Bolsa Família, traduzido em dois dias



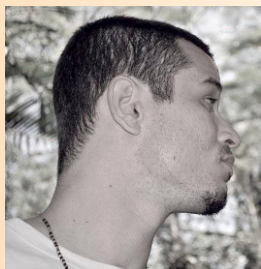
Página informativa do Programa Bolsa Família traduzida para o *nheengatu* em 2002. A presença de muitas palavras em português parece estar relacionada aos fins pragmáticos do texto, evitando o uso de neologismos em contextos nos quais não há palavra na língua indígena.

corridos, pelas professoras Celina e Marlene, para o nheengatu. A demanda por materiais didáticos, a serem compilados e publicados com uma grafia unificada, indica que não basta haver professores indígenas lecionando em tukano, baniwa ou nheengatu, pois muitos deles o fazem utilizando materiais em língua portuguesa, cujo conteúdo não se adequa à realidade do ensino diferenciado.

Por fim, vale destacar que as populações locais, principalmente as do centro urbano do município, ainda não se interessam pela diversidade linguística cultural dos povos indígenas. A promessa desenvolvimentista do progresso afeta o imaginário da cidade mais indígena do país e, ao mesmo tempo, uma das menos assistidas pelo Estado. Talvez esta carência de ações afirmativas mais eficazes impulsione o desprestígio dos povos indígenas e, conseqüentemente, de suas línguas, sendo talvez o principal desafio frente ao fortalecimento das línguas de São Gabriel da Cachoeira. A própria metodologia participativa, presente no movimento indígena do Território Etnoeducacional do Rio Negro e nas traduções coletivas feitas pelos professores indígenas, implica em ações democráticas e experimentais, as quais vão de encontro com a urgência por crescimento econômico.



RAPHAEL CRESPO



Raphael Crespo é natural do Rio de Janeiro. Arte-Educador e músico percussionista especializado em Cultura Popular e Indígena. Há 6 anos atua junto ao Nearin - Núcleo de Escritores e Artistas Indígenas do INBRAPI, prestando serviços em diversos projetos desenvolvidos pelo referido núcleo. É também Vice-Secretário Executivo do Instituto UKA - Casa dos Saberes Ancestrais, instituto de caráter educativo e cultural, dirigido por Daniel Munduruku, e concebido por um grupo de profissionais indígenas e não-indígenas com o objetivo central de prestar serviços na área educativo-cultural proporcionando maior

conhecimento da Lei 11.645/08 que instituiu a obrigatoriedade da temática indígena e afro-brasileira no currículo escolar brasileiro.

Você é índio de verdade?

Ikatureté?

Em 2013 celebramos uma década de existência do encontro de escritores e artistas indígenas.

Passei a maior parte desse tempo acompanhando de perto o grupo de escritores indígenas do NEARIN. Todo ano atendo ao público que chega ao espaço reservado à literatura indígena dentro do maior salão de livros para o público infantil e juvenil do Brasil.

O Encontro Nacional de Escritores e Artistas Indígenas é uma iniciativa do Núcleo de Escritores e Artistas Indígenas do INBRAPI – Nearin. Acontece anualmente desde 2003, no contexto do Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens na cidade do Rio de Janeiro. O encontro, que dura 10 dias, culmina em um seminário de um dia, que faz um balanço da produção literária indígena e conta com a participação de literatos indígenas e não-indígenas do Brasil todo.

Esse evento, além de apresentar tal produção para o público leitor em geral, consegue proporcionar aquilo que os grandes educadores chamam de “condição ideal para a educação”. Há dez anos os organizadores do salão ousaram em reservar um stand exclusivo para a divulgação da literatura indígena. Apesar de todo esse tempo, este espaço ainda causa espanto, curiosidade e deslumbramento naqueles que por lá passam.

Grande parte do público é oriunda de escolas públicas e particulares do Rio de Janeiro. A maioria, claro, só conhece “índio” através dos livros escolares. Eis que nessa ocasião, se deparam com artistas indígenas profissionais, apresentando seus livros, pinturas, cocares, contos, cantos e encantos. Muitos equívocos acontecem nesse contato, e são compreensíveis, pois sabemos das dificuldades históricas que as escolas brasileiras enfrentam para tratar a questão em sala de aula. Contudo, o que acontece nessa oca de livros indígenas pode ser surpreendente e até mágico.

Um dia desses, um dos escritores indígenas que participa do encontro desde a primeira edição me perguntou qual seria a situação mais inusitada que marcasse simbolicamente o evento para nós. Não precisei de muito tempo para eleger aquela que é mais recorrente de todas. Neste relato meio pessoal, meio formal, baseado em minha

experiência com esse evento, e impressões de autores indígenas que participam anualmente desse evento, desejo apenas provocar o leitor a refletir sobre o real sentido desse movimento, para os diferentes povos indígenas brasileiros. Certamente não tenho a pretensão de encerrar o assunto com essas divagações. Nesse sentido, valendo-me do que aprendi com esses artistas indígenas nesses anos que trabalhamos juntos, tentarei projetar um olhar de dentro para fora sobre algumas questões que consideramos relevantes.

Seguindo essa “pisada”, falarei de uma pergunta que ressurge todos os anos nesse encontro, exigindo um grau de compreensão profundo daqueles que são o alvo dela. Confúcio disse: *“Eu não procuro saber as respostas, procuro compreender as perguntas”*.

Diariamente chegam centenas de crianças guiadas por seus professores para visitar o salão do livro. Estão sempre cheias de perguntas pertinentes, algumas com a matéria na ponta da língua e muito interessadas, quando chegam ao nosso *stand* parecem entrar num reino fantástico, onde o Eu é esquecido por um instante. Não demora muito para uma perguntar: “Ei, tu é índio de verdade?”

Esta é a pergunta que não quer calar desde 2003. Como responder a essa pergunta sem relacioná-la à ideia de que existe um “índio de mentira”? Até hoje não encontramos resposta satisfatória para essa questão tão complexa. De cara, essa pergunta traz à tona, toda uma estrutura de pensamento, utilizada para se pensar o autóctone brasileiro há 513 anos. Mas, o que seria um índio de verdade? O que de fato querem saber? Certo dia no salão, um grupo de crianças cercou um escritor indígena, e quase que coletivamente indagaram-no.

- Você é índio de verdade?

O escritor do povo Nambikwara, que participava do encontro pela segunda vez, respondeu de imediato:

- Não, sou de chocolate!

Todos riram, claro. Nesse mesmo dia, uma delas questionou um escritor do povo Maraguá:

- Como é ser índio?

- Não sei. Como é você ser você?

- Eu sou eu, ué!

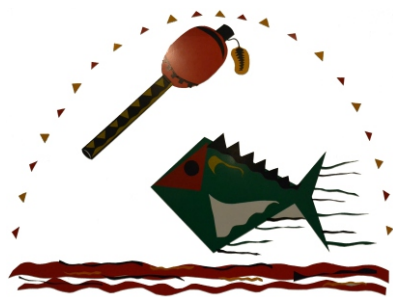
- E eu sou eu, ué! – Brincou o escritor. – Não sei o que é ser índio, nunca soube ser outra coisa além de mim mesmo.

Uma das grandes questões humanas é a tentativa de se pensar o Ser. Heráclito de Éfeso² ao desenvolver o conceito de *lógos*, mostrou que os homens só são adjetivados se comparados a outros. A partir do estabelecimento do Eu, o ser pode assumir uma dupla adjetivação. O homem, portanto, pode ser belo e feio ao mesmo tempo, tudo dependerá da relação que se faz com alguma outra coisa. Que referências externas fariam os brasileiros se sentirem diferentes dos “índios”, entendendo-os como o outro? Seria esse o mesmo entendimento que um estrangeiro comum tem em relação a nós? Os autóctones americanos interagem com o ambiente natural criando cosmovisões distintas, nota-se

2. Héraclito de Éfeso é um filósofo grego que viveu entre 535 a 475 a.C em Jônia, atual Turquia. Seu pensamento era baseado na máxima de que “tudo flui” e tinha o fogo como elemento gerador de todos os outros elementos. (Nota do editor)

que há milênios essas sociedades já pretendiam entender o Ser buscando explicações racionais para os fenômenos da natureza. Ao longo desse caminho passaram a entender a arte como algo que os representa.

Não seria errado dizer que todo indígena, na força de sua cultura, é um artista natural. Desde a mais tenra infância tais indivíduos aprendem a se relacionar com o mundo buscando formas belas. Como disse Darcy Ribeiro em “O povo brasileiro”, é a “vontade de beleza!”. Parece absurdo que em pleno século XXI os indígenas brasileiros ainda sejam entendidos, pela maioria, como seres meramente culturais, essencialmente “bons” e ingênuos. Como incapazes de participar da sociedade pós-moderna sem perderem um suposto estado de pureza. Esse conceito é ainda mais evidente quando se trata de artistas indígenas. Alguns críticos desse movimento afirmam que os “índios” não devem se preocupar em lançar livros, mas, sim, reivindicar suas terras, fechar estradas, fazer passeatas, retomar territórios, e ocupar prédios públicos.



Certamente são assuntos importantíssimos para os povos indígenas como um todo. Entretanto, existencialistas como Jean Paul Sartre³ nos dão a dica de que a individualidade negada ou reprimida em nome do coletivo, assim como a submissão ao inconsciente através de um planejamento social implicará em restrição ou perda total da liberdade.

Por causa desse pré-conceito ainda dominante, inclusive no meio acadêmico, não é de se espantar que indígenas dedicando-se a carreira artística no Brasil provoquem incômodos. Sim, no Brasil, pois sabemos que a literatura indígena não é um fenômeno novo em muitos outros países das Américas. Vale destacar um exemplo interessante que vem do México, lá temos uma indígena do povo Maya famosa por escrever novela para a TV, comparável as grandes autoras de novelas brasileiras. Porque será que no Brasil, onde temos uma das maiores populações indígenas do mundo, escrever livros ainda não é “coisa de índio?” De que “índio” eles estão falando, o de “verdade” ou o de “mentira?”

Daniel Munduruku, hoje com mais de 43 livros lançados por diversas editoras, geralmente inicia suas palestras dizendo: “Eu não sou índio!” Para os que não sabem, a palavra “índio” tem várias definições no dicionário, uma delas é o elemento químico número 49 da tabela periódica, um metal muito utilizado para fazer telas de cristal líquido e lubrificantes.

Este discurso faz muitos professores arregalarem os olhos e encostarem as costas na cadeira, pois revela os estereótipos reforçados nas escolas brasileiras todos os anos. Daniel também demonstra com isso uma necessidade humana de expressar o Ser com liberdade, sem que a individualidade seja negada. Ele segue dizendo: “Eu não falo em nome do povo Munduruku”, afirmando sua autonomia de pensamento.

Não poderia ser diferente, indígenas sempre foram indivíduos autônomos, capazes de produzirem sozinhos ou em parceria com outros, tudo que necessitam ao longo de suas vidas. Essas nações construíram sociedades sem obrigações sociais, mas com responsabilidades sociais.

3. Jean-Paul Charles Aymard Sartre foi um filósofo, escritor e crítico francês, conhecido como representante do existencialismo. Acreditava que os intelectuais têm de desempenhar um papel ativo na sociedade.



É intrigante ver que boa parte dos que defendem os direitos indígenas hoje em dia ignore que o conceito de territorialidade é indissociável da Autonomia. Talvez por isso, para essas pessoas, um “índio” de verdade, por mais bizarro que pareça, seja um ser humano em estado de natureza, que negou totalmente sua individualidade e livre pensamento em nome da cultura. Visto isso, é importante frisar que os povos indígenas não são apenas culturas diferentes, mas sociedades inteiras, distintas e completas em si mesmas.

Aí vão outros casos que ficaram marcados na história desses encontros para ilustrar essa ideia. Certa vez, um grupo de alunos lotou o stand do Nearin. Sem compreender o interesse dos seus alunos, a professora me chama num canto com certo receio e pergunta: - Esses índios aí são “canibais”?

A pergunta feita de forma natural, não era só um comentário tendencioso com ar antropológico. Parecia uma defesa, uma tentativa da mente negar a realidade à sua frente, pela dificuldade em aceitar que estavam na presença de indígenas, sim, mas indígenas escritores. Numa outra ocasião, algumas professoras adentraram nosso espaço só para expressar, em alto e bom som, uma imensa insatisfação por estarem diante de “índios” descaracterizados (vestidos). E não olharam um livro sequer. Porque a decepção? Afinal, estávamos numa Feira de Livro, não numa aldeia. Se fosse diferente, será que não projetariam sobre os “índios” a menos valia por estarem vestidos inadequadamente para a ocasião? Em ambos os casos não soube exatamente o que dizer. A falta de conhecimento delas me causou indignação, mas também comiseração. Mais de 10 lançamentos expostos, e mais de 50 obras de autores indígenas diferentes, não foram suficientes para compensar a frustração das educadoras. Infelizmente temos que admitir que fatos como esses são frequentes, e compõem um triste retrato da educação brasileira. Fez-me pensar que o “politicamente correto” ainda não está valendo para indígenas. Creio que é mais uma prova de que as leis não devem ser pensadas como a única solução para a mudança de comportamento social. A desvalorização da classe, a privatização do ensino de qualidade e a má formação acadêmica contribuem para perpetuar conceitos há muito derrubados. Mas hoje existe Google ao alcance de todos, e não me preocupei em responder aquela questão da forma que esperavam. Apenas lamentei, esperando tocá-las com um discurso inflamado.

A partir dessas experiências pude entender melhor como o índio imaginário das escolas é criado. Inclusive, esse “índio” tem um dia só pra ele no calendário escolar, o famoso 19 de Abril. Outro fato curioso tem a ver com as pessoas emocionadas e orgulhosas, que se dirigem aos autores indígenas para dizer: “Minha bisavó era índia, pegaram ela a laço”. Esperam ingenuamente que isso crie algum tipo de intimidade com aquele ilustre desconhecido de quem só ouviram falar. É lamentável nunca terem ouvido falar do período das “Correrias”, sem dúvida evitaria constrangimentos de ambas as partes. Aparentemente, a desilusão com o mundo pós-moderno e a crise da razão fortaleceram o mito do “bom selvagem”. A ideia de “índio” virou o último refúgio para o conceito de ser humano puro. Muitos militantes da causa lutam para que os “índios” sejam “protegidos” dos males da sociedade de mercado, acreditando que assim

permanecerão puros. Ignoram com isso, toda a experiência que esses povos têm em comércio, economia e diplomacia desde tempos imemoriais no continente hoje chamado América. Parece mais um alívio de consciência, dos que introjetam a culpa por alguém ter roubado a terra dos “índios” e criado a cidade onde moram e os bens de consumo de que usufruem diariamente. Notamos isso claramente quando descobrimos que certos autores indígenas são cristãos ou foram morar na cidade, pois é aí que essas pessoas passam a ter certeza de que não são mais indígenas. Mesmo que tenham continuado a defender suas culturas tradicionais, apesar de todo histórico de contato entre seus povos e a sociedade não-indígena. Todos esses equívocos geram um outro fenômeno que a filósofa Ayn Rand⁴ chamou de “ataque às habilidades”. Esses “índios” são atacados, não por serem incompetentes no que fazem e, sim, pelo contrário disso. Por terem sido bem sucedidos junto à sociedade não-indígena, sem depender de movimentos sociais, ONGs indigenistas, FUNAI, etc.

Talvez exista aí uma tentativa de fazer parecer que esse indígena bem sucedido na carreira artística é necessariamente descompromissado com seu povo de origem. Elegem, então, a figura do índio espiritual e ativista, como a mais aceitável. Mesmo que essa visão, também, seja consequência de conceitos políticos externos impostos às culturas indígenas. Em meados dos anos 1980 para cá, surgiram escritores indígenas trazendo um jeito próprio de fazer literatura, indo além da cartilha escolar diferenciada. Inauguraram então a chamada “literatura indígena”. Apoiados no conceito de “oralitura” se apropriaram da linguagem escrita para justificar a criação de uma literatura local que representasse suas tradições, e os modos de ser indígena. Criando uma representação estética da resistência desses povos. Estabeleceram, através desse meio, um diálogo direto com o não-indígena, sem necessidade de intermediários. Não demorou para que outros indígenas percebessem que aquele objeto, o livro, poderia ser mais um aliado na garantia da continuidade dos saberes tradicionais indígenas. Graças a essa linguagem comum que é a literatura hoje podemos ter um contato mais próximo com a formação de diferentes sociedades indígenas, não mais exclusivamente pelos trabalhos acadêmicos ou de romances não-indígenas. E sem a necessidade de irmos em todas as aldeias dos mais de 250 povos indígenas brasileiros, para termos uma ideia sobre o que é ser “índio”.

Numa conversa informal no *stand* do NEARIN, indaguei ao escritor Roni Wasiry, do povo Maraguá, se ele não ficava irritado com tantas projeções errôneas sobre o ser indígena. Falei de pessoas que muitas vezes não conseguiam pronunciar seu nome, mas que acreditavam saber quem ele é, só por se tratar de um “índio”. Ele me respondeu mais ou menos assim: - Meu avô me ensinou que os “brancos” querem tudo pra eles, pegam e guardam pra si, ao contrário do indígena que simplesmente deixa as coisas passar, sem reter, sem apegos. Entendi, com isso, o porquê de nunca brigarem, mas sempre brincarem com o público quando percebiam essa fragilidade.

Como no caso daqueles que vão ao *stand* só para pedir aos “índios” que lhes façam

4. Ayn Rand, nascida Alissa Zinovievna Rosenbaum, (São Petersburgo, 2 de Fevereiro de 1905 – Nova Iorque, 6 de Março de 1982) foi uma escritora, dramaturga, roteirista e controversa filósofa norte-americana de origem judaico-russa, mais conhecida por desenvolver um sistema filosófico chamado de Objetivismo. (nota do editor)

uma pintura corporal, sem dar muita importância para o que eles escreveram em seus livros. Muitas vezes, o mesmo grafismo ganhou diferentes significados, somente para satisfazer a necessidade interna que cada um demonstrava. Entretanto, ninguém sai sem uma explicação, mesmo que essa traga mais dúvidas do que respostas. Essa resposta do Wasiry não deixa dúvida sobre como as sociedades indígenas aprenderam a encarar o devir com tranquilidade. No final, parece que todas essas pessoas só querem levar alguma coisa que os faça parecidos com o “índio”, ao mesmo tempo se defendem reafirmando velhos estereótipos como se fossem novos. Talvez temendo ficarem parecidos demais com esse ser imaginário pouco falado em casa, na escola ou na TV.

Paulo Freire dizia que ninguém muda ninguém mas ninguém se transforma sozinho, ou seja, nos transformamos no atrito entre diferentes realidades. Por tudo isso que vimos ao longo desses anos, acredito que esses eventos são sem dúvida momentos de um encontro adiado por mais de 500 anos, radicalmente transportado para o agora. E, quando acontece, as lágrimas são inevitáveis, um tanto melancólicas, é verdade, assim como as águas dos rios por onde navegam muitos desses autores. O conhecimento nem sempre é doce, mas como disse um grande artista brasileiro, “um passo e não estamos mais no mesmo lugar”. Pinturas, desenhos, conversas, risos, lágrimas e histórias que reconectam o humano ao húmus, a ele mesmo. Através da literatura, todos que por ali passaram nesses anos de encontros e desencontros foram tocados de alguma maneira. De tal forma, que não saíram os mesmos de quando entraram. Daí outra pergunta vem à m e n t e : “Agora, você é de verdade?”

Para mim, o grande diferencial desse grupo de artistas indígenas é o poder de transformação consciente do ser, pelas histórias que passam a viver naqueles que entram em contato com elas. Fazendo-os entender aquilo que o poeta Rimbaud disse em vida, “Eu, é um outro”. Um outro sempre idealizado e muito exigente. Hoje a literatura indígena é uma realidade inquestionável, a cada dia surgem novos representantes, temos até famílias inteiras criando uma nova tradição de escritores. Todos os que apóiam a literatura dos povos indígenas esperam que através dela os brasileiros entendam que as sociedades indígenas são dinâmicas e mutáveis, como qualquer outra sociedade. E que seus saberes milenares, sirvam de contribuição positiva para a construção de uma verdadeira nação brasileira, mais justa, mais digna, e mais inteligente. Ao passo que a sociedade brasileira demonstra, “globalizando-se”, uma extrema dificuldade de se reinventar mantendo uma identidade própria. No contra-fluxo da história, os autodeclarados “índios em movimento” provam a cada dia que podem ser como nós, sem deixar de serem eles mesmos. E a cada ano, com a paciência do Jabuti e a leveza do beija-flor, seguimos.

Até o próximo encontro.



RESENHAS: UM OLHAR CRÍTICO

Por Tiago Hakiy

CONTOS DA FLORESTA

Yaguarê Yamã

São Paulo: Peirópolis, 2012.

Yaguarê Yamã, novamente nos brinda com mais um livro, sua forma de escrever cada vez mais envolvente: leve, profunda e necessariamente revestida pela tradição do seu povo, dos seres encantados e naturalmente pelo grafismo da cultura dos que preservam a memória.

Neste livro, intitulado «Contos da Floresta», lançado pela editora Peirópolis, Yaguarê conta seis histórias, dividida em duas partes: Mitos e Lendas. Fiel ao amadurecimento de sua escrita, o autor conversa com o leitor de forma sublime e apresenta um mundo de seres encantados, o sobrenatural ganhando forma, vida e cor.

Na primeira parte «Mitos» são contadas as seguintes histórias: «História do Kãwéra», «As Makukáwas» e «Histórias do Mapinguary». A primeira fala do ser alado, conhecido como Kãwéra, guardião de um lugar sagrado cheio de animais de caça. O ser protege o lugar contra o ataque indiscriminado de certos caçadores, sem alma, sem coração.

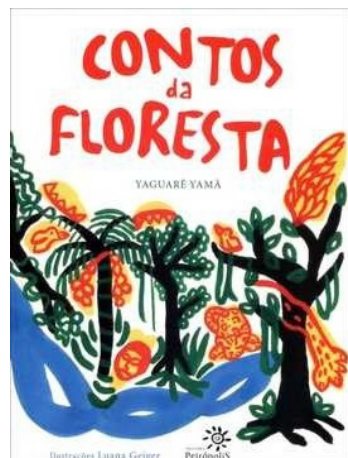
A segunda história, «As Makukáwas», respinga um pouco sobre o caçador que caçou deliberadamente bastante estes pássaros e os deixou para a sua esposa depenar sozinha e que depois de reclamar bastante ganha a ajuda de um homem com pés de pássaro, ávido em arrancar as penas e fazer o trabalho com precisão.

A terceira história descreve o Mapinguary, mostro peludo com uma boca enorme, que caminha pela floresta e vez por outra assusta aqueles que não respeitam os segredos da mata.

Nas três histórias, podemos encontrar elementos extraordinários, o olhar que está além do real, que para os povos indígenas podem existir naturalmente e certamente são capazes de ensinar a respeitar os segredos da floresta, entender os mistérios e sentir parte dos segredos da mata.

A segunda parte, intitulada «Lendas», também é composta por três histórias. Sendo que a primeira narra a história do Pescador e a anca. Um pescador nato, o outro caçador de mãos cheias; um querendo seu alimento e podendo ser o alimento, o outro facilitando o alimento e querendo alimento, os dois se tornam companheiros para buscar o que desejam.

A segunda, cujo título é «O Bicho e o casamento», conta a história de um homem que tinha quatro filhas, todas lindas e encantadoras como a lua cheia, cheirosas como as flores de manacá. Sempre cortejadas, mas nunca que elas arranjavam um casamento, pois sempre acontecia algo. Até aparecer um rapaz que, para casar com uma das filhas, tinha a dura missão de matar o determinado bicho que sempre assustava os pretendentes que desejam casar com as filhas daquele homem.



A última história, intitulada «Dois velhos surdos», navega no rio das visagens, descrevendo de forma arrepiante casos de assombração destes seres do mundo do além. As visagens e os velhos surdos, sozinhos na aldeia abandonada, os únicos que não fugiram, ficaram ali na solidão da surdez. A ignorância de certos fatos fez com que ambos ficassem ali, companheiros no escuro do silêncio, na insignificância do barulho.

O único pecado do livro, certamente, são as ilustrações: estão aquém dos textos, a ilustradora não soube ler e nem navegar nas águas da essência das histórias.

Navegando nas brisas encantadoras destas histórias escritas por Yaguarê, o leitor irá descobrir praias mágicas, águas que conversam com o tempo e a tradição. Peguem suas canoas, este rio de histórias apresentadas por este escritor lhes apresentará sonhos que lhes farão acreditar no extraordinário.

UM DIA NA ALDEIA

Daniel Munduruku

São Paulo: Melhoramentos, 2012.



Um dia na aldeia, um dia a mais para ser vivido, contemplado, pintando a vivências de seus momentos no quadro das experiências da vida. Um dia na aldeia. Será que foi diferente de outro dia? O que trouxe de novo? Será que o sol caminhou por caminhos diferentes no céu? Ou será que uma brisa com carinho singular veio visitar a aldeia?

Certamente este “Um dia na Aldeia”, escrito por Daniel Munduruku, tem as suas singularidades. O livro tem como personagem central Manhauari, um garoto do povo Munduruku, cheio de curiosidades, cheio de perguntas, mas que vai de forma natural (pois é assim na aldeia) descobrindo os saberes milenares que guiam os caminhos do seu povo.

- “Mãe porque temos que todo dia tomar banho e depois fazer as refeições matinais?”

- “É assim mesmo filho. Quando você crescer, vai entender: o banho matinal é para tirar da gente as coisas ruins que a noite pode trazer. Além disso, repetir as mesmas ações sempre nos ajuda a ficar atentos às coisas que podem nos surpreender.”

Para os povos indígenas, tudo tem um significado, uma história a ser contada, ou vivida. Sempre se resgata alguma experiência de algum acontecimento, contudo, deve-se respeitar o ciclo natural e escutar os recados trazidos pelos ventos da ancestralidade.

É esta assimilação natural dos saberes tradicionais, que o pequeno Manhauari vai recebendo ao longo da construção do livro, aprendendo a entender que tudo tem seu tempo e que tudo deve ser seguido em sintonia com o momento vivido, em harmonia com o tempo e com a natureza. Sabendo que cada um tem que fazer sua parte, respeitando as tradições, sendo assim, cada um contribui para manter o céu suspenso.

O livro traz um recado claro para os pais da cidade; para que estes não permitam que as ações dos seus filhos atropelem o tempo natural das coisas. Que tomem as mãos de seus filhos e permitam que estes possam seguir o curso natural da vida, sem pressa,

sem torná-los adultos antes do tempo necessário.

O livro é autoral, reflete as vivências tidas pelo autor quando criança, lá no coração da floresta amazônica, no meio do povo Munduruku. Daniel escreve com maestria, a construção dos parágrafos é carregada por uma sonoridade poética que encanta o leitor. A viagem pelo rio que presenteia este livro torna-se mais encantadora com as ilustrações assinadas por Mauricio Negro, a viagem ao rio das tradições do povo Munduruku fica mais completa.

TEKOA, CONHECENDO UMA ALDEIA INDÍGENA

Olívio Jekupé

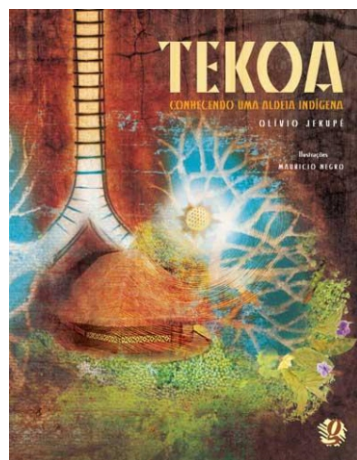
São Paulo: Global, 2011.

Tekoa narra a aventura do menino urbano, foi escrito em primeira pessoa por Olívio Jekupé, escritor indígena pertencente ao povo Guarani. Olívio nos brinda com maestria uma história de aprendizagem, encantamento por um garoto, com veias da cidade grande, que descobre que além de prédios enormes de sua cidade, em outros lugares existem pessoas que vivem no paraíso, feito de simplicidade e natureza.

Eduardo é um menino que mora em São Paulo, uma das maiores cidades do mundo, um emaranhado de ruas asfaltadas e prédios que tocam as nuvens. Quando ouvia falar dos povos indígenas, vinha, no menino urbano, uma imensa vontade de conhecer estes povos, com a permissão de seu pai, e em companhia do mesmo, rumo em direção a uma aldeia do povo Guarani, que fica aproximadamente uns cento e cinquenta quilômetros de São Paulo, mundo tão diferente do seu. No caminho já se inicia seu deslumbramento pelo quadro belo que a natureza vai lhe presenteando: seus ouvidos, acostumados com o barulho dos carros, se encantam pelo cantar dos pássaros; seus olhos, que apenas viram prédios enormes, casas feitas de tijolos, ônibus lotados de pessoas, ficam absortos frente à beleza única presenteada pela natureza: rios, árvores, pássaros voando, etc. O estranhamento frente a este mundo tão diferente do seu fica claro ao lermos o trecho “ Meu pai parou em frente a uma casinha simples, de onde saiu um casal e uma criança que devia ter uns cinco anos, notei que o casebre tinha paredes de madeira e barro e uma cobertura de sapé com telhado. Foi a primeira vez que vi de perto uma casa dessas, que só via nos livros e revistas” (p.5) e logo a seguir ele também afirma “ Caminhamos pela mata, tudo lindo demais, a natureza toda ao redor, o canto dos pássaros e um silêncio profundo misturado ao cheiro da terra”(p.6).

A mudança brusca de espaço impressiona o garoto. Ele fica sabendo e entendendo um pouco de como é a vida do povo guarani dentro da aldeia, conhece outros garotos que falam uma língua que ele não entende, mas que também sabem o Português, vê muitos pássaros cujo nome desconhece, mas sua companhia, um curumim guarani, vai lhe ensinando o nome de cada pássaro, das árvores, dos peixes.

O pai de Eduardo volta à cidade, deixando o seu filho para passar um mês na aldeia, para conhecer um pouco dos costumes e tradições locais. Eduardo fica na casa do pajé, que indica seu filho para ser companhia do menino nas aventuras pela aldeia. Com a

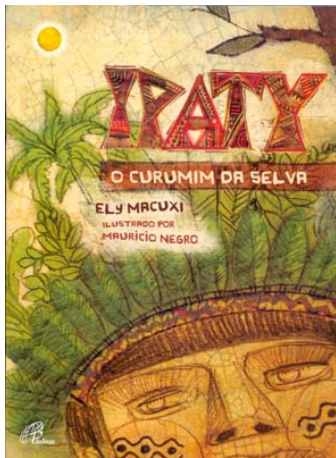


passagem dos dias, as perguntas que o garoto fez a si próprio, ao chegar, vão sendo respondidas: “Podemos aspirar os perfumes da mata?, ouvir a melodia dos passarinhos e sentir aquela mesma serenidade numa cidade grande como São Paulo?” (p.13). Ele descobre que não, sabe que aquela beleza singular só pode ser sentida e percebida sob as sombras das árvores da floresta, que vai lhe presenteando um mundo mágico, que até aquela data ele não sabia que existia. Com isso ele aprende um pouco mais da cultura do povo guarani: quando se conhece, se aprende a respeitar, e também a cuidar.

IPATY O CURUMIM DA SELVA

Ely Macuxi

São Paulo: Paulinas, 2010.



Ipaty, o curumim da selva, é a primeira obra de Ely Macuxi, que descende do povo Macuxi de Roraima. O autor é professor, como resultado, tem vários artigos sobre educação publicados em veículos especializados. As ilustrações são feitas por Mauricio Negro e trazem uma riqueza poética ao livro, deixando a leitura mais envolvente.

A escrita do autor é leve, com uma profundidade suave, mas com um terno sopro de poesia escondida nos parágrafos. O leitor navega em cada capítulo de forma suave e vai descobrindo, assim, as sensações vividas pelo personagem-narrador Ipaty.

Ipaty gosta de aventuras, de ouvir o canto dos pássaros, de nadar nas águas do rio, gosta de ser curumim da selva. Ele é indígena Macuxi, povo que mora em um lugar paradisíaco, como afirma o pequeno Ipaty – “O lugar onde nasci e me criei é cheio de montanhas e vales, formado por serrados e florestas. Nesse grandioso mundo, nós índios, não só vivemos bem com os animais e os pássaros, como podemos caçar e coletar mel e frutas silvestres à vontade. Nossa aldeia fica bem no pé da serra, e daqui podemos ver as altas montanhas tocarem o céu”.

É nesse ambiente de floresta, de contato com a natureza e com os animais, que Ipaty vive suas aventuras. Cada ambiente lhe faz um convite, mostra algo. Catando jabuti, nadando nos lagos para se refrescar no verão, correndo atrás das pacas, em qualquer lugar da floresta tem sempre uma aventura para se viver.

Ipaty cresce curumim solto, como crescem os meninos que vivem na selva. Com outros curumins ele inventa diversão, como subir e descer de uma árvore que tenha marimbondos para desafiar um ao outro, para ver quem não pega nem uma ferrada, ou mesmo pular lá do alto de uma castanheira nas águas do rio.

Ipaty conta suas aventuras de forma a deixar que o leitor se sinta vivendo como personagem daqueles momentos. Faz qualquer menino querer pular das árvores no rio, caçar os animais de carne vermelha. É tão encantadora cada aventura vivida por este pequeno indígena do povo Macuxi, que nos envolve em plenitude.

O livro nos faz sentir o vento da liberdade que abraça aqueles que sabem viver a bela infância de um curumim da selva.

(...)

Brillan los canales
en las antiguas lámparas
de hierro
y en los puentes levadizos
Creo ver un tulipán azul
un molino cuyas aspas giran
y despegan
Tenemos deseos de volar;
¡Vamos!, que nada turbe
mis sueños - me digo
Y me dejo llevar por las nubes
hacia lugares desconocidos
por mi corazón.

(Elicura Chihuailaf - poeta
mapuche)



(...)

Brilham os canais
nas antigas lamparinas
de ferro
e nas pontes levadiças...
parece que vejo uma tulipa azul
um moinho cujas hélices giram
e se soltam...
Sinto vontade de voar:
- Vamos!, nada poderá turvar
meus sonhos! - digo.
E logo me deixo levar pelas nuvens
até chegar a lugares desconhecidos
de meu coração...



GRUPO DE PESQUISA
LETRA

